



EDUCAÇÃO

ESCOLA SUPERIOR
POLITÉCNICO SETÚBAL

SÍLVIA MARIA
RIBEIRO GOMES

**POLÍTICAS CULTURAIS E JUVENIS
NO CONCELHO DE GRÂNDOLA E
OS DESAFIOS DA PARTICIPAÇÃO
JUVENIL**

Relatório de Dissertação do Mestrado em
Educação, Práticas Artísticas e Inclusão

ORIENTADOR

Professor Doutor, António Ângelo Vasconcelos

dezembro, 2024

SÍLVIA MARIA
RIBEIRO GOMES

**POLÍTICAS CULTURAIS E JUVENIS
NO CONCELHO DE GRÂNDOLA E
OS DESAFIOS DA PARTICIPAÇÃO
JUVENIL**

JÚRI

Presidente: Professora Doutora Ana Luísa Oliveira
Pires, Escola Superior de Educação, Instituto
Politécnico de Setúbal

Orientador: Professor Doutor António Ângelo
Vasconcelos, Escola Superior de Educação, Instituto
Politécnico de Setúbal

Vogal: Professora Doutora Carla Cibebe Figueiredo,
Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico
de Setúbal

dezembro, 2024

"Eles não sabem, nem sonham, que o sonho comanda a vida.
Que sempre que um homem sonha, o mundo pula e avança,
como bola colorida entre as mãos de uma criança."

António Gedeão, in "Pedra Filosofal"

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, à minha família pelo apoio incondicional, paciência e carinho ao longo de todo este percurso. Vocês foram a minha força nos momentos mais desafiadores.

Ao meu orientador, sou grata pela orientação e por compartilhar seu conhecimento de forma tão generosa.

Aos meus colegas de trabalho, pelo incentivo e companheirismo, que tornaram esta caminhada mais leve, o meu sincero obrigado.

À minha amiga Lina, que, mesmo longe, esteve sempre presente, oferecendo apoio e ouvindo as minhas dúvidas.

E, por fim, um agradecimento às associações, aos jovens e às entidades que colaboraram com este trabalho, fornecendo informações valiosas e sendo fundamentais para a realização deste projeto.

A todos, o meu muito obrigado pelo apoio. Este trabalho também é fruto da vossa ajuda.

RESUMO

A presente dissertação insere-se no Mestrado em Educação, Práticas Artísticas e Inclusão, com o objetivo de compreender como os jovens se relacionam e qual é a sua percepção das políticas culturais e juvenis no concelho de Grândola, centrando-se nos desafios que afetam a participação juvenil em contextos de baixa densidade populacional. Fundamentando-se em quatro conceitos centrais – juventude, políticas públicas, educação e participação. Esta investigação parte da premissa de que as políticas culturais e juvenis podem ser uma ferramenta para a inclusão social dos jovens, especialmente quando articuladas com práticas educativas e artísticas.

A metodologia adotada foi de natureza qualitativa, com recurso à pesquisa documental, inquéritos por questionário e entrevista através de focus group com jovens locais. Estas ferramentas permitiram recolher dados detalhados sobre as percepções dos jovens acerca da oferta cultural e juvenil disponível e da sua participação nas atividades promovidas pelo município.

Os resultados apresentam a visão dos jovens sobre a criação de políticas públicas que os envolvam diretamente na sua conceção e execução, propondo a diversificação da oferta cultural e juvenil e a implementação de estratégias educativas que estimulem a criatividade, o pensamento crítico e a cidadania ativa. Conclui-se que a participação juvenil e a inclusão social podem ser melhoradas através da integração das práticas artísticas no âmbito educacional, promovendo, assim, uma transformação social e o desenvolvimento sustentável das comunidades juvenis.

Palavras-chave: juventude, políticas culturais, participação, inclusão social, educação

ABSTRACT

This dissertation is part of the Master's in Education, Artistic Practices, and Inclusion, aiming to understand how young people relate to and perceive cultural and youth policies in the municipality of Grândola, focusing on the challenges affecting youth participation in low-population-density contexts. It is based on four central concepts – youth, public policies, education, and participation. This research assumes that cultural and youth policies can be a tool for the social inclusion of young people, especially when combined with educational and artistic practices.

The methodology adopted is qualitative, involving documentary research, questionnaire surveys, and interviews through focus groups with local youth. These tools enabled the collection of detailed data on young people's perceptions of the available cultural and youth offerings and their participation in activities promoted by the municipality.

The results reflect the youth's views on creating public policies that directly involve them in their design and implementation, proposing the diversification of cultural and youth offerings and the implementation of educational strategies that foster creativity, critical thinking, and active citizenship. It concludes that youth participation and social inclusion can be enhanced through the integration of artistic practices within the educational framework, thereby promoting social transformation and sustainable development of youth communities.

Keywords: youth, cultural policies, participation, social inclusion, education

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	4
RESUMO	5
ABSTRACT	6
LISTA DE ABREVIATURAS/SIGLAS	9
ÍNDICE DE FIGURAS	10
ÍNDICE DE TABELAS	10
ÍNDICE ANEXOS	10
CAPITULO 1	17
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	17
1.Políticas Públicas de Juventude	17
1.1. Juventude: Perspetivas	17
1.2. Políticas públicas	19
1.2.1. Políticas de Juventude	20
1.2.2. Participação dos jovens.....	25
1.2.3. Políticas culturais	27
1.2.4. Estratégias, Políticas e Práticas Culturais e os Jovens.....	30
1.3. Práticas Artísticas, Culturais e de Lazer Juvenis	32
1.3.1. Práticas de sociabilidade e lazer juvenis	32
1.3.2. Práticas artísticas e inclusão social e cultural.....	35
1.3.3. Práticas artísticas, a escola e as associações.....	37
CAPITULO 2	41
METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO	41
2.1. Opções metodológicas	42
2.1.1.Ética na Investigação qualitativa	46
2.2. Técnicas e instrumentos de recolha de dados	49
2.2.1. Pesquisa documental.....	49
2.2.2. Inquérito por questionário.....	50
2.2.3. Focus Group.....	52
2.3. A análise e tratamento dos dados	53
CAPITULO 3	56
APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS	56
3.1. Contexto e participantes do estudo	56

3.1.1. Local do estudo	56
3.1.2. Caracterização dos participantes do estudo	59
3.2. Comunicação e tecnologias	62
3.3. Lazer e tempos livres.....	66
3.2.1. Práticas Desportivas e Artísticas	70
3.4. Participação em eventos culturais.....	73
3.5. Programas direccionados para os jovens	78
3.6. Associações juvenis e participação social.....	82
CAPITULO 4.....	86
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	86
BIBLIOGRAFIA	96
Anexos.....	105

LISTA DE ABREVIATURAS/SIGLAS

CENFIM – Centro de Formação Profissional da Indústria Metalúrgica e Metalomecânica

CMJ – Conselho Municipal de Juventude

COVID19 - Coronavírus da Síndrome Respiratória Aguda grave 2 (SARS-CoV-2)

EPDRG – Escola Profissional de Desenvolvimento Rural de Grândola

EU – União Europeia

ONGs – Organizações não Governamentais

ONU – Organização das Nações Unidas

PMJ – Plano Municipal de Juventude

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Idade dos Participantes	60
Figura 2 - Ano de escolaridade	61
Figura 3 - Utilização de equipamentos Tecnológicos.....	63
Figura 4 - Utilização das Plataformas de Comunicação	65
Figura 5 - Ocupação dos Tempos Livres	67
Figura 6 - Atividades de Lazer	69
Figura 7 - Utilização de Equipamentos Desportivos	71
Figura 8 - Qualidade da oferta de Atividades direcionadas para jovens ...	80
Figura 9 - Causas da não participação em associações juvenis.....	82
Figura 10 - Causas da não participação em projetos de voluntariado	85

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Habilitações literárias dos pais.....	62
Tabela 2 - Frequência de participação nos eventos culturais do concelho promovidos para a população em geral	74
Tabela 3 - Frequência de participação nos eventos culturais fora do concelho promovidos para a população em geral	75

ÍNDICE ANEXOS

Anexo A - Convite	106
Anexo B - Consentimento Informado, Livre e Esclarecido para a Participação em Investigação.....	108
Anexo C - Matriz do Questionário.....	109
Anexo D - Questionário	119
Anexo E - Matriz Focus Group	132
Anexo F - Declaração de Consentimento Informado para a Participação em Entrevista Áudio	133
Anexo G - Transcrição do Focus Group 1	134
Anexo H - Transcrição do Focus Group 2	148

INTRODUÇÃO

Este trabalho incide sobre a compreensão das práticas culturais, juvenis e de lazer dos jovens no concelho de Grândola, procurando identificar as áreas de interesse, as percepções e o envolvimento dos jovens nas atividades culturais e juvenis locais, assim como a sua percepção das políticas culturais e juvenis no concelho de Grândola, centrando-se nos desafios que afetam a participação juvenil em contextos de baixa densidade populacional.

A escolha do tema desta dissertação resulta de uma interseção entre a minha formação académica, a minha experiência profissional e a vontade de contribuir para a melhoria das políticas culturais e juvenis no concelho de Grândola. Com uma licenciatura em Animação Sociocultural, sempre me interessei pela forma como as práticas culturais podem servir como ferramentas de inclusão social e promoção da cidadania.

Durante uma parte significativa da minha carreira, trabalhei no Gabinete de Juventude do Município de Grândola, o que me proporcionou um conhecimento dos desafios enfrentados pelos jovens no concelho de Grândola. Esta experiência profissional, dotou-me de ferramentas, que me ajudaram a estar mais sensível para as questões relacionadas com a juventude, especialmente em concelhos como o de Grândola, onde o acesso a eventos culturais que sejam do interesse dos jovens podem ser limitados. Por outro lado, a ausência de mecanismos de participação dificulta o envolvimento dos jovens nas decisões que afetam o seu dia a dia.

Atualmente a exercer funções na Divisão de Cultura e Desenvolvimento Social do Município de Grândola permitiu-me observar, de forma privilegiada, como as políticas públicas podem ser otimizadas para criar oportunidades significativas de envolvimento da população. A responsabilidade pelo apoio às associações culturais e juvenis reforçou a minha confiança de que uma oferta de atividades culturais ajustadas às expectativas e realidades dos jovens e a implementação de programas juvenis, são cruciais para a sua inclusão social.

Através destas experiências, desenvolvi um compromisso pessoal e profissional de contribuir para o desenvolvimento de políticas públicas que respondam de forma funcional às necessidades do território onde me insiro, oferecendo-lhes espaços de inclusão, participação e desenvolvimento pessoal.

Foi este cenário que me motivou a seguir o Mestrado em Educação, Práticas Artísticas e Inclusão e a realização deste estudo, que reflete, não só um interesse acadêmico, mas também um compromisso pessoal com a melhoria das condições para a juventude.

Além disso, o desenvolvimento de competências críticas, estéticas e cívicas nas novas gerações é essencial para garantir a sustentabilidade e inovação nas dinâmicas culturais das comunidades (Madureira et al, 2024).

Deste modo, esta dissertação parte do pressuposto de que a articulação entre a educação, as práticas artísticas e a inclusão são essenciais para promover uma transformação social significativa, uma perspectiva que está no cerne do mestrado e das suas linhas orientadoras.

Neste contexto, a presente dissertação tem natureza qualitativa, do tipo exploratório e descritivo, que pretende realizar um levantamento de informação sobre as áreas de interesse, hábitos culturais e de lazer, bem como compreender se a oferta da programação cultural e juvenil, vai ao encontro das expectativas dos jovens do concelho de Grândola. Procurando averiguar, o conhecimento que os jovens possuem das políticas culturais e juvenis, e apelar ao seu sentido cívico e crítico, ao solicitar a sugestão de novas práticas e projetos que podem ser introduzidos a nível municipal.

A pertinência temática deste estudo reflete-se em várias dimensões. Uma das dimensões está relacionada com a juventude como categoria social, que tem vindo a assumir um papel central nas discussões políticas e académicas, sendo considerada um agente de transformação nas sociedades contemporâneas. A análise de diversos autores, demonstra que a juventude não é um grupo homogêneo, mas uma categoria plural e diversa, cujas necessidades variam de acordo com os contextos

socioeconómicos e culturais (Pais, 1990; Maia, 2010; Pappámikail, 2022). A Estratégia da União Europeia para a Juventude - 2019-2027 (CUE, 2018) reforça a ideia de que as políticas culturais e de juventude promovem a participação ativa dos jovens em todos os níveis de decisão que afetam as suas vidas. Em Portugal, o II Plano Nacional para a Juventude - 2022-2024 (RCM, 2022) evidencia a importância de incluir os jovens como protagonistas na construção das políticas públicas, com especial ênfase na sua emancipação e participação cívica. Neste sentido, o tema desta dissertação alinha-se com estas orientações, ao investigar de que modos os jovens de Grândola interagem com as políticas culturais e juvenis do Município de Grândola.

Pretende-se identificar as práticas culturais juvenis que mais contribuem para a inclusão e participação dos jovens e como estas podem ser potenciadas pelas políticas locais. Em termos específicos, o estudo procura responder a três questões principais: (1) De que forma os jovens de Grândola interagem com as políticas culturais e juvenis do município? (2) Em que medida a oferta cultural e juvenil local reflete as aspirações e interesses da população jovem? (3) Que ajustes podem ser feitos para promover uma maior inclusão e participação dos jovens?

Este trabalho está organizado em quatro capítulos. No primeiro capítulo, são explorados os conceitos-chave que sustentam este estudo: juventude, políticas culturais, participação, inclusão social e educação. Este estabelece o quadro conceptual e teórico que orienta a investigação. A reflexão inicia-se com uma revisão das diferentes definições de juventude, destacando a variedade de perspetivas teóricas, desde as visões geracionais até às classistas, que consideram a juventude como uma construção social moldada por contextos específicos (Rocha et al., 2022). Além disso, o capítulo aborda as políticas públicas, centrando-se nas políticas de juventude e nas políticas culturais, explorando como estas se têm transformado em Portugal e na União Europeia. Esta fundamentação é essencial para contextualizar o estudo e para compreender como as políticas culturais podem influenciar as práticas e a participação dos jovens.

Outro ponto crucial discutido no capítulo é a participação juvenil. A Declaração de Lisboa +21 e a Estratégia da União Europeia para a Juventude 2019-2027 (CUE, 2018) sublinham a importância de envolver os jovens em todas as fases da formulação de políticas, promovendo a participação cívica. As políticas culturais são outro tema central, com ênfase na necessidade de democratizar o acesso à cultura e promover a democracia cultural, onde os jovens não são apenas consumidores, mas também criadores e agentes transformadores. O capítulo cita estudos como o Inquérito às Práticas Culturais dos Portugueses (Pais, 2020), Juventude(s) do local ao nacional: que intervenção? (Vieira & Ferreira, 2019), A juventude do seixal - Um contributo para a sua caracterização (Figueiredo et. al, 2021), que revelam desigualdades no acesso à cultura, reforçando a importância de políticas culturais inclusivas que levem em consideração as necessidades dos jovens. A educação surge como um pilar essencial na promoção da inclusão social e no desenvolvimento juvenil. O capítulo discute como as políticas educativas podem ser integradas às práticas culturais para oferecer aos jovens oportunidades de crescimento pessoal e criatividade. A educação artística, em particular, é vista como uma ferramenta poderosa para promover o pensamento crítico e a expressão individual. O capítulo termina com uma análise sobre as práticas artísticas e o seu papel na inclusão social. As práticas artísticas são apresentadas como meios de integração e desenvolvimento para jovens em situação de vulnerabilidade ou exclusão. A inclusão social, discutida ao longo do capítulo, é vista como um objetivo primordial das políticas públicas, que, ao envolver os jovens nas práticas culturais, juvenis e educativas, podem contribuir para uma sociedade mais justa e participativa.

O Capítulo 2, descreve o desenho metodológico utilizado na investigação. A escolha de uma abordagem qualitativa reflete a necessidade de obter uma compreensão das experiências e perceções dos jovens em relação às políticas culturais e juvenis no concelho de Grândola. As técnicas de recolha de dados incluem a recolha documental, o inquérito por questionário e a entrevista através de focus group, consubstanciando uma

triangulação de dados que incrementa o rigor da investigação de análise e dos resultados (Creswell, 2010).

A recolha documental foi utilizada para examinar documentos que orientam as políticas culturais e juvenis, tanto a nível nacional como local, incluindo o Plano Nacional para a Juventude, Decretos de Lei, documentos do Município de Grândola: editais, regulamentos e normas de participação, relatório e contas 2022 e 2023, documentos do Setor de Juventude e do Gabinete de Apoio ao Movimento Associativo e outros documentos como: Projeto Educativo 2022-2025, Projeto de intervenção 2022-2026, Estratégia de Educação para a Cidadania do Agrupamento de Escolas de Grândola e o Projeto Educativo da EPDRG.

O inquérito por questionário foi aplicado a jovens do concelho, com o objetivo de recolher dados sobre as suas práticas culturais, perceções sobre as políticas juvenis e sugestões para melhorias. Por fim, as entrevistas através de focus group foram organizadas com diferentes grupos de jovens para explorar de forma mais detalhada as suas experiências e expectativas.

No Capítulo 3, são analisados os dados recolhidos, com base nas perceções dos jovens sobre as políticas culturais e juvenis implementadas no concelho de Grândola. Este capítulo apresenta uma discussão crítica dos resultados, com base na fundamentação teórica, identificando pontos de convergência e divergência entre as expectativas dos jovens e as políticas públicas vigentes. Aqui, destacam-se as perceções sobre a adequação da oferta cultural e juvenil às necessidades juvenis, bem como as principais barreiras à participação, tais como a falta de divulgação de eventos culturais, a escassez de recursos ou o desinteresse por atividades propostas. A análise crítica dos resultados revela também áreas onde as políticas culturais e juvenis podem ser ajustadas para promover uma maior inclusão e participação dos jovens, com base nas suas sugestões e nas boas práticas observadas em outros contextos.

Por último o Capítulo 4, apresenta as conclusões do estudo e as recomendações para o futuro das políticas culturais e juvenis em Grândola.

Este capítulo sintetiza as principais aprendizagens da investigação e apresenta recomendações possibilitadoras de re olhar as políticas locais. As recomendações incluem a criação de mecanismos de participação ativa dos jovens no planeamento de eventos e programas, o fortalecimento de parcerias entre escolas, associações locais e o município, e a diversificação da oferta cultural e juvenil para atrair um público jovem mais diversificado. Além disso, sugere-se a implementação de estratégias de educação não formal e informal, baseadas nas práticas artísticas, que possam complementar o currículo escolar e fomentar a criatividade e a expressão dos jovens. As considerações finais também oferecem uma reflexão sobre as implicações deste estudo para investigações futuras, sugerindo que a análise de políticas culturais e juvenis em contextos de baixa densidade populacional deve continuar a ser explorada, dada a sua especificidade e os desafios que coloca.

Por fim, são apresentados os Anexos, compostos pelos seguintes documentos: convite endereçado às entidades convidadas a participar no estudo, consentimento informado, livre e esclarecido para a participação em investigação, matriz do questionário, questionário, matriz do focus group, declaração de consentimento informado para a participação em entrevista áudio, transcrição do focus group 1 e transcrição do focus group 2.

CAPITULO 1

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1. Políticas Públicas de Juventude

Este capítulo de enquadramento teórico fundamenta-se em quatro conceitos fundamentais: juventude, políticas públicas, educação e participação. Perspetiva-se que estes conceitos contribuam para contextualizar a pesquisa e que a revisão de diferentes teorias explique o propósito do estudo e a sua importância.

1.1. Juventude: Perspetivas

O conceito de juventude, conforme analisado por diversos autores, é um tema que apresenta uma grande complexidade e variação de interpretações. Surgiu na década de 60 do século XX, e tem vindo a ser reconhecido como uma categoria social distinta, em resposta às rápidas transformações sociais e às necessidades específicas dos jovens (Barbosa-Silva, 2021; Pappamikail, 2010; Doutor, 2016).

De acordo com Pais (1990), a juventude deve ser compreendida não apenas pelas semelhanças, mas principalmente pelas diferenças existentes entre os jovens. O autor sublinha a diversidade intrínseca deste grupo etário, considerando fatores como as diferentes pertenças de classe, situações económicas, e oportunidades ocupacionais que moldam as experiências juvenis. Alpízar e Bernal (2003), citados por Maia (2010) também reforça esta visão ao categorizar a juventude “em sete principais correntes: 1) a juventude como uma etapa do desenvolvimento psicobiológico humano; 2) a juventude como um momento chave para a integração social; 3) a juventude como um dado sociodemográfico; 4) a juventude como agente de mudança; 5) juventude como problema para o desenvolvimento; 6) gerações juvenis; 7) juventude como uma construção social” (Maia, 2010, p. 52).

Esta classificação proporciona uma base para estudar a juventude como um grupo heterogêneo, em constante transformação, porque engloba

vários aspetos biológicos, psicobiológicos, sociais, culturais e políticos. Ao definir a juventude como “agente de mudança” ou como “momento chave para a integração social”, estas perspetivas destacam o potencial dos jovens para influenciarem as dinâmicas sociais e políticas, assim como para serem influenciados por elas. Por outro lado, ao incluir categorias como “juventude como problema para o desenvolvimento” ou “dado sociodemográfico”, há um reconhecimento de que existem perspetivas que veem os jovens como um obstáculo ou como uma parte da população que pode ser interpretada quantitativamente. Esta classificação é divergente porque apresenta diversas perspetivas sobre o papel dos jovens, variando entre uma visão que lhes atribui um papel ativo e transformador e outra que os considera um possível obstáculo ao desenvolvimento. Esta pluralidade de pontos de vista permite uma análise crítica e equilibrada das políticas e práticas voltadas para a juventude, sendo essencial para uma abordagem inclusiva e contextualizada.

Reconhecendo que não existe uma definição única para juventude, é geralmente adotada, em âmbito global, a definição da UNESCO, que entende a juventude como a fase de transição entre a dependência da infância e a independência da idade adulta (IPDJ, 2020).

A definição de juventude também é divergente nos diferentes intervalos etários estabelecidos por organizações internacionais. A Assembleia Geral da ONU, no Ano Internacional da Juventude de 1985, considerou o intervalo dos 15 aos 24 anos (PNU, 2024). Em Portugal, o Observatório Permanente da Juventude situa a juventude entre os 15 e os 29 anos (OPJ, 2023) e a Lei n.º 23/2006 estende este limite até aos 35 anos para associações socioprofissionais.

A transição para a vida adulta, é outro ponto de controvérsia, foi inicialmente vista de forma linear, marcada por eventos como o término da escolaridade, a entrada no mercado de trabalho, o casamento e a paternidade (Pappámikail, 2022). No entanto, as rápidas mudanças tecnológicas e sociais transformaram este processo tornando-o mais

individualizado e diversificado (Pais, 1990). Atualmente, a entrada tardia no mercado de trabalho e a dependência financeira dos pais são fatores que condicionam a autonomia dos jovens (Pappámikail, 2010).

No campo teórico, destacam-se duas correntes na sociologia da juventude: a geracional e a classista. Segundo Augusto (2006), a corrente geracional evidencia a unificação dos jovens pela idade e pelos aspectos comuns a uma geração, enquanto a corrente classista argumenta que existem várias culturas juvenis, determinadas por pertencimentos de classe e outras diferenças sociais. Estas teorias refletem a pluralidade e a dificuldade em estabelecer um conceito único de juventude que abarque todas as suas dimensões (Pais, 1990).

Ferreira e Nunes (2010) complementam esta discussão ao observar que a juventude é um período cada vez mais indeterminado e plural, influenciado por fatores como o desemprego, a precariedade laboral e a reestruturação familiar. Estes fatores modificam os regimes de transição para a vida adulta, prolongando-os e tornando-os mais diversos, com marcadores de passagem como a entrada no mercado de trabalho e a independência residencial.

Resumindo, o conceito de juventude é multifacetado e dinâmico, refletindo a diversidade de experiências e condições sociais dos jovens. As diferentes perspectivas teóricas, desde a corrente geracional à classista, e as variações nos intervalos etários adotados, demonstram a complexidade e a dificuldade em alcançar um consenso sobre este conceito (Guimarães & Groppo, 2022). A sociologia da juventude continua a explorar estas diferenças, sublinhando a importância de estudar os jovens nos seus contextos vivenciais quotidianos para compreender plenamente as suas experiências e desafios (Pais, 1990).

1.2. Políticas públicas

As políticas públicas representam um conjunto de ações e decisões tomadas por governos e outras instituições com o objetivo de resolver problemas sociais e promover o bem-estar da sociedade (Clemente, 2024).

Estas políticas são sob um ponto de vista teórico formuladas e implementadas através de um processo que envolve a identificação de problemas, a elaboração de soluções, a implementação dessas soluções e a avaliação dos resultados obtidos (Vieira & Ferreira, 2019).

No entanto, não são apenas os governos que formulam e implementam políticas públicas, a sociedade civil, organizações não governamentais (ONGs), associações, empresas privadas e organizações internacionais também desempenham papéis decisivos na criação e execução de políticas públicas. Ignorar a contribuição destes atores resulta numa visão incompleta e errônea do processo de políticas públicas (Mota, 2020). A participação de uma pluralidade de interessados é necessária para a legitimação e eficácia das políticas públicas (Fischer, 2000).

Citando Sampaio e Araújo (2006) p.336, “políticas públicas são respostas a determinados problemas sociais, formadas a partir das demandas e tensões geradas na sociedade”.

A elaboração de políticas públicas exige um diálogo contínuo entre a ciência e a sociedade. É através dele que conseguimos garantir que as políticas sejam baseadas em evidências científicas e que atendam às reais necessidades da população (Pombo, 2000).

1.2.1. Políticas de Juventude

As políticas de juventude são uma área específica das políticas públicas que têm como objetivo responder às necessidades e aspirações dos jovens.

Se o reconhecimento da juventude como categoria social diferenciada é recente, ainda mais recente é a formulação de políticas públicas voltadas para os jovens. Catani e Gilioli, (2004), citam Sérgio Balardini (2003), que identifica quatro objetivos nas políticas da juventude:

- Políticas para a Juventude: que são caracterizadas por uma perspectiva paternalista e protecionista, de realçar que estas políticas têm

como objetivo controlar o tempo livre dos jovens e geralmente são programadas por adultos.

- Políticas através da Juventude: que envolvem a mobilização e instrumentalização dos movimentos juvenis por partidos políticos ou pelo Estado. Neste caso, os jovens são usados como um meio para alcançar objetivos políticos específicos, estas políticas raramente têm consideração as necessidades e aspirações dos jovens.

- Políticas com a Juventude: que promovem a participação dos jovens na execução das políticas públicas a eles destinadas e nos processos de tomada de decisão. Este tipo de política reconhece a importância de incluir os jovens como parceiros ativos na formulação e implementação de políticas, proporcionando-lhes uma voz nas questões que os afetam diretamente.

- Políticas a partir da Juventude: são as que encorajam atividades e iniciativas planejadas e realizadas pelos jovens. Estas políticas valorizam a capacidade dos jovens de se auto-organizarem e desenvolverem projetos que reflitam as suas próprias necessidades e interesses, promovendo uma maior autonomia e afirmação juvenil.

Com efeito, estes quatro objetivos revelam a diversidade de perspectivas e intenções com que os governos e outras instituições abordam a juventude. Desde políticas com uma visão paternalista e protecionista, como é o caso das "Políticas para a Juventude", que pretendem controlar o tempo livre dos jovens, até às "Políticas a partir da Juventude", que incentivam a iniciativa e a capacidade de organização dos jovens, passando pelas "Políticas através da Juventude" que evidenciam a instrumentalização dos jovens para fins políticos, limitando a demonstração das necessidades e desejos dos jovens, utilizando-os apenas como veículos para iniciativas que muitas vezes lhes são alheias. Já as "Políticas com a Juventude" procuram que os jovens tenham uma participação mais ativa, integrando-os no processo de decisão e promovendo uma maior partilha de responsabilidade nas políticas que lhes dizem respeito. No entanto, existem

divergências entre estas abordagens, enquanto algumas políticas privilegiam uma perspetiva de controlo dos jovens, outras destacam a sua capacidade para participarem e liderarem iniciativas. Estas diferenças mostram que a formulação das políticas públicas pode tanto reforçar a dependência juvenil como promover a sua autonomia e emancipação, dependendo da abordagem escolhida.

Por outro lado, a transformação das políticas de juventude em Portugal reflete uma crescente compreensão da importância de incluir os jovens como parceiros ativos e não apenas como beneficiários passivos. Este reconhecimento é essencial para a criação de políticas que realmente respondam às necessidades e aspirações dos jovens.

A Constituição da República Portuguesa, através do artigo 70.º, consagra os direitos da juventude, estabelecendo objetivos prioritários para o desenvolvimento dos jovens e a sua integração na vida ativa (CRP, 2005). Adicionalmente, foram criadas estruturas governamentais que desempenham papéis cruciais na produção de documentos e políticas que afetam diretamente os jovens.

A elaboração e implementação de políticas públicas para a juventude é uma competência do Estado, partilhada com outros agentes da sociedade civil. Em Portugal, a integração das políticas de juventude com as diretrizes da União Europeia (UE) e de outras organizações internacionais como a ONU é cada vez mais evidente, especialmente no contexto atual. Temos como exemplo, a Estratégia da União Europeia para a Juventude 2019-2027, que estabelece 11 objetivos prioritários, abrangendo áreas como a igualdade de género, saúde mental, emprego de qualidade, e participação cívica (CUE, 2018).

O II Plano Nacional para a Juventude 2022-2024 (RCM, 2022) é um exemplo de política nacional alinhada com as recomendações da UE e da ONU. Este plano visa reforçar o compromisso com os jovens, incentivando a sua emancipação e participação ativa em diversas áreas, como educação, formação, cidadania e estilos de vida saudáveis. Estruturalmente, o plano é

composto por cinco eixos prioritários que se subdividem em objetivos estratégicos e operacionais, com medidas específicas para a sua implementação (RCM, 2022).

O papel dos municípios também é destacado na promoção de políticas de juventude. As políticas municipais de juventude abrangem diversas áreas de intervenção, como educação, emprego, cultura, desporto, saúde e participação cívica, e são ou deveriam ser adaptadas às realidades e necessidades específicas de cada concelho. Documentos de referência, como a "Carta Europeia da Juventude e da Democracia", incentivam a participação ativa dos jovens na elaboração e implementação das políticas locais (CEJD, 2022).

Outro documento de referência nacional na área da implementação de políticas municipais de juventude é Juventude(s) do local ao nacional: que intervenção? (Vieira & Ferreira, 2019), fundamenta-se num inquérito aplicado a 308 municípios do território continental e regiões autónomas de Portugal. Uma das questões centrais deste documento é a análise da governação no contexto das políticas municipais de juventude, evidenciando as estruturas institucionais e os recursos financeiros e humanos mobilizados pelas autarquias para atender às necessidades da população jovem. Apenas uma pequena fração dos municípios 12% possui uma unidade orgânica exclusivamente dedicada à juventude, enquanto a maioria 60,6% opta por integrar as políticas juvenis em unidades que também integram outras áreas, como o desporto, a educação e a ação social. Este cenário é indicativo da importância limitada que muitas autarquias atribuem às políticas específicas para a juventude. Outro ponto relevante é a forma como as autarquias promovem a participação dos jovens nas suas políticas. Um dos mecanismos preferenciais é a criação de Conselhos Municipais de Juventude (CMJ), órgãos consultivos que devem promover o diálogo entre os jovens e as entidades governamentais locais. No entanto, o estudo revela que 31,5% dos municípios ainda não implementaram os CMJ, apesar de serem legalmente obrigatórios desde 2009 (Lei n.º 8/2009). As razões para a não criação desse órgão são muitas vezes de ordem política, existem

alguns executivos municipais que não consideram a sua implementação uma prioridade.

O apoio ao associativismo juvenil é outro eixo de análise do estudo Juventude(s) do local ao nacional: que intervenção? (Vieira & Ferreira, 2019), que indica que 26% dos municípios apoiaram entre 1 e 2 associações juvenis no período de 2013 a 2017, enquanto 21% apoiaram 9 ou mais e 11 % não apoiaram nenhuma associação juvenil. Este apoio tende a ser mais presente nas regiões urbanas e do litoral, como a Área Metropolitana de Lisboa e do Porto. O incentivo ao associativismo é essencial para a promoção da participação juvenil, pois facilita o envolvimento dos jovens em processos de tomada de decisão e na execução de atividades que vão ao encontro das suas necessidades e interesses (Binder et al, 2021). Apesar da diversidade de estratégias de intervenção, Vieira e Ferreira (2019), sublinham que a maioria das iniciativas municipais está voltada para o lazer e a ocupação de tempos livres, ao invés de fomentar uma participação ativa dos jovens nas decisões políticas do seu concelho. Além disso, há uma minoria de Planos Municipais de Juventude (PMJ), apenas 8,8% dos municípios são detentores deste instrumento, que é considerado decisivo para a definição de uma política estruturada e coerente na área da juventude (Vieira & Ferreira, 2019)

De acordo como Alpizar e Bernal (2004) a formulação de políticas públicas de juventude, sejam elas internacionais, nacionais ou locais é um processo complexo e multifacetado, que exige a participação ativa de diversos atores sociais. A inclusão dos jovens nas políticas que os afetam é essencial para garantir a relevância e a eficácia dessas políticas, promovendo um maior bem-estar e desenvolvimento para esta faixa etária da população.

Segundo Pais (2005), a implementação de políticas deve ser baseada em diagnósticos precisos e na compreensão das trajetórias e experiências juvenis, já que na maioria das vezes não se consideram os contextos reais e as necessidades específicas dos jovens. O autor sugere

que as políticas devem ser ancoradas na realidade vivida pelos jovens, promoverem a inclusão e o reconhecimento das diversas identidades.

As políticas públicas para a juventude, tanto a nível nacional quanto local, devem procurar responder a esta diversidade, promovendo a participação e o desenvolvimento sustentável.

1.2.2. Participação dos jovens

Como anteriormente referido, a participação dos jovens na definição de políticas de juventude tem-se afirmado como um tema de crescente importância nas agendas políticas internacionais, nacionais e locais. Esta evolução é evidenciada através da análise da legislação e de diversos documentos normativos, como leis, resoluções, diretivas, declarações e recomendações, que demonstram um reconhecimento crescente da necessidade de envolver os jovens nos processos de tomada de decisão que afetam as suas vidas.

A Declaração de Lisboa +21 (IPDJ, 2020), resultante da Conferência Mundial de Ministros Responsáveis pela Juventude, refere como é fundamental o envolvimento e empoderamento dos jovens. Esta declaração destaca que a participação dos jovens deve ser assegurada em todas as fases dos processos de formulação de políticas e tomadas de decisão, sejam elas a nível local, nacional, regional e internacional. No entanto, o documento também reconhece que os jovens continuam a ser amplamente excluídos dos processos formais de tomada de decisão e participação política (IPDJ, 2020).

Para garantir esta integração plena, a Declaração de Lisboa +21 (IPDJ, 2020) diz-nos que devemos: “Assegurar o direito a uma participação relevante de rapazes e raparigas, organizações lideradas por jovens e centradas na juventude a todos os níveis (do local ao global) e em todas as fases dos processos de tomada de decisões e implementação de todas as políticas que direta ou indiretamente afetem as suas vidas” (pág. 140). Esta perspetiva reforça a necessidade de incluir os jovens em todos os campos sociais, incluindo os económicos e políticos.

Pais (2005), defende uma cidadania que reconheça a diferença e a diversidade, adaptando-se às várias identidades e modos de vida dos jovens.

De acordo com este autor, a participação dos jovens é também vista como uma forma de resistência e expressão cultural. As culturas juvenis frequentemente reivindicam espaços de expressão livre, que transformam o espaço urbano para criar significados e usos diferentes. Estas práticas culturais são formas de cidadania participada que desafiam as hierarquias espaciais e sociais estabelecidas, promovendo uma vivência mais democrática e inclusiva dos espaços públicos (Pais, 2005).

Por outro lado, a Estratégia da União Europeia para a Juventude (CUE, 2018), reconhece o crescente interesse dos jovens por temas globais e o seu envolvimento em processos de decisão através de plataformas como intercâmbios, voluntariado e cooperação internacional. A implementação de programas de voluntariado e intercâmbio internacional, como o "Programa de Voluntariado Jovem para a Natureza e Florestas", em Portugal, são exemplos de como a cooperação cultural e a mobilidade juvenil internacional podem contribuir para o desenvolvimento de uma cidadania global. Estes programas não só incentivam o entendimento intercultural, como também promovem práticas de sustentabilidade e proteção ambiental, estreitando a relação entre cultura, cidadania e desenvolvimento global (YW, 2020). A integração da disciplina "Cidadania e Desenvolvimento" nos currículos do ensino obrigatório reflete que existe um esforço em preparar os jovens para uma cidadania ativa e informada, abordando temas como direitos humanos, igualdade de género, e educação para a paz. Esta abordagem é necessária para promover uma maior participação cultural dos jovens, visto que os prepara para um envolvimento mais crítico e ativo na sociedade.

Ao envolver os jovens em atividades culturais, educacionais e de voluntariado, as políticas públicas não só promovem a diversidade cultural,

mas também capacitam os jovens a serem agentes de mudança nas suas comunidades e no mundo. (Raposo & Aderaldo, 2019).

Assim, a participação juvenil não é apenas uma questão de inclusão formal nos processos de decisão política, mas também um meio de afirmar identidades e criar espaços de expressão e resistência

1.2.3. Políticas culturais

Os conceitos de políticas culturais, democratização da cultura e democracia cultural estão interligados e formam a base das estratégias culturais. As definições e os pontos principais destes conceitos são abordados por diversos autores e organizações, refletindo uma abordagem integrada e inclusiva da cultura na sociedade.

De acordo com Ander-Egg (1999), “política cultural entende-se, segundo a definição da UNESCO, o conjunto de operações, princípios, práticas e procedimentos de gestão administrativa ou orçamentária que servem de base à cultural do Estado” (p.58) . O Estado é responsável por determinar a sua política cultural com base nos seus valores culturais, objetivos e opções que pretende alcançar. Esta definição destaca a importância da dimensão cultural no desenvolvimento social e económico de uma sociedade, enfatizando que o âmbito cultural é um elemento importante da vida em comunidade e não um conjunto desarticulado de ações e programas (Albuquerque, 2011).

Fortuna (2001), argumenta que uma política cultural abrangente permite envolver os indivíduos no seu programa de ação, promovendo um processo de envolvimento e participação, em vez de apenas oferecer atividades culturais. O autor sugere que a política cultural seja vista como um instrumento de desenvolvimento social e de promoção da participação, com o objetivo de desenvolver um espírito crítico e construtivo nos indivíduos e nas comunidades.

Calvo (2002) define a democracia cultural como uma estratégia de atuação que não só promove o acesso à cultura, mas que envolve toda a sociedade na criação, gestão, administração e transmissão dessa cultura.

Desta forma, a democracia cultural é vista como o objetivo final de uma política cultural eficaz, onde os indivíduos desempenham um duplo papel: como participantes e como produtores culturais

Por outro lado, a democratização da cultura, como descrita por González (1999), refere-se à acessibilidade ao património cultural por todos os membros da comunidade, oferecendo a oportunidade de toda a sociedade desfrutar dos bens culturais, que tem como objetivo conservar e difundir a cultura a todo o conjunto populacional, ampliando o acesso do grande público à vida artístico-cultural.

A política cultural deve ser integrada e dinâmica, proporcionando aos indivíduos os meios para serem tanto consumidores quanto produtores culturais. A democratização da cultura amplia o acesso aos bens culturais, enquanto a democracia cultural envolve os indivíduos na criação e gestão da cultura, promovendo uma sociedade mais justa e igualitária.

No estudo Inquérito às práticas culturais dos portugueses 2020 (Pais et al., 2020), conclui-se que ainda existem desigualdades no acesso à cultura, demonstrando a relação entre práticas culturais e fatores como o nível de escolaridade, a classe socioeconómica e a localização geográfica. Uma das constatações mais importantes deste estudo (Pais et al., 2020) é que a participação cultural tende a ser menor entre indivíduos de rendimentos mais baixos e com menor escolaridade. De acordo com os autores, este cenário reforça a necessidade de políticas culturais inclusivas, que promovam a democratização do acesso à cultura e combatam as barreiras socioeconómicas que limitam a fruição cultural. Entre as várias dimensões culturais analisadas, destaca-se a frequência de eventos culturais, como visitas a museus, monumentos históricos, e festivais locais. Embora 31% dos inquiridos tenham visitado monumentos históricos e 28% museus no ano anterior à pandemia, o estudo revela que o acesso a esses espaços é predominantemente realizado por indivíduos com maiores níveis de escolaridade e rendimentos. Esta concentração de frequentadores em classes socioeconómicas mais altas ressalta a necessidade de estratégias

que incentivem a participação cultural de todos os estratos sociais. Outro ponto importante é o impacto da internet nos consumos culturais. Embora 71% dos inquiridos utilizem a internet, o estudo revela uma infoexclusão entre as camadas mais envelhecidas da população e entre aqueles com menor qualificação académica. A pandemia de COVID-19 intensificou o uso da internet para consumos culturais, especialmente entre os mais jovens, sugerindo que o meio digital poderá ter um papel cada vez mais central na mediação do acesso à cultura no futuro. A participação artística amadora, outro objetivo do estudo, também reflete as desigualdades sociais. Apenas 32% dos indivíduos com ensino superior participaram em atividades artísticas amadoras, o que contrasta com a quase inexistência dessas práticas entre os indivíduos com níveis de escolaridade mais baixos. Esta disparidade sublinha a importância da educação na formação de capitais culturais e na promoção de uma maior envolvimento dos cidadãos nas práticas culturais (Pais et al., 2020).

No estudo, A juventude do seixal - Um contributo para a sua caracterização (Figueiredo et al., 2021), revela um cenário onde as oportunidades e os recursos existentes não estão alinhados com os interesses e necessidades desta população. Existem algumas infraestruturas que aparentam ser insuficientes ou pouco variadas para envolver e incentivar de forma significativa a participação dos jovens. Quanto aos hábitos culturais destes jovens, 37,3% afirmaram ter participado em atividades culturais, sendo a música, a dança e o teatro as manifestações artísticas mais praticadas entre eles. No entanto, a maior parte dos jovens, 62,7%, relatou não se envolver em práticas artísticas ou culturais de forma ativa.

Cerca de 45,6% dos jovens afirmam frequentar eventos culturais, como concertos e festivais, pelo menos três vezes por ano, mas ainda existem 54,4% que não têm o hábito de participar. Os eventos mais frequentados incluem concertos, festivais e sessões de cinema, enquanto atividades como o teatro, exposições de arte e bibliotecas são as menos procuradas.

Muitos jovens tendem a participar em atividades culturais dentro do concelho, especialmente quando são gratuitas.

Em ambos os estudos, observa-se que as barreiras socioeconómicas e a limitação de recursos culturais inclusivos resultam em um cenário de desigualdade cultural. Assim, é reforçada a necessidade de políticas que não só aumentem a acessibilidade, mas também diversifiquem e dinamizem a oferta cultural, especialmente em contextos locais, para incentivar uma maior participação da população.

Em termos de políticas culturais, os autores Pais et al. (2020) sugerem que as barreiras ao acesso à cultura em Portugal não são apenas financeiras, mas também de ordem educativa e territorial. Isso implica a necessidade de uma intervenção pública orientada para a criação de condições que garantam o acesso equitativo à cultura em todo o território nacional. Ambos os estudos (Pais et al., 2020; Figueiredo et al., 2021) sugerem que a implementação de políticas culturais locais devem ter em consideração as especificidades dos territórios e o envolvimento de todos os cidadãos, independentemente de sua condição socioeconómica, para uma verdadeira democratização da cultura.

1.2.4. Estratégias, Políticas e Práticas Culturais e os Jovens

É fundamental compreender a complexidade das experiências e dos contextos da juventude, bem como a forma como esta "fase da vida" ou "construção social" se relaciona com as práticas culturais envolvidas. O jovem é um produto da cultura, e a juventude é, por si só, uma expressão cultural. As suas atividades diárias e as oportunidades culturais disponíveis no seu ambiente desempenham um papel muito importante na formação de seu perfil sociocultural e podem influenciar, ou não, a formação das relações interpessoais (Pais, 2005).

Quando vamos analisar as práticas culturais, devemos ter em consideração o contexto cultural e social, bem como a classe social do público ao qual essas práticas são direcionadas. Esta análise vai além de

questões geracionais ou de gênero e engloba a diversidade social, preferências e estilos de vida dos consumidores e do público da cultura.

Lopes (2000), diz-nos que os ambientes urbanos favorecem a concentração tanto dos domínios de criação e da produção quanto da receção e consumo cultural. Nas grandes cidades, existe uma ampla gama de estímulos e fatores que contribuem para a diversidade das práticas culturais. Por outro lado, cidades mais pequenas têm uma maior tendência de passar por uma escassez de oferta, de limitações económicas, falta de diversificação e especialização nos mercados culturais.

Um dos desafios identificados por Lopes (2000), é a falta de recursos financeiros e infraestruturas culturais adequadas nas cidades de pequena dimensão. O autor destaca a dependência das autarquias na criação e gestão de infraestruturas culturais como centros culturais, bibliotecas e museus. No entanto, critica a tendência de muitas autarquias de focarem excessivamente na construção de equipamentos culturais, sem uma correspondência adequada em termos de programação cultural dinâmica e diversificada. Para o autor, uma política cultural eficiente vai além da criação de espaços físicos, exigindo a implementação de estratégias de animação cultural que promovam a participação ativa da comunidade.

A participação dos jovens é um tema central na análise de João Teixeira Lopes, que vê este grupo como um elemento decisivo para o sucesso das políticas culturais locais. Segundo o autor, os jovens beneficiam do prolongamento da escolaridade e do adiamento da entrada na vida adulta, o que lhes permite uma maior visibilidade e envolvimento nas novas configurações culturais urbanas. As cidades que conseguem integrar os jovens nas suas políticas culturais tendem a renovar o seu repertório cultural, promovendo uma maior diversidade e inovação nas atividades culturais (Lopes, 2000).

No entanto, o autor alerta para os riscos de uma aproximação superficial entre as expressões culturais contemporâneas e as camadas populares, especialmente quando não há um trabalho prévio de formação

de públicos. O autor defende a necessidade de uma estratégia que envolva os jovens de forma ativa e contínua, permitindo que estes se apropriem dos espaços culturais e contribuam para a criação de uma identidade cultural local que seja ao mesmo tempo inclusiva e inovadora (Lopes, 2000).

Thiry-Cherques (2006), também explica que existe apropriação cultural e que em cidades de pequena dimensão, o acesso e o investimento são mais limitados em comparação com grandes cidades.

A análise das práticas culturais deve considerar o contexto cultural e social, incluindo a classe social do público envolvido, se nos localizamos geograficamente numa grande cidade, onde há maior diversidade e oferta cultural, ou numa cidade pequena que enfrenta alguns desafios como a escassez de recursos e por vezes limitações económicas (Lopes, 2000).

1.3. Práticas Artísticas, Culturais e de Lazer Juvenis

As práticas artísticas, culturais e de lazer têm um papel importante na vida dos jovens, contribuindo para a construção das suas identidades e promovendo a inclusão social. Como destaca Doutor (2016), é essencial que as políticas culturais reconheçam a diversidade das juventudes e ofereçam oportunidades equitativas para que todos os jovens possam participar e beneficiar dessas práticas.

1.3.1. Práticas de sociabilidade e lazer juvenis

De acordo com Maia (2002), as práticas de sociabilidade referem-se ao conjunto de atividades que envolvem a interação social e a partilha de experiências em ambientes coletivos. Para os jovens, essas práticas desempenham um papel crucial na formação da sua identidade social e cultural, proporcionando-lhes oportunidades de interação com os seus pares e de construção de redes de apoio e pertença. Doutor (2016), corrobora esta ideia, sublinhando que as práticas de sociabilidade juvenil são essenciais para o desenvolvimento de competências sociais e emocionais, contribuindo para a integração dos jovens nas suas comunidades.

As práticas de sociabilidade juvenis, de acordo com Groppo (2013), representam formas essenciais de interação social que permitem aos jovens

explorar e afirmar suas identidades. Estas práticas estão associadas à formação de grupos nos quais os jovens se identificam e partilham experiências, desenvolvendo um sentido de pertença. A sociabilidade juvenil pode ocorrer em diversos espaços, como a escola, o bairro, os grupos de amigos e as redes sociais.

Grosso (2013), diz-nos ainda que o lazer é um momento em que os jovens podem desligar-se das suas obrigações escolares e familiares e investir em atividades que lhes proporcionam prazer, diversão e desenvolvimento pessoal. O autor sublinha que o lazer juvenil é uma ferramenta importante para o fortalecimento da autonomia e da criatividade dos jovens, permitindo-lhes experimentar novas formas de expressão e socialização.

No entanto, o acesso ao lazer está, muitas vezes, condicionado por fatores económicos e sociais, o que pode resultar em desigualdades na forma como os jovens usufruem dessas atividades. O autor argumenta que as políticas culturais e de lazer precisam de ser orientadas para reduzir essas desigualdades, garantindo que todos os jovens, independentemente da sua origem social, tenham oportunidades de participar em atividades recreativas e culturais (Grosso, 2013).

Pais (2003), afirma que diferentes formas de lazer estão na base de diferentes culturas juvenis, destacando a diversidade de situações sociais que tornam heterogénea a experiência de ser jovem. O lazer, portanto, é um elemento crucial na construção das culturas juvenis, refletindo as diversas trajetórias e projetos dos jovens.

Esta heterogeneidade é um ponto crucial para compreender as diferentes formas de envolvimento dos jovens em práticas artísticas e culturais.

A participação em práticas artísticas e culturais pode levar os jovens a apropriarem-se da arte como forma de lazer e transformação social. A pesquisa conduzida pelos autores Oliveira de Medeiros e Pacheco (2017), revela que estas iniciativas não só fomentam a apropriação da arte, mas

também promovem a emancipação dos jovens, permitindo-lhes desenvolver um sentido crítico e criador.

Freire (1981), contribui para esta discussão ao salientar que a ação educativa deve proporcionar a liberdade dos indivíduos, ajudando-os a compreender e desenvolver a sua capacidade criadora. Esta perspetiva é fundamental para as práticas artísticas e culturais, porque promove a autonomia dos jovens e a sua capacidade de transformação pessoal e social.

Logo, as práticas artísticas, culturais e de lazer juvenis estão interligadas e desempenham um papel importante no desenvolvimento dos jovens. Elas proporcionam um espaço para a expressão individual, para a formação de identidades e para a participação ativa na sociedade. Através destas práticas, os jovens podem não só desfrutar do seu tempo livre, mas também utilizar estas práticas como uma ferramenta de transformação social e pessoal (Oliveira de Medeiros & Pacheco, 2017).

Não podemos falar de práticas artísticas, culturais e de lazer juvenis sem se referir a interligação à educação.

Com efeito, a educação sob o ponto de vista formal é a que fornece a base teórica e metodológica, a educação não formal é a que oferece a aplicação prática e a adaptação às necessidades específicas, e a educação informal a que as complementa com a aquisição de habilidades e conhecimentos através das experiências diárias. Juntas, contribuem para uma formação mais completa e contextualizada dos jovens, preparando-os para a vida em sociedade como cidadãos ativos e conscientes (Marandino, 2017).

Segundo Groppo e Goussain (2016), a educação formal caracteriza-se por uma sequência organizada e planeada de conteúdos e métodos, geralmente conduzida em ambientes escolares com o objetivo de alcançar certificações reconhecidas oficialmente.

De acordo com Garcia (2007), a educação não formal caracteriza-se pela sua flexibilidade em termos de tempos e espaços, pela não obrigatoriedade e pela adaptação aos conteúdos relevantes para os participantes.

Segundo Park et al. (2007), a educação informal é descrita como todas as aprendizagens que realizamos através das interações quotidianas, incluindo as que surgem no ambiente familiar, nas amizades, etc .

Estes autores destacam que, embora tradicionalmente a educação informal e a não formal fossem vistas como menos importantes do que a formal, hoje há um reconhecimento crescente da sua relevância na formação dos indivíduos.

Grosso e Goussain (2016), reforçam a ideia ao reafirmarem que essas modalidades educativas sempre coexistiram com a educação formal e têm alcançado destaque pela sua capacidade de se adaptar às necessidades contemporâneas dos jovens e das comunidades.

1.3.2. Práticas artísticas e inclusão social e cultural

Matarasso (2019), salienta que as atividades artísticas possuem um grande potencial para o crescimento individual e comunitário. Estas atividades não proporcionam apenas momentos de lazer e expressão criativa, mas também atuam como ferramentas para a inclusão e transformação social.

O empoderamento dos participantes em projetos artísticos comunitários, conforme argumentado por Matarasso (2019), não se resume a "dar poder" de forma superficial ou paternalista, pelo contrário, o verdadeiro empoderamento advém do desenvolvimento das competências, da confiança e das redes de apoio dos indivíduos envolvidos. Esta abordagem permite que os participantes adquiram habilidades práticas e sociais que são fundamentais para sua autonomia e bem-estar.

Também os autores Cruz et al. (2017) concordam que as práticas artísticas comunitárias são vistas como uma forma de empoderar os indivíduos, oferecendo-lhes um meio para se expressarem e se envolverem de forma ativa na transformação das suas realidades sociais. O processo artístico, nesse contexto, não é apenas sobre a produção de arte, mas sobre a criação de espaços de diálogo e de construção coletiva, onde os participantes podem desenvolver a sua autonomia e confiança (Cruz, 2023).

A transformação pessoal que ocorre através do envolvimento em atividades artísticas comunitárias é multifacetada. Os participantes não desenvolvem apenas novas habilidades e confiança, mas também começam a ver-se a si mesmos e aos outros de maneira diferente. Este processo de mudança de percepção é importante para a inclusão social, pois ajuda a quebrar estigmas e preconceitos, promovendo uma visão mais inclusiva e igualitária da sociedade (Matarasso, 2019; Gama, 2021).

As práticas artísticas comunitárias são essenciais para ajudar a criar um espaço de inclusão social, onde todos os membros de uma comunidade podem participar ativamente na criação artística, independentemente do seu contexto socioeconómico. Estas práticas permitem que diversos tipos de grupos, como jovens, idosos, ou minorias étnicas, encontrem na arte um meio de expressão das suas vivências, contribuindo para a sua inclusão tanto social quanto cultural (Cruz et al., 2017; Cruz, 2023).

Por outro lado, a inclusão social através das artes, não é apenas uma questão de proporcionar acesso a atividades culturais. Trata-se de criar oportunidades para que os indivíduos se desenvolvam plenamente, adquiram confiança e formem redes de apoio, promovendo assim a transformação pessoal e a construção de uma cidadania ativa. Este processo afigura-se como um contributo para criação de uma sociedade mais justa e coesa, onde todos têm a oportunidade de participar e prosperar (Belfiore 2002; Creative Health: The Arts for Health and Wellbeing, 2017).

Podemos afirmar que a inclusão social está intimamente ligada à inclusão cultural. A arte permite que as comunidades celebrem as suas

tradições e identidades culturais, enquanto oferece um espaço para a inovação e o diálogo intercultural. As práticas artísticas comunitárias permitem a criação de uma ponte entre o passado e o presente, entre as tradições culturais e as novas formas de expressão artística, oferecendo um espaço de coesão e entendimento mútuo (Sousa & Mangas, 2022).

Neste sentido, as práticas artísticas comunitárias têm um papel duplo: por um lado, funcionam como um meio de preservação cultural, e, por outro, como uma plataforma para o desenvolvimento de novas formas de cultura. Este processo promove a inclusão cultural, ao proporcionar a todos os membros da comunidade a oportunidade de contribuir para a produção cultural, valorizando as suas perspetivas e experiências (Cruz et al., 2017).

1.3.3. Práticas artísticas, a escola e as associações

As escolas e associações culturais são fundamentais na promoção de práticas artísticas e na maximização dos seus impactos positivos na sociedade. Da colaboração entre estas entidades podem resultar benefícios duradouros para todos os membros da comunidade, criando uma ponte entre a educação formal e as práticas culturais e artísticas que enriquecem a vida dos indivíduos.

Maia e Maass (2019), sugerem que as escolas muitas vezes funcionam como entidades isoladas das comunidades em que estão inseridas, fazendo pouca ou nenhuma intersecção com o território ao seu redor. Baseando-se em Gadotti (2009), as autoras destacam a importância de estabelecer ligações entre a escola e a comunidade, referindo que a aprendizagem resulta de uma corresponsabilização entre ambas as partes, envolvendo uma variedade de perspetivas e conhecimentos.

Logo, a escola, ao estar inserida numa comunidade, não pode ser considerada uma entidade social isolada (Alves & Varela, 2012).

No contexto das práticas artísticas, a escola pode funcionar como um núcleo de articulação entre o conhecimento académico e as práticas artísticas que envolvem a comunidade. Como citado por Maia e Maass (2019), a escola deve ser um espaço fértil para o surgimento de novas

formas de aprendizagem e de competências transformadoras, em que a arte desempenha um papel central. Ao integrar a criatividade no currículo, as escolas promovem não apenas o desenvolvimento cognitivo, mas também a sensibilidade estética e a consciência social dos alunos. Este ambiente de aprendizagem estimula os jovens a participarem em práticas artísticas que transcendem o espaço escolar, ligando-os a outros agentes sociais, como associações e projetos culturais (ME, 2017).

Eça et al. (2017) sublinham a relevância da criação de sinergias entre instituições culturais e escolas para implementar práticas educativas transformadoras. Estas práticas não só alargam o território da ação educativa em contextos formais e não formais, mas também promovem o diálogo e a partilha de experiências entre todos os envolvidos.

De acordo com Lima (2014), as instituições culturais locais, devido ao seu conhecimento das comunidades em que estão inseridas, desempenham um papel importante no desenvolvimento das práticas artísticas ao nível do ensino não formal e informal.

Segundo Lopes (1998), as associações comunitárias e culturais assumem um papel de mediação entre a esfera pública e as esferas privadas, contribuindo para a democratização do acesso à cultura e para a integração dos jovens em espaços culturais urbanos. Estas associações podem atuar como facilitadoras, proporcionando aos jovens o acesso a recursos artísticos, como oficinas de teatro, música ou artes plásticas, que muitas vezes estão fora do alcance das instituições formais de ensino.

Para Groppo e Goussain (2016), as práticas artísticas juvenis que surgem em projetos educativos e em associações culturais têm uma dimensão educativa não formal e informal, proporcionando aprendizagens que transcendem o espaço escolar tradicional. Estas práticas têm um papel importante na construção de identidades juvenis e para a inserção dos jovens em circuitos culturais que valorizam as suas experiências e contextos sociais.

A colaboração entre escolas, associações culturais, e autarquias locais, é essencial para promover diálogos e práticas educativas colaborativas. Esta parceria fortalece o papel das escolas como centros educativos integrados na comunidade, valorizando o património local e mostrando como as artes e a cultura podem ser meios adequados para trabalhar o currículo das diferentes disciplinas e promover competências fundamentais (Vale, 2021).

Quando relacionamos conceitos como praticas artísticas, escola e associativismo, não podemos deixar de referir a Carta de Porto Santo (2021). A Carta de Porto Santo é um documento promovido pelo Plano Nacional das Artes, que pretende ser uma importante ferramenta na reflexão sobre o papel da cultura na promoção da democracia. Este documento resulta da Conferência do Porto Santo e propõe-se como um guia para políticas que valorizem a democracia cultural, distinguindo-a da democratização da cultura. A diferença entre estes dois paradigmas revela-se essencial para compreender as relações entre práticas artísticas, escolas e associações.

A Carta do Porto Santo defende a democracia cultural como um modelo que valoriza as práticas artísticas como elementos cruciais na construção de uma cidadania ativa e plural. A arte, segundo este documento, não deve ser apenas um objeto de consumo, mas uma prática coletiva onde todos os cidadãos são encorajados a participar. As instituições culturais e educativas devem criar condições para que as pessoas se envolvam não apenas como espetadores, mas também como criadores. O acesso à produção artística deve ser democratizado, possibilitando que todas as comunidades possam expressar-se através da arte, reconhecendo a importância das tradições locais ao mesmo tempo que se abre espaço ao diálogo intercultural. Neste contexto, as escolas são incentivadas a promover a criatividade, a sensibilidade estética e o pensamento crítico dos alunos. A valorização das identidades culturais dos alunos e das suas comunidades deve ser central na prática educativa, reconhecendo a diversidade cultural como um valor e uma fonte de enriquecimento coletivo.

Este documento defende que a escola deve ser um espaço de inclusão, onde os alunos têm a oportunidade de vivenciar diversas manifestações culturais e artísticas, promovendo, assim, o respeito pela diversidade (Carta do Porto Santo, 2021).

As associações culturais são destacadas na Carta do Porto Santo como agentes fundamentais na promoção de uma democracia cultural. Estas entidades têm a capacidade de aproximar as instituições culturais dos cidadãos, criando pontes que promovem a participação ativa na vida cultural. As associações, especialmente as que operam ao nível local, são vistas como espaços privilegiados para a experimentação e criação artística colaborativa, permitindo que as comunidades se expressem e participem na definição das políticas culturais. Ao integrar a cultura no processo educativo e ao trabalhar em conjunto com as associações, as escolas desempenham um papel importante na promoção de uma cidadania cultural plena. A educação deve estar no centro das políticas culturais e a cultura deve ocupar um lugar central nas políticas educativas. Esta interligação fortalece o desenvolvimento de uma sociedade mais inclusiva e participativa, onde a cultura é reconhecida como um bem comum (Carta do Porto Santo, 2021).

A colaboração entre escolas e associações também facilita a surgimento de projetos que refletem as especificidades das comunidades locais, enquanto promovem o diálogo intercultural. Ao trabalhar em conjunto, estas instituições podem contribuir para a criação de uma sociedade mais coesa e plural, onde todos os cidadãos têm a oportunidade de participar na vida cultural e de ver as suas tradições e vozes reconhecidas e valorizadas (Carta do Porto Santo, 2021).

CAPITULO 2

METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

“Uma investigação é, por definição, algo que se procura. É um caminhar para um melhor conhecimento e deve ser aceite como tal, com todas as hesitações, desvios e incertezas que isso implica” (Quivy & Campenhoudt, 1998, p. 31)

A metodologia e os métodos a utilizar na pesquisa científica representam um conjunto essencial de operações e princípios que guiam uma investigação. Conforme destacado por Sousa e Batista (2011), eles constituem a base sobre a qual toda a investigação se apoia, permitindo a seleção e a coordenação de técnicas apropriadas. Para que a investigação tenha sucesso, as práticas metodológicas devem estar alinhadas com as convicções e questões de pesquisa dos investigadores.

Assim, este capítulo está estruturado em três subcapítulos, cada um abordando diferentes aspetos da metodologia adotada. O primeiro subcapítulo descreve as opções metodológicas, onde é realizada uma análise sobre as escolhas metodológicas em resposta aos desafios encontrados durante o desenvolvimento da pesquisa. Esta secção também inclui uma discussão sobre o enquadramento metodológico adotado, destacando a natureza mista do estudo.

O segundo subcapítulo é dedicado às técnicas e instrumentos metodológicos utilizados. Nesta secção explicam-se as metodologias de recolha de dados utilizadas para atingir os objetivos de pesquisa, e discutem-se as abordagens adotadas para o tratamento e análise das informações qualitativas e quantitativas recolhidas.

No terceiro subcapítulo faz-se uma abordagem à análise de dados na investigação qualitativa e de que forma foi executada nesta investigação.

2.1. Opções metodológicas

A intersecção entre as políticas culturais e juvenis, considerando a densidade populacional, apresenta desafios únicos para os jovens residentes em municípios de baixa densidade populacional. Esta problemática sugere a necessidade de analisar os fatores que influenciam a participação dos jovens, nas iniciativas culturais e juvenis e na construção de políticas culturais e juvenis. Propõe-se, assim, investigar os modos que permitem fomentar o envolvimento juvenil e enriquecer o panorama cultural nessas áreas.

Segundo Creswell (2010), a investigação em educação é essencial para compreender e melhorar os processos de ensino e aprendizagem, oferecendo tanto métodos quantitativos como qualitativos, além de uma combinação de ambos, para abordar diferentes tipos de questões educacionais.

Uma das principais exigências que devemos ter em consideração na realização de uma pesquisa é a coerência metodológica, que deve assegurar a ligação entre o objetivo da pesquisa e os procedimentos metodológicos a serem aplicados. De acordo com Amado (2014), “o modo como se formula o problema é, pois, fundamental para se desenhar o caminho que se há de tomar em termos de metodologia de pesquisa” (p.119).

Creswell (2010), diz-nos que a investigação na área da educação é caracterizada pela sua interdisciplinaridade, uma vez que integra conhecimentos de áreas como a psicologia, a sociologia e a antropologia para compreender os fenómenos educacionais. Ao mesmo tempo, é fortemente dependente do contexto, ou seja, os resultados obtidos são frequentemente específicos ao ambiente educacional em que o estudo é realizado. Alves e Azevedo (2010) também evidenciam que a investigação em educação deve sempre considerar as dinâmicas particulares de cada contexto social e cultural.

Assim, tendo em conta a essência do estudo e conjunto de dados a recolher, esta investigação enquadra-se num estudo de natureza qualitativa, do tipo exploratório e descritivo.

A investigação qualitativa é uma abordagem metodológica que se concentra na compreensão profunda e contextualizada dos fenómenos sociais e humanos. Ao contrário da investigação quantitativa, que procura medir e quantificar variáveis, a investigação qualitativa preocupa-se com a interpretação dos significados, perceções e experiências dos indivíduos no seu ambiente natural (Creswell, 2010).

Esta abordagem é amplamente utilizada em diversas áreas, como a educação, as ciências sociais e a saúde, e visa explorar fenómenos complexos, oferecendo uma visão abrangente sobre os processos e interações humanas.

Segundo Creswell (2010), a investigação qualitativa é caracterizada pela sua flexibilidade e capacidade de adaptação e assegura que os investigadores alterem as suas metodologias à medida que o estudo evolui. Esta flexibilidade é uma das principais vantagens da investigação qualitativa, permitindo aos investigadores captar detalhes que seriam difíceis de observar em abordagens mais estruturadas. No entanto, esta flexibilidade também exige uma grande capacidade de reflexão por parte do investigador, que precisa de estar constantemente consciente das suas influências pessoais e da forma como estas podem afetar os dados recolhidos (Bogdan & Biklen, 1994).

Citando Sousa e Baptista (2011), “a investigação qualitativa centra-se na compreensão dos problemas, analisando os comportamentos, as atitudes ou os valores” (p. 56). Não deixando de ser importante referir que Creswell (2012), destaca que na investigação qualitativa as características específicas vão surgindo ao longo das diferentes etapas do processo de pesquisa, procura-se explorar problemas e desenvolver um entendimento detalhado de determinados fenómenos, com a revisão da literatura assumindo um papel secundário, mas essencial para justificar a

investigação. As questões de pesquisa são formuladas de maneira ampla e geral, permitindo a recolha das experiências dos participantes.

Esta investigação enquadra-se no tipo exploratório, segundo Sousa e Baptista (2011), “tem como objetivo proceder ao reconhecimento de uma dada realidade pouco ou deficientemente estudada e levantar hipóteses de entendimento dessa realidade” (p. 57). Este tipo de investigação procura, levantar hipóteses iniciais e fornecer uma compreensão preliminar sobre a problemática em estudo.

Uma das principais características do estudo exploratório, conforme discutido por Sousa e Baptista (2011), é a sua flexibilidade. A investigação exploratória não parte de hipóteses rígidas ou estruturas previamente definidas, permitindo que o investigador faça alguns ajustes na pesquisa à medida que vai obtendo mais informações sobre o fenómeno em questão.

De referir que os estudos exploratórios são muitas vezes utilizados para identificar variáveis ou padrões que podem ser posteriormente investigados em maior profundidade.

Sousa e Baptista (2011) argumentam que, ao contrário de outros tipos de investigação, a abordagem exploratória não procura necessariamente fornecer respostas definitivas, mas sim gerar insights iniciais que ajudem a mapear o terreno de investigação. Isto é especialmente relevante em contextos onde o fenómeno é emergente ou ainda em desenvolvimento.

Além de exploratório também é descritivo, de acordo com Carmo e Ferreira (2008), uma das principais características dos estudos descritivos é a sua incidência na descrição objetiva de uma situação ou fenómeno em particular. Os investigadores que adotam esta abordagem utilizam técnicas como entrevistas, observações diretas ou análise documental para recolher dados que possam fornecer uma visão detalhada sobre o fenómeno em questão.

Os estudos descritivos, conforme argumentam Sousa e Baptista (2011), são frequentemente utilizados em investigações que buscam compreender "como" e "porquê" um determinado fenómeno ocorre, o que permite gerar uma compreensão mais ampla das dinâmicas subjacentes a esse fenómeno. Estes estudos também são úteis para identificar padrões ou comportamentos recorrentes, o que pode servir de base para futuras investigações mais aprofundadas.

Tanto Sousa e Baptista (2011), quanto Carmo e Ferreira (2008), concordam que os estudos descritivos são uma metodologia valiosa na investigação qualitativa, uma vez que oferecem uma visão profunda e detalhada sobre os fenómenos, permitindo que o investigador obtenha um retrato fiel e contextualizado das situações ou grupos em análise. Esta abordagem é particularmente útil quando se pretende obter uma compreensão abrangente e detalhada de uma realidade específica

Por vezes, a investigação qualitativa é criticada pela dificuldade de generalização dos seus resultados, uma vez que se concentra em contextos específicos e experiências únicas. Contudo, autores como Creswell (2010) argumentam que o objetivo da investigação qualitativa não é a generalização, mas sim a compreensão detalhada e contextualizada dos fenómenos. A validade dos resultados qualitativos advém da profundidade e da riqueza dos dados, e da capacidade do investigador em interpretar esses dados de forma rigorosa e coerente.

Neste contexto esta investigação tem como questão de partida: “De que modos os jovens de Grândola interagem com as políticas culturais e juvenis do município de Grândola?”, os objetivos delineados são os seguintes:

1. Caracterizar os jovens residentes no concelho de Grândola, abordando aspetos demográficos e educacionais.
2. Realizar um levantamento de informação relativamente às suas áreas de interesse, hábitos culturais e de lazer, utilização de tecnologias e tipo de participação na sociedade civil.

3. Compreender se a oferta da programação e dinamização cultural juvenil, vai ao encontro das expectativas dos jovens do concelho de Grândola.

2.1.1. Ética na Investigação qualitativa

A investigação qualitativa, pela sua natureza profunda e interpretativa, levanta desafios éticos que requerem uma reflexão cuidadosa para garantir a integridade do processo científico. Ao envolver diretamente seres humanos, frequentemente em contextos sensíveis ou em situações de vulnerabilidade, é fundamental que o investigador não só cumpra as normas éticas estabelecidas, mas que também demonstre sensibilidade e respeito pela dignidade e pelos direitos dos participantes (Amado, 2014).

A ética na investigação qualitativa não é uma simples adição ao processo de pesquisa, mas uma componente central que permeia todas as fases do estudo. Desde a conceção do projeto até à divulgação dos resultados, o investigador deve manter um compromisso ético constante, respeitando os direitos e a dignidade dos participantes e garantindo que a investigação seja conduzida de forma transparente, responsável e sensível às complexidades humanas. Estes desafios exigem uma reflexão contínua e uma abordagem cuidadosa em todas as fases da investigação (Amado, 2014; Aires, 2011).

No âmbito da investigação qualitativa, o consentimento informado não pode ser encarado como um simples procedimento formal. Segundo Amado (2014), o consentimento informado deve ser um processo contínuo e dinâmico, adaptado à evolução da investigação. Todos os participantes devem estar plenamente cientes dos objetivos, métodos e possíveis implicações da sua participação em todas as fases da investigação, e não apenas no momento inicial de assinatura de um documento.

Além disso, o consentimento deve ser voluntário, e os participantes sentirem-se livres para abandonarem a investigação em qualquer momento, sem que isso traga qualquer tipo de consequência ou pressão por parte do investigador. Isto é especialmente importante quando se trabalha com

populações vulneráveis, como crianças, jovens, pessoas idosas ou indivíduos de comunidades marginalizadas, que podem não ter plena compreensão dos seus direitos ou sentir-se obrigados a participar (Alves & Azevedo, 2010).

Um dos maiores desafios éticos na investigação qualitativa é garantir a confidencialidade e o anonimato dos participantes, especialmente em contextos onde os dados recolhidos são de natureza sensível ou íntima. De acordo com Amado (2014), o investigador deve tomar medidas rigorosas para proteger a identidade dos participantes, utilizando pseudónimos ou removendo qualquer detalhe que possa levar à identificação de um indivíduo. Por vezes, a mera utilização de pseudónimos pode não ser suficiente em contextos onde as comunidades são pequenas e onde determinados detalhes como: ocupações, características físicas ou histórias de vida possam revelar a identidade dos participantes. Nestes casos, o investigador deve fazer uma análise crítica sobre quais informações podem ou não ser incluídas no estudo final, sempre com o objetivo de minimizar qualquer risco para os participantes (Aires, 2011).

Um elemento central na ética da investigação qualitativa é a autorreflexão do investigador. Como mencionado por Amado (2014), o investigador qualitativo é, ele próprio, um instrumento de recolha e análise de dados, o que torna crucial que ele esteja ciente das suas próprias crenças, valores e preconceitos. Esta reflexão não se limita à fase de recolha de dados, mas deve acompanhar todo o processo de investigação, desde a formulação das questões de investigação até à interpretação dos dados e à redação do relatório final.

A integridade do investigador é, assim, necessária para garantir que os dados são tratados de forma honesta e que as conclusões são baseadas em evidências rigorosas e não em pressupostos preconcebidos.

Amado (2014) destaca a necessidade de o investigador manter uma postura ética ao longo de toda a investigação, especialmente quando os participantes partilham informações pessoais ou confidenciais. O

investigador deve estar consciente dos limites desta relação, evitando explorar a confiança dos participantes para obter informações adicionais que possam não ser relevantes para o estudo ou que possam prejudicar os indivíduos envolvidos.

Outro aspecto importante é a forma como o investigador trabalha com situações delicadas ou de risco durante o processo de recolha de dados. Em investigações qualitativas, é possível que os participantes revelem experiências traumáticas, episódios de violência ou situações de abuso. Nesses casos, Alves e Azevedo (2010) sublinham a responsabilidade ética do investigador em proteger o bem-estar dos participantes, tomando as medidas necessárias para assegurar que não haja novamente uma vitimização ou exploração dessas experiências.

Após a conclusão da investigação, surge a questão ética de como os resultados serão divulgados e utilizados. De acordo com Aires (2011), os participantes devem ser informados sobre os resultados da investigação e como os dados serão utilizados. Além disso, o investigador deve assegurar que os resultados não sejam usados de forma a prejudicar os participantes ou as comunidades envolvidas.

Por outro lado, espera-se que a investigação qualitativa traga benefícios não só para a comunidade científica, mas também para os participantes e a sociedade em geral. Este princípio de reciprocidade é um aspecto central da ética na investigação qualitativa, que visa equilibrar o valor do conhecimento gerado com o impacto positivo que esse conhecimento pode ter para os participantes (Amado, 2014).

Somente através deste cuidado é possível assegurar que a investigação qualitativa produza conhecimento valioso sem comprometer os princípios fundamentais da integridade e da justiça.

Neste contexto, esta investigação teve em consideração a Comissão de Ética do IPS, da qual obteve parecer positivo e utilizou documentos como carta convite (anexo A), consentimento informado, livre e esclarecido para a

participação em investigação (anexo B), declaração de consentimento informado para participação em entrevista áudio (anexo F).

2.2. Técnicas e instrumentos de recolha de dados

A importância das técnicas de recolha dados é destacada pela sua diversidade e pela forma conforme definidas por diferentes autores. Grawitz (1993), citada por Carmo e Ferreira (2008) p. 193, menciona a “extrema desordem” neste domínio, refletindo a variedade de abordagens e definições existentes, ainda citando Grawitz (1993), Carmo e Ferreira (2008), define métodos de investigação como um “conjunto concertado de operações realizadas para atingir um ou mais objetivos” (p.193). Estes métodos representam um conjunto de princípios que orientam a organização da investigação e um conjunto de normas que permitem selecionar e coordenar as técnicas apropriadas. Esta definição sublinha a importância de se ter um planeamento e uma estruturação claros no decorrer de uma investigação, garantindo que as técnicas escolhidas estejam alinhadas com os objetivos da investigação e com os princípios metodológicos escolhidos.

Esta investigação, com técnicas de natureza mista, definiu como técnicas de investigação a pesquisa documental, o inquérito por questionário e entrevista através de focus group (Mattar & Ramos, 2021).

2.2.1. Pesquisa documental

A pesquisa documental é uma das técnicas fundamentais na investigação, sendo amplamente utilizada em diversas áreas, incluindo a educação. Segundo Carmo e Ferreira (2008), a pesquisa documental envolve a identificação, interpretação e avaliação de documentos relevantes para o estudo em questão. Estes documentos podem ser de diversos tipos, como relatórios, textos legislativos, currículos, atas de reuniões, cartas, entre outros, e são valiosos para a compreensão dos fenómenos em estudo, fornecendo informações contextuais e históricas importantes, oferecendo ao investigador uma perspetiva multifacetada sobre o objeto de estudo.

Na maioria das vezes, a pesquisa documental, é utilizada em conjunto com outros métodos de recolha de dados, como entrevistas e

observações. Isto permite a triangulação dos dados, reforçando a validade e a fiabilidade dos resultados. Carmo e Ferreira (2008) salientam que a triangulação é uma prática comum na investigação qualitativa e serve para confirmar ou contrastar as informações obtidas de diferentes fontes.

Para esta pesquisa, foram escolhidos documentos que se relacionam com as atuais Estratégias e Políticas Culturais e de Juventude internacionais e nacionais, Decretos de Lei, documentos do Município de Grândola como: editais, regulamentos e normas de participação, relatório e contas 2022 e 2023, documentos do Setor de Juventude e do Gabinete de Apoio ao Movimento Associativo, também foram consultados documentos de outras entidades: Projeto Educativo 2022-2025, Projeto de intervenção 2022-2026, Estratégia de Educação para a Cidadania do Agrupamento de Escolas de Grândola e o Projeto Educativo da EPDRG.

2.2.2. Inquérito por questionário

O inquérito por questionário é uma das técnicas mais utilizadas, devido à sua capacidade de recolher dados de forma estruturada. Esta técnica é especialmente útil quando o objetivo é obter informações sobre opiniões, atitudes ou comportamentos de grupos de pessoas (Santos & Henriques, 2021).

Segundo Quivy e Campenhoudt (1998), o questionário é uma ferramenta essencial para a investigação que requiere a quantificação de fenómenos sociais, permitindo ao investigador recolher dados padronizados que podem ser analisados estatisticamente.

No questionário as questões são apresentadas da mesma forma a todos os inquiridos. Segundo Ghiglione e Matalon (2001), esta uniformidade permite que as respostas sejam comparáveis, o que facilita a análise quantitativa dos dados. A padronização também minimiza as variações de interpretação entre os inquiridos, garantindo que todos compreendem as questões da mesma maneira (Santos & Henriques, 2021).

Quivy e Campenhoudt (1998) destacam que as questões no inquérito por questionário podem ser de natureza fechada ou aberta. As perguntas

fechadas oferecem um conjunto limitado de respostas predefinidas, facilitando a codificação e análise dos dados. Por outro lado, as perguntas abertas permitem aos respondentes expressar-se livremente, fornecendo informações mais ricas e detalhadas.

Uma das vantagens da utilização do questionário, conforme Ghiglione e Matalon (2001), é a sua economia de tempo e recursos, quando aplicado a grandes amostras, o questionário permite recolher um vasto volume de dados num curto espaço de tempo, especialmente se for utilizado em formato online.

A escolha das questões do inquérito por questionário nesta investigação e atendendo ao posicionamento metodológico e investigativo, resulta do trabalho empírico e analítico, nomeadamente o estudo de diferentes tipos de documentos relacionados com as culturas juvenis e as políticas culturais nacionais e locais.

A matriz do questionário (Anexo D) contém um conjunto de questões de natureza fechada com múltiplas opções de resposta, algumas questões de natureza aberta e está dividido em 6 dimensões: perfil socio biográfico, caracterização do agregado familiar, comunicação e tecnologias, tempos livres, cultura, juventude e participação social, tem como objetivos gerais caracterizar os jovens do concelho de Grândola, conhecer o uso e as tecnologias que os jovens utilizam para aceder à informação, analisar os padrões e interações sociais relacionados com o lazer e tempo livre, compreender os hábitos culturais, compreender os comportamentos sociais de lazer e tempos livres.

O inquérito por questionário, foi criado na plataforma Google Forms, e acedido mediante a leitura de um código QR, através do telemóvel de cada participante, após envio e recolha do consentimento informado devidamente assinado, o tempo médio de resposta é de 15 minutos. Cada inquirido foi identificado com um número para garantir o anonimato.

Apesar de ser uma ferramenta eficiente para recolher dados, o questionário tem limitações na capacidade de explorar em profundidade as

razões subjacentes às respostas dos inquiridos. Ghiglione e Matalon (2001) argumentam que, devido à sua estrutura rígida, o questionário pode não capturar as motivações mais complexas dos participantes. Para superar esta limitação, pode ser útil combinar o questionário com outras técnicas, como entrevistas, para obter uma compreensão mais detalhada dos fenómenos em estudo.

2.2.3. Focus Group

A entrevista realizada através de focus group, é uma técnica muito utilizada na investigação qualitativa, particularmente em áreas como a educação, porque permite recolher dados sobre as perceções, opiniões e experiências dos participantes num ambiente de interação (Corrêa et al, 2021). Segundo Amado (2014), esta técnica distingue-se pela sua capacidade de gerar discussões dinâmicas entre os participantes, o que pode revelar perspetivas e insights que dificilmente seriam obtidos através de entrevistas individuais.

A técnica de entrevista por focus Group “consiste em envolver um grupo de representantes de uma determinada população na discussão de um tema previamente fixado, sob o controlo de um moderador que estimulará a interação e assegurará que a discussão não extravase tema em ‘foco’”(Amado, 2014, p. 225), sendo que o que distingue esta metodologia da simples entrevista, é a interação formada no interior do grupo e o facto de nos centrarmos no tema que pretendemos abordar.

Amado (2014) salienta que o tamanho do grupo é uma variável importante para o sucesso do focus group, grupos demasiado grandes podem dificultar a participação ativa de todos os membros, enquanto grupos demasiado pequenos podem não gerar a riqueza de interações desejada. A seleção dos participantes deve garantir que o grupo seja representativo e que todos os membros partilhem uma experiência ou interesse comum, embora tragam perspetivas variadas (Corrêa et al, 2021)

O guião da entrevista (anexo E) realizada através de focus group foi elaborado depois do tratamento do inquérito por questionário e é constituído

por 16 perguntas orientadoras, divididas por 4 temáticas: perfil socio biográfico, viver em Grândola, os jovens, as iniciativas e a participação e programas culturais e juvenis. A entrevista/conversa foi conduzida livremente, de forma a descontrair os participantes.

De julho a setembro de 2024, foram realizados dois Focus Group (FG), que incidiram em questões relacionadas com os diferentes tipos de temáticas. Contribuíram para as entrevistas, seis jovens residentes no concelho de Grândola, com idades compreendidas entre os 15 e os 18 anos. A escolha dos jovens teve como critérios: (a) participação em associação, coletividades e /ou projetos de voluntariado; (b) não participação em associação e coletividades e (c) diferentes faixas etárias, de forma a permitir variedade nas respostas. O primeiro FG, foi constituído por 3 raparigas, com idades compreendidas entre os 15 e 16 anos, todas de nacionalidade portuguesa, que frequentam escolas diferentes e que participam em algumas atividades associativas. O segundo FG, foi constituído por um rapaz e duas raparigas, com idades compreendidas entre os 15 e os 18 anos, um jovem de nacionalidade brasileira e dois de nacionalidade portuguesa, dois frequentam escolas no concelho e um fora do concelho, residentes em Grândola e dois não frequentam atividades promovidas por associações e um frequenta atividades promovidas por associações.

2.3. A análise e tratamento dos dados

A análise de dados na investigação qualitativa é um processo que visa interpretar as informações recolhidas e transformá-las em conhecimento. Segundo Amado (2014) e Bogdan e Biklen (1994), este processo é muito mais do que uma simples organização de dados, envolve uma compreensão dos fenómenos em estudo e uma interpretação contextualizada das experiências dos participantes. A análise de dados qualitativos é, por isso, um exercício contínuo, que ocorre durante e após a recolha de dados, permitindo ao investigador entender os fenómenos sociais.

Citando, Bogdan e Biklen (1994), a análise de dados é: “o processo de busca e de organização sistemático de transcrições de entrevistas, de notas de campo e de outros materiais que foram sendo acumulados, com o objetivo de aumentar a sua própria compreensão desses mesmos materiais e de lhe permitir de apresentar aos outros aquilo que encontrou” (p.205).

De acordo com Amado (2014), a análise de dados é “uma técnica que aposta claramente na possibilidade de fazer inferências interpretativas a partir dos conteúdos expressos, uma vez desmembrados em ‘categorias’, tendo em conta as ‘condições de produção’ desses mesmos conteúdos, com vista à explicação e compreensão dos mesmos” (p. 300).

De acordo com, Quivy e Campenhoudt (1998) a análise de dados é descrita como um método para desconstruir e reconstruir discursos, identificando e atribuindo significados de forma sistemática. Este é um processo necessário para o tratamento metodológico de recolha de dados e informações, uma vez que, esta análise não se pode limitar só a comparar as referências teóricas com os dados recolhidos, mas também deve integrar uma dimensão descritiva e interpretativa. Esta abordagem envolve a descrição de narrativas recolhidas e a interpretação analítica, baseando-se num conjunto de conceitos teóricos para estabelecer regras de dedução.

Tanto Amado (2014) como Bogdan e Biklen (1994) sublinham a importância da triangulação na análise de dados qualitativos. A triangulação consiste na utilização de diversas fontes de dados, métodos ou teorias para verificar a consistência das interpretações. Este processo é essencial para reforçar a credibilidade dos resultados e garantir que as conclusões não são baseadas numa única perspetiva ou fonte de dados. Na investigação em educação, este processo pode envolver a combinação de dados provenientes de entrevistas, observações e documentos.

Ao realizar a análise de dados, foi necessário adotar uma abordagem clara, organizada e coerente que respeite as particularidades de cada técnica de recolha de dados e, ao mesmo tempo, que integre as diferentes fontes de informação.

Relativamente à pesquisa documental, foi efetuada uma leitura ponderada e interpretativa dos documentos recolhidos, com origem nos conteúdos mais relevantes para os objetivos da investigação. Foram considerados o contexto em que os documentos foram produzidos e o seu propósito original, tal como destacado por Carmo e Ferreira (2008), de referir que este contexto é decisivo para evitar leituras descontextualizadas.

No caso de questionários, a análise dos dados foi feita tendo em conta o tipo de questões (abertas ou fechadas).

Nas questões fechadas, que oferecem opções de resposta padronizadas, a análise foi principalmente quantitativa, com recurso a software estatístico Excel para calcular frequências, percentagens e outras estatísticas descritivas que permitiram identificar padrões nas respostas dos participantes.

Nas questões abertas, a análise foi mais interpretativa e qualitativa, foi utilizada codificação para agrupar as respostas em categorias, as quais passo a descrever: atividades desportivas, atividades culturais, equipamentos culturais, equipamentos desportivos, tipologia de associações e programas juvenis, para identificar padrões de resposta.

A análise dos dados de entrevistas por focus group é essencialmente qualitativa, tendo em conta esta característica, foi necessário transcrever na íntegra as entrevistas, seguindo-se uma codificação por temática, tal como recomendado por Amado (2014), na análise de conteúdo foram identificadas as seguintes categorias: vivências diárias, interação com as atividades culturais, interação com atividades desportivas, identificação de problema e soluções, para identificar os temas e subtemas que surgem das discussões de grupo.

No capítulo seguinte, serão apresentados os resultados obtidos, conciliando os dados quantitativos, obtidos através do inquérito por questionário, e os dados qualitativos, recolhidos através de Focus Group.

CAPITULO 3

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Este capítulo tem como objetivo apresentar e discutir os principais resultados da investigação sobre as perceções e preferências dos jovens em diferentes áreas, nomeadamente a utilização de tecnologias, a ocupação dos tempos livres, a prática desportiva e artística, a participação em atividades culturais e o envolvimento social. A compreensão destes aspetos é essencial para delinear estratégias adequadas de políticas públicas direcionadas à juventude, contribuindo para a criação de ambientes que respondam de forma mais assertiva às suas necessidades e interesses.

Os dados analisados e recolhidos através de inquérito realizados a jovens do concelho de Grândola, focam-se em cinco grandes áreas: comunicação e tecnologias, lazer e tempos livres, cultura, juventude e participação social e nas entrevistas por Focus Group, na opinião dos jovens sobre as políticas e programas culturais, desportivos e de lazer no concelho de Grândola.

Este capítulo que se inicia com o contexto e caracterização dos participantes do estudo, não se limita à apresentação de resultados, mas propõe também a sua discussão crítica, contextualizando-os face às dinâmicas sociais e culturais contemporâneas.

Este exercício de análise é crucial para identificar tendências, desafios e oportunidades que possam influenciar a criação de políticas e iniciativas que respondam adequadamente às necessidades dos jovens, garantindo a sua inclusão e participação ativa na vida comunitária.

3.1. Contexto e participantes do estudo

3.1.1. Local do estudo

Grândola, é um concelho que está localizado na região do Alentejo Litoral, pertence ao distrito de Setúbal, é delimitado geograficamente a norte pelo estuário do Sado e pelo concelho de Alcácer do Sal, a sul pelo concelho de Santiago do Cacém, a leste pelo concelho de Ferreira do Alentejo, e a

oeste pelo Oceano Atlântico e apresenta uma faixa costeira de cerca de 45 km e possui uma extensão territorial aproximada de 825 km².

Grândola é constituída por quatro freguesias: Grândola e Santa Margarida da Serra, Melides, Azinheira dos Barros e São Mamede do Sádão e Carvalhal. Esta localização estratégica entre a serra e o mar dota o concelho de uma diversidade paisagística natural significativa, atraindo tanto residentes como turistas.

A população residente, segundo os resultados dos Censos 2021, é de 13 822 habitantes, deste total, 6,7% são estrangeiros, de referir que a taxa de crescimento anual médio da população residente é negativa – 0,699. A totalidade da população do concelho é composta por 1683 habitantes com idades compreendidas entre os 0-14 anos, 679 habitantes entre os 15-19 anos, 2794 habitantes entre os 20-39 anos, 4849 habitantes entre os 40-64 anos e 3817 habitantes com mais de 65 anos (Instituto Nacional de Estatística [INE], 2021).

Em termos de NUTS, o Município de Grândola está integrado na unidade administrativa Alentejo Litoral (NUTS III) e apresenta uma densidade populacional de 16,7 habitantes por km², caracterizando o concelho por uma baixa densidade populacional e um elevado índice de envelhecimento, alcançando 226,8% (Instituto Nacional de Estatística [INE], 2021).

A população do concelho tem vindo a sofrer uma diminuição ao longo das últimas décadas, em linha com o fenómeno de desertificação que afeta grande parte do interior do país, apesar de geograficamente se situar junto ao litoral. Este decréscimo populacional é particularmente evidente nas freguesias mais afastadas da sede de concelho, onde a população é maioritariamente envelhecida.

No entanto, nas áreas do litoral, como as freguesias de Carvalhal e de Melides, a população tem apresentado alguma estabilidade e até crescimento sazonal devido ao turismo, que dinamiza a economia local e atrai novos residentes, tanto nacionais como internacionais. Esta dualidade

entre áreas rurais interiores e zonas litorais com maior afluxo de população temporária cria desafios específicos no planeamento e gestão dos serviços públicos, incluindo a oferta cultural e educativa.

A rede escolar do concelho de Grândola é constituída por quatro instituições com valência de creche, duas localizadas na sede de concelho, uma situada na freguesia de Carvalhal e outra localizada na freguesia de Azinheira dos Barros e São Mamede do Sadão.

O Agrupamento de Escolas de Grândola, tem como oferta a educação pré escolar, o ensino básico e o ensino secundário, que está disponível da seguinte forma:

- A Educação Pré-escolar, está disponível em várias freguesias, tanto na sede de concelho como em aldeias maiores e a sua cobertura é suficiente para responder às necessidades da população local, especialmente na sede de concelho e nas áreas mais habitadas.
- Várias escolas de ensino básico (1.º, 2.º e 3.º ciclos), estas estão concentradas na sede de concelho, mas também com Centros Escolares nas freguesias de Melides e Carvalhal. Estes estabelecimentos atendem à população residente e oferecem um ambiente educativo familiar e de proximidade.
- O Ensino secundário é constituído pela Escola Secundária António Inácio da Cruz, que fica localizada na sede de concelho e é o principal estabelecimento de ensino secundário no concelho, abrangendo os alunos que concluem o 3.º ciclo e pretendem continuar os seus estudos. Esta escola tem como oferta de ensino secundário os cursos de Ciências Humanas, Artes Visuais, Línguas e Humanidades e Ciências Socioeconómicas e dois cursos profissionais: técnico de desporto e técnico de gestão informática.

A Escola Profissional de Desenvolvimento Rural de Grândola oferece uma variedade de cursos de formação, incluindo Empregado de Restaurante/Bar, Jardinagem, Operador Agrícola, Operador de Máquinas

Agrícolas, Técnico de Produção Agropecuária, Técnico de Restaurante Bar, Técnico de Turismo, e Técnico de Turismo Rural e Ambiental.

E o CENFIM - Centro de Formação Profissional da Indústria Metalúrgica e Metalomecânica, oferece formação especializada com cursos como Técnico/a de Maquinação e Programação CNC.

Quanto ao seu tecido associativo, existem no concelho 2 associações juvenis, 27 associações culturais e recreativas, 15 associações desportivas, 11 IPSS ou equiparadas, 4 associações que integram em outras categorias (ambientais, humanitárias, etc..) e 2 Comissões de Finalistas.

Estas associações estão distribuídas pelas 4 freguesias do concelho de Grândola, mas a oferta regular de atividades direcionadas para jovens é mais abrangente na freguesia de Grândola e Santa Margarida da Serra.

No concelho de Grândola a oferta regular de atividades direcionada para jovens é garantida por 12 associações, juvenis, culturais e desportivas, pelo Agrupamento de Escolas de Grândola, por um espaço municipal direcionado para os jovens e por uma entidade privada de Artes Performativas.

3.1.2. Caracterização dos participantes do estudo

Os participantes do estudo têm idades compreendidas entre os 13 e os 20 anos, frequentam atividades oferecidas pelo movimento associativo, comissões e outros atores locais, e concordaram participar no estudo.

Foram convidadas 5 entidades, distribuídas da seguinte forma: 1 associação desportiva, 1 associação cultural, 1 associação juvenil, 1 comissão de jovens e uma entidade privada que tem uma oferta regular de atividades para jovens. A participação no estudo foi voluntária e contou com a participação de 74 jovens.

3.1.2.1. Inquérito por questionário

Como referido anteriormente, os participantes do estudo que responderam ao inquérito por questionário, pertencem à faixa etária dos 13

aos 20 anos, 24 % dos jovens tem 17 anos, 23 % 15 anos e 22% têm 18 anos, com menor expressão surgem os jovens com 13 anos com 3% e com 19 e 20 anos, ambos com 1%, como ilustrado na figura 1.

Figura 1 - Idade dos Participantes



Em relação ao género dos inquiridos, há uma maioria considerável do sexo feminino com 58%, e 39% do sexo masculino, existem 3% jovens que preferem não identificar o sexo. Relativamente à sua nacionalidade, prevalece a portuguesa com 95%, seguida da brasileira com 5%.

Quanto ao ano de escolaridade dos jovens, verifica-se que a maioria dos jovens frequenta o 12º ano de escolaridade 32,4% e o 10º ano de escolaridade 24,3%, que em conjunto representam mais de metade do total de participantes 56,7%, 16% frequenta o 9º ano de escolaridade, 9% o 11º ano, 7% o 8º ano, e 4% o 7º ano de escolaridade. Curiosamente 5% dos jovens inquiridos frequenta o ensino superior, como não existe oferta de ensino superior no concelho, estes jovens, mesmo deslocados, continuam a frequentar atividades no seu concelho, como ilustrado na figura 2.

Figura 2 - Ano de escolaridade



A maioria dos participantes estuda nas escolas que pertencem ao Agrupamento de Escolas de Grândola, nomeadamente a Escola Secundária António Inácio da Cruz com 72% e a Escola Básica de 2º e 3º ciclo Dº Jorge de Lencastre com 11%, de referir que 12% dos jovens estuda fora do concelho de Grândola, 4% frequenta a Escola Profissional de Desenvolvimento Rural de Grândola e 1% o CENFIM.

Do total de inquiridos, 77% reside na freguesia de Grândola e Santa Margarida da Serra, que também é a freguesia mais populosa do concelho, 8% reside na freguesia de carvalhal, 7% na freguesia de Melides, 4% na freguesia de Azinheira dos Barros e São Mamede do Sadão e 4% reside em outro concelho, mas estuda ou frequenta atividades no concelho de Grândola.

No que diz respeito ao seu agregado familiar, 67,6% vive com o pai e a mãe, 16,2% vivem só com o pai ou só com a mãe, 13,5% vivem com o

pai e a mãe em casas separadas e 2,7% vivem com os avós ou outros familiares.

Quanto aos irmãos, 54,1% afirma ter 1 irmão, 21,6% tem 2 irmãos, 13,5% tem 3 irmãos, 8,1% é filho único e 2,7% tem 4 ou mais irmãos.

Relativamente às habilitações literárias dos pais, verificou-se que em ambos predomina o ensino secundário, no caso do pai 38% e na mãe 47%, seguido do ensino superior, 24% para o pai e 35% para mãe. Concluímos que a maioria dos pais dos inquiridos tem o ensino secundário completo, conforme exemplificado na tabela 1.

Tabela 1 - Habilitações literárias dos pais

	Não sabe ler, nem escrever	1º ciclo do Ensino Básico	2º ciclo do Ensino Básico	3º ciclo do Ensino Básico	Ensino Secundário	Ensino Superior
Pai	1	6	5	16	28	18
Mãe	1	1	3	8	35	26
Pai	1%	8%	7%	22%	38%	24%
Mãe	1%	1%	4%	11%	47%	35%

3.1.2.2 – Focus Group

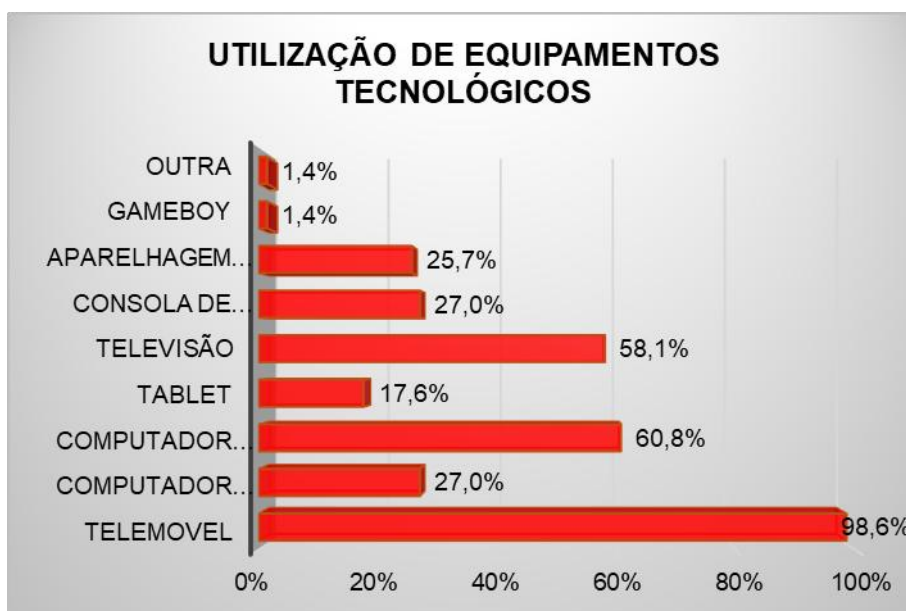
No texto, os jovens entrevistados através de focus group, são referidos usando a letra inicial do seu nome próprio e apelido, seguido do número do FG em que participaram.

3.2. Comunicação e tecnologias

A utilização das tecnologias de comunicação foi uma das áreas contempladas neste estudo, cada vez mais devemos ter em conta que os jovens de hoje estão fortemente ligados através de dispositivos móveis e redes sociais. Um dos objetivos principais desta área foi identificar as tecnologias mais utilizadas pelos jovens para aceder à informação e os padrões de comportamento associados ao consumo de conteúdos digitais.

Os resultados revelam que o telemóvel é o equipamento tecnológico preferido dos jovens, sendo utilizado por 98,6% dos inquiridos, segue-se o computador portátil 60,8%, a televisão 58,1%, o computador fixo e a consola de jogos foi a escolha de 27% dos inquiridos, a aparelhagem sonora surge com 25,7%, o tablet com 17,6% dos jovens e 1,4% das escolhas recai sobre o gameboy e outros equipamentos tecnológicos não especificados, como ilustrado na figura 3.

Figura 3 - *Utilização de equipamentos tecnológicos*



Estes dados fornecem uma visão clara das suas escolhas em termos de dispositivos e destacam as tendências do consumo de tecnologia entre esta faixa etária. O dado mais significativo é o da utilização do telemóvel, este valor reflete o papel central que o telemóvel desempenha no quotidiano destes jovens, servindo como ferramenta multifuncional para comunicação, acesso à internet, entretenimento e, possivelmente, para atividades de estudo. O computador portátil é o segundo equipamento mais utilizado pelos jovens, o que indica que, apesar da omnipresença do telemóvel, muitos

jovens continuam a recorrer ao computador para tarefas que requerem maior produtividade ou conforto visual, provavelmente será utilizado na realização de trabalhos escolares ou na visualização de conteúdos multimédia (Amaral et al, 2017).

Curiosamente a televisão surge como a terceira escolha dos inquiridos, o que pode estar relacionado com o consumo de conteúdos audiovisuais, como filmes e séries, especialmente em plataformas de streaming.

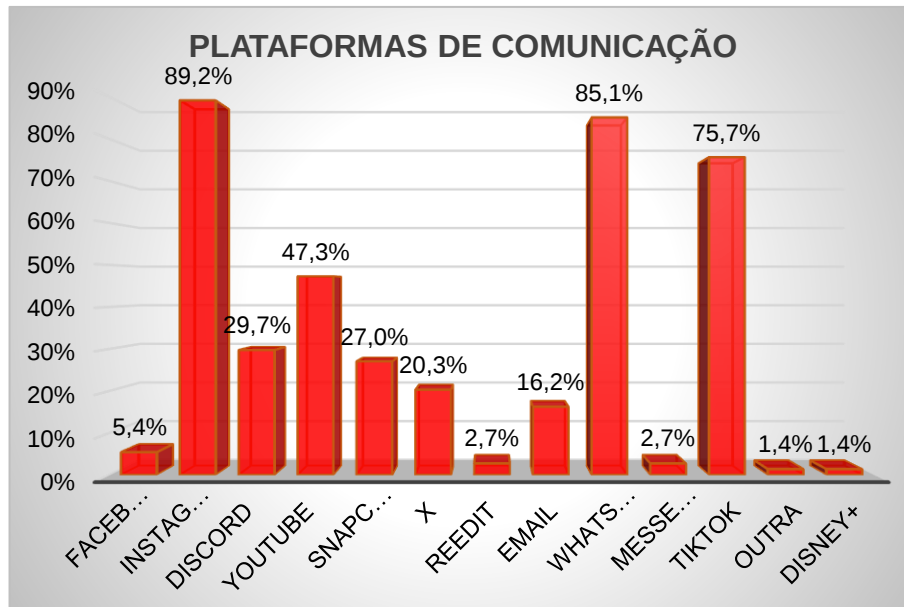
A utilização do computador fixo e das consolas de jogos é relativamente baixa, que reflete uma mudança no comportamento dos jovens, que tendem a preferir dispositivos móveis e mais flexíveis, como o telemóvel e o computador portátil, em detrimento de equipamentos fixos ou dedicados a um único propósito, como as consolas de jogos.

Também os jovens de Grândola, há semelhança de todo o país acompanham a tendência apresentada pelos estudos nacionais, que referem que os jovens portugueses estão altamente conectados, sendo os dispositivos móveis e os computadores os principais equipamentos tecnológicos utilizados (Saguier et. al, 2021; Figueiredo et. al, 2021).

Quando questionados sobre a utilização de plataformas de comunicação, como ilustrado na figura 4, na página seguinte, a preferência de utilização das plataformas de comunicação recai sobre o Instagram, utilizado por 89,2% dos jovens, seguido pelo WhatsApp 85,1% e pelo TikTok 75,7%, o Youtube surge com 47,3%, o Discord 29,7%, o Snapchat 27%, X 20,3%, o email 16,2%, o Facebook com 5,4%, Reedit e o Menssager é utilizado por 2,7% dos inquiridos e com 1,4% surgem menções ao Disney + e a outras plataformas não especificadas.

Estas plataformas refletem a tendência atual de consumo digital, com um destaque nas redes sociais como meio principal de comunicação e acesso à informação.

Figura 4 - Utilização das Plataformas de Comunicação



A preferência pelo Instagram “Tinha de ser no Instagram” (MSFG2), “Porem lá no insta, tipo...” (BSFG1) e pelo WhatsApp indica que os jovens estão fortemente ligados a plataformas que facilitam a partilha de imagens, vídeos e mensagens curtas. Estas plataformas oferecem uma forma de comunicação rápida e sugerem que os jovens preferem formas de comunicação que envolvam conteúdos multimédia e interações sociais instantâneas e dinâmicas.

Existe uma popularidade crescente do TikTok, plataforma que é conhecida pela sua capacidade de fornecer vídeos curtos e envolventes, o que corresponde ao desejo dos jovens de consumirem conteúdos rápidos e interativos (Alves et al, 2023). Embora o YouTube seja utilizado por quase metade dos jovens, este parece ser uma plataforma de consumo de conteúdos longos, em comparação com as redes sociais mais interativas. O YouTube permite aceder a vídeos tutoriais, música e outros tipos de conteúdos, mas a sua menor percentagem em relação às redes sociais sugere que os jovens a utilizam mais para consumo passivo, e não tanto para interação social. As plataformas como o Discord, Snapchat e o X

(antigo Twitter) indicam que uma parcela significativa dos jovens está a adotar redes sociais mais especializadas. O Discord, por exemplo, é conhecido por ser muito utilizado em comunidades de jogos e grupos de interesse específicos (Alves et al, 2023). A baixa utilização do Facebook entre os jovens confirma o declínio desta plataforma na faixa etária mais jovem, à medida que os utilizadores migram para redes mais visualmente dinâmicas e interativas como o Instagram e TikTok.

Esta preferência por conteúdos visuais e interativos está alinhada com os resultados de alguns estudos nacionais que destacam a predominância de redes sociais que promovem a partilha imediata de imagens e vídeos entre a população juvenil e a popularidade crescente do TikTok. Estes comportamentos estão diretamente relacionados com o estilo de vida digital dos jovens, que preferem plataformas que integrem funcionalidades de comunicação, entretenimento e informação em um único espaço (Saguiet, L. et al, 2021; Cardoso et al, 2022; Infante et al, 2019).

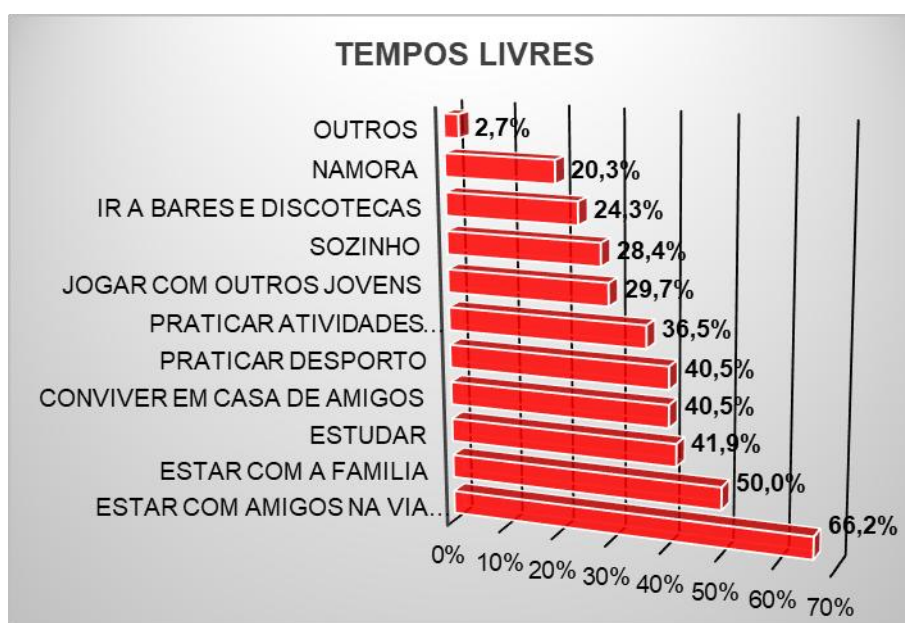
Quando questionados sobre a forma como acedem a notícias, a maioria dos jovens 71,6% refere as redes sociais como a fonte principal de informação, seguido pela televisão 62,2%, 39,2% através de amigos e família, 5,4% através da rádio e 4,1% pelos jornais. Se relacionarmos estes dados com os dados das plataformas de comunicação mais utilizadas, as redes sociais, como o Instagram e o TikTok, não só facilitam o acesso rápido e fácil às notícias, mas também permitem a partilha de informação entre pares, criando um fluxo constante e interativo de conteúdos. No entanto, esta dependência pode levantar questões sobre a qualidade e veracidade da informação a que os jovens têm acesso, uma vez que muitas redes sociais fornecem notícias não verificadas ou desinformação.

3.3. Lazer e tempos livres

Esta área tem como principal objetivo analisar os padrões e interações sociais relacionados com o lazer e os tempos livres dos jovens através da identificação dos hábitos e costumes dos inquiridos, nas áreas do desporto, lazer e das práticas artísticas.

Quando questionados acerca da forma como ocupam os seus tempos livres, como ilustrado na figura 5, a maioria dos jovens, 66,2% tem por hábito estar com os amigos na via pública, 50% está regularmente com a família, 41,9% a estudar, 40,5% prefere o convívio em casa de amigos e a praticar desporto, 36,5% a praticar atividades artísticas, 29,7% a jogar com outros jovens, 28,4% preferem ficar sozinhos, 24,3% frequentam bares e discotecas, 20,3% a namorar e 2,7% não especificam como ocupam o seu tempo livre.

Figura 5 - Ocupação dos Tempos Livres



Com efeito a maioria dos jovens prefere passar o tempo livre com amigos na via pública, particularmente “No jardim” (WBFG2) que demonstra, por um lado a falta de espaços de convívio, mas evidencia a importância do convívio social em espaços abertos e informais. Este dado é reforçado pelo facto de os jovens também passarem tempo “Na casa uns dos outros” (MSFG2), indicando que a socialização é uma das principais atividades de

lazer dos jovens, seja em espaços públicos ou privados. No entanto, metade dos jovens indicou que passa regularmente tempo com a família, o que indica que, apesar da importância das amizades, o convívio familiar ainda desempenha um papel significativo no lazer dos jovens.

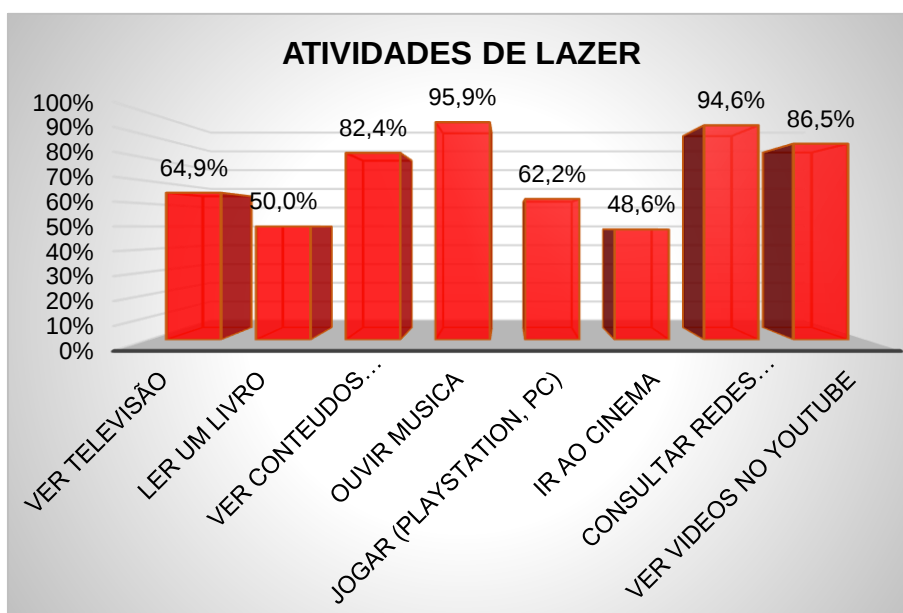
Por outro lado, o ato de estudar ocupa uma parte significativa do tempo livre dos jovens, o que pode ser um reflexo de pressões académicas ou da necessidade de conciliar responsabilidades escolares com o lazer. O envolvimento dos jovens em atividades desportivas e artísticas é significativo. O jogo, seja ele online ou presencial, é uma forma de lazer para muitos jovens. Enquanto uma percentagem similar prefere passar o tempo “Em casa, sozinha” (CBFG2). Estes dados revelam a diversidade nas preferências dos jovens: enquanto uns procuram socializar de forma ativa, outros preferem momentos de introspeção ou individualidade. A participação dos jovens em atividades noturnas, como bares e discotecas, é moderada. Isto pode refletir uma tendência de socialização mais informal e em ambientes não necessariamente ligados à vida noturna. Embora o namoro seja parte da vida de alguns jovens, não é uma das atividades mais frequentes mencionadas na ocupação do tempo livre.

Por outro lado, existem um conjunto de jovens que referem “Não há nada para fazer” (BBFG1), “Não há nada para fazer. [...] A mentalidade de Grândola é muito pequenina. As pessoas só se limitam a coisas pequenas.” (CSFG1), “parece o fim do mundo” (CBFG2) e “Não há muita coisa para fazer” (MSFG2). Estes relatos destacam o sentimento de falta de opções de lazer, o que pode ajudar a explicar o porquê de os jovens passarem tanto tempo em espaços abertos, sem atividades estruturadas.

Quanto à frequência das atividades de lazer a que apresenta a preferência mais alta, 95,9 % é ouvir música, seguida de consultar as redes sociais 94,6%, de ver vídeos no Youtube 86,5%, de ver conteúdos multimédia 82,4%, de ver televisão 64,9%, jogar (playstation, pc) 62,2%, ler um livro 50 % e em último lugar ir ao cinema 48,6%, refletindo uma menor

adesão a este tipo de atividade em comparação com os meios digitais e multimédia, como ilustrado na figura 6.

Figura 6 - Atividades de Lazer



Os dados refletem a clara predominância das atividades digitais e tecnológicas no lazer dos jovens, com ouvir música, consultar redes sociais e ver vídeos no YouTube a liderar as suas preferências. A televisão e o cinema, por outro lado, estão a diminuir na preferência dos jovens, enquanto os jogos digitais continuam a ser uma forma significativa de entretenimento.

A leitura está em declínio comparativamente às outras atividades (Sousa, 2020), e a ida ao cinema ocupa a última posição entre as atividades de lazer, sugerindo que os jovens preferem meios mais acessíveis e personalizados, como o streaming de conteúdos e os videojogos.

Esta tendência está em consonância com o que foi identificado nos estudos nacionais, onde os jovens portugueses destacam as atividades relacionadas ao entretenimento digital como uma das suas principais formas de lazer (Saguier, L. et al, 2021; Infante et al, 2018).

3.2.1. Práticas Desportivas e Artísticas

No que se refere à participação em atividades desportivas e artísticas, os dados mostram que 68% dos jovens frequentam atividades fora da escola, enquanto 20% participam em atividades desenvolvidas em ambiente escolar e apenas 12% dos inquiridos indicam não participar em qualquer tipo de atividade desportiva ou artística.

Quanto à oferta de atividades fora da escola, 30% dos inquiridos frequenta a dança contemporânea, 24 % futebol, 16% street dance, musica e natação, 12% teatro e fotografia, 10% ginásio e atividades de escutismo, 8% danças tradicionais, pintura e basquetebol, 6% escrita, artes marciais e ciclismo, 4% triatlo e surf e 2% frequenta danças de salão, skate, hóquei em patins, patinagem artística, ginástica, voleibol, BTT e atletismo.

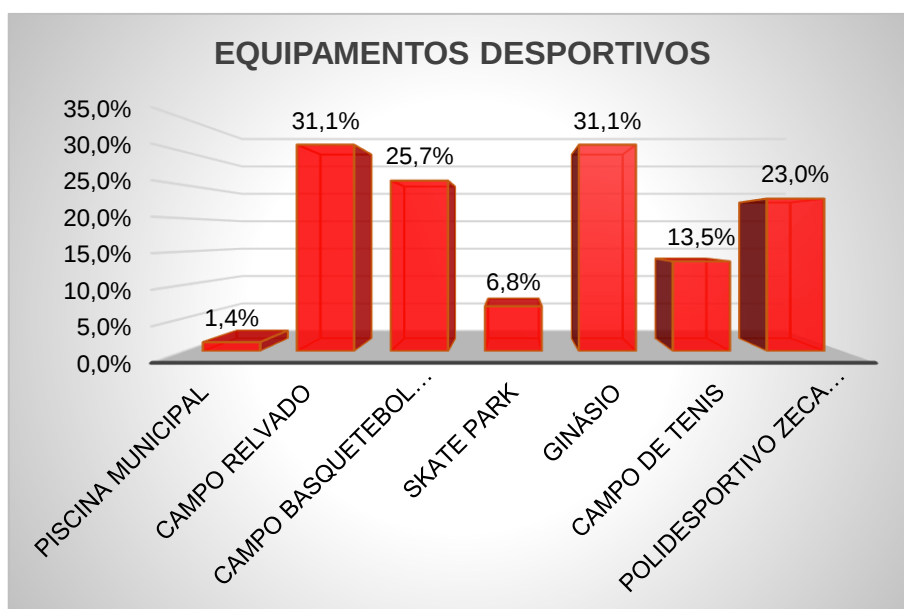
A análise de dados relativa à oferta de atividades extracurriculares, demonstra que existe falta de oferta, “a escola podia ter um ou dois clubes assim mais diversificados” (CBFG2), “sim a escola também não tem assim muita coisa.” (MSFG2).

Fora da escola as preferências dos jovens em relação ao desporto e atividades artísticas recaem na dança contemporânea e no futebol que são as atividades extracurriculares mais atrativas para os jovens, sugerindo que ambas as áreas, artística e desportiva, desempenham um papel importante no desenvolvimento juvenil. Existe uma diversificação interessante em termos de atividades, com opções como a street dance, música e natação a serem populares, embora com menor adesão. As atividades menos convencionais, como o skate, surf e artes marciais, têm uma baixa adesão. O teatro e a fotografia são outras áreas artísticas que atraem uma parcela considerável de jovens, mas que não existem no concelho, “onde é que está o teatro?” (CBFG2). Finalmente, as atividades que envolvem competição formal, como o atletismo e o voleibol, têm uma adesão baixa, o que sugere que os jovens preferem atividades mais recreativas e menos competitivas no seu tempo livre .

Quando inquiridos sobre a utilização dos equipamentos desportivos que têm à sua disposição verifica-se que alguns jovens praticam outras modalidades, mesmo sem estarem inscritos no desporto escolar ou nos clubes do concelho.

Como ilustrado na figura 7, o ginásio e o campo relvado com 31,1% (este último está integrado no Parque Desportivo e só pode ser utilizado através de marcação) apresentam a maior percentagem de utilização, seguido do campo de basquetebol 3 X 3 que surge com 25,7% de utilização e do polidesportivo Zeca Afonso com 23%, estes dois são equipamentos de livre utilização, integrados no espaço urbano da sede de concelho, não existindo horários ou marcações para a utilização dos mesmos, o campo de ténis apresenta uma utilização de 13,5% e o skate park uma utilização de 6,8 %, de referir que estes equipamentos estão integrados no Parque Desportivo Municipal e estão sujeitos a um horário de abertura e encerramento, a piscina municipal coberta está integrada no Complexo Desportivo Municipal José Afonso e tem uma utilização de 1,4%.

Figura 7 - Utilização de Equipamentos Desportivos



A flexibilidade na utilização dos equipamentos é um fator determinante para a sua popularidade entre os jovens. A ausência de restrições horárias e de marcações permite que os jovens utilizem os espaços de forma espontânea, " O skate parque devia estar sempre aberto, porque ele tem um horário e há malta que não vai, não é? Não vai andar de skate naquela hora." (CSFG1).

Quando inquiridos sobre possíveis sugestões para novas modalidades ou equipamentos desportivos, 25,7% dos jovens sugeriram o voleibol, enquanto 12,2% não apresentaram sugestões, 8,1% dos jovens sugerem a criação de ginásios de grande dimensão e de uma piscina descoberta e a mesma percentagem de jovens diz-nos que não pretendem mais equipamentos, 5,4% sugerem um campo de golfe acessível a todos e um pavilhão multiusos e 4,1 % campos de paddle, 2,7 % badminton e 1% dos jovens criação de percursos para a modalidade de BTT, campos de ténis coberto, futsal, equitação. Também existem referências a "Uma piscina aberta" (BSFG1).

A análise das sugestões dos jovens para novas modalidades ou equipamentos desportivos revela várias tendências importantes sobre as suas expectativas. O voleibol é a modalidade mais desejada por uma parte expressiva dos jovens, o interesse por este desporto, deve-se a facto de ser uma modalidade que não está disponível " Não há campo de vólei" (CBFG2), ou existe há pouco tempo no concelho, "Abriu o vólei este ano" (MSFG2), mas como é uma oferta de escola, só os jovens que frequentam essa escola é que podem usufruir. A ausência de sugestões por parte de uma percentagem significativa dos jovens pode indicar que os jovens não se sentem suficientemente envolvidos no processo de decisão ou que não estão habituados a ser consultados.

Em relação às infraestruturas de grande dimensão, como ginásios e piscinas ao ar livre, esta necessidade pode estar relacionada com a perceção de que as instalações existentes são insuficientes para a procura ou que estão saturadas. Embora uma parte dos jovens demonstre interesse

em mais infraestruturas, 8,1% está satisfeita com a oferta existente ou que não considera necessárias novas instalações. Este facto pode ser um reflexo da variedade de interesses entre os jovens, onde alguns estão mais envolvidos no desporto, enquanto para outros o desporto não é uma parte central do seu lazer.

As sugestões para modalidades menos convencionais, como golfe, paddle e badminton, demonstram que, embora a maioria dos jovens prefira modalidades mais comuns, existe um interesse crescente por desportos mais especializados ou menos acessíveis, “que as associações não possam ser só para certas pessoas e não sei o quê, eu agora não posso ir ao golfe que eu gosto, porque há a coisinha de... As coisas, é só para os riquinhos de lá” (BBFG1), “E eu não posso ir para o Golfe porque sou da Agrícola.” (BSFG1), “ Há uma associação que é do Golfe, mas eles não deixam a gente ir.” (BBFG1).

É importante reconhecer que, apesar do interesse em novas infraestruturas, uma possível expansão deve ser feita de forma equilibrada, respondendo às necessidades tanto dos praticantes mais ativos como dos grupos de interesse específicos.

3.4. Participação em eventos culturais

Esta área tem como principal objetivo compreender os hábitos culturais dos jovens, identificando os hábitos e as práticas nas áreas relacionadas com a cultura e identificando os espaços culturais municipais utilizados pelos jovens.

Quando questionados sobre a frequência com que participam nos eventos culturais do concelho promovidos para a população em geral, conforme exemplificado na tabela 2, na página seguinte, 51,4% dos jovens vão sempre a feiras, 28,4% frequentam muitas vezes e sempre os concertos e 36,5% dos jovens vão sempre a bailes tradicionais, de referir que 35,1% dos participantes referiram que nunca vão a Workshops, 43,2% nunca vão ao teatro, 58,1% dos jovens nunca vai a apresentações de livros e 33,8 %

nunca frequenta exposições, relativamente à oferta de cinema 27% raramente frequenta e 44,6 % vai algumas vezes.

Tabela 2 - Frequência de participação nos eventos culturais do concelho promovidos para a população em geral

	Feiras	Concertos	Workshops	Teatro	Apresentações de Livros	Exposições	Cinema	Bailes e Festas Tradicionais
Nunca	5,4%	8,1%	35,1%	43,2%	58,1%	33,8%	9,5%	12,2%
Raramente	2,7%	12,2%	28,4%	36,5%	24,3%	27,0%	27,0%	9,5%
Algumas Vezes	18,9%	23,0%	32,4%	17,6%	12,2%	25,7%	44,6%	24,3%
Muitas Vezes	21,6%	28,4%	4,1%	2,7%	5,4%	9,5%	17,6%	17,6%
Sempre	51,4%	28,4%	0,0%	0,0%	0,0%	4,1%	1,4%	36,5%

Os dados mostram que os jovens têm uma forte adesão a eventos culturais populares e de entretenimento, como “as feiras” (BBFG1) , bailes e concertos, “E as festas” (CSFG1) que são eventos de grande apelo social. Por outro lado, existe um desinteresse por atividades culturais mais formais, como workshops, teatro, apresentações de livros e exposições, “ Ninguém se interessa por isso” (BSFG1), que pode indicar uma lacuna entre a oferta cultural e os interesses dos jovens.

Além disso, a adesão moderada ao cinema indica que, o cinema não é suficientemente apelativo para atrair os jovens de forma consistente, “porque às vezes os filmes são o que são” (CBFG2) ou “Pois, às vezes não é assim tão apelativo para nós” (MSFG2).

Relativamente à falta de participação dos jovens em atividades culturais, estes alegam que “Nunca sei quando é” (WDFG2), “não me parecem ser lá grande coisa.” (CBFG2), “há mais atividades para idosos” (MSFG2), “Eu acho que tentam pensar como jovens. Não chegam lá. Não alcançam. É mais uma satisfação própria” (CBFG2).

Quando questionados sobre qual ou quais os motivos de não participarem nos eventos, 47,3% dos jovens responde que não tem interesse, 36,5% desconhece que existe o evento, 25,7% não tem transporte

e ainda surgem referências a imprevistos ou a falta de disponibilidade, mas sem expressão.

A falta de interesse e o desconhecimento sobre os eventos culturais são as principais barreiras à participação dos jovens, “ Não sabem que há” (BBFG1), “E no Insta normalmente dá depois só as fotos do que aconteceu, antes de eu saber o que é que há.” (BBFG1), “Falta de interesse” (CSFG1), “Só está publicado nas redes sociais, mas não chama muito á atenção” (MSFG2), seguidas pela falta de transporte. Estes dados indicam a necessidade de ajustar a programação cultural para torná-la mais relevante e atrativa para o público jovem, bem como de melhorar os mecanismos de divulgação para garantir que os jovens estão cientes das atividades disponíveis. Além disso, a questão da mobilidade necessita de ser abordada, especialmente em áreas onde o transporte público é limitado, que é o caso do concelho de Grândola, para garantir que todos os jovens possam participar nos eventos culturais.

Relativamente à participação de eventos culturais fora do concelho, 47,3% dos jovens afirma deslocar-se a outros concelhos para participar em eventos culturais. Dos jovens que se deslocam para fora do concelho, conforme exemplificado na tabela 3, na pagina seguinte, 34,3% vai sempre a feiras e 25,7 % a concertos e bailes tradicionais, mantém-se a tendência de nunca participarem em eventos como o teatro 57,1%, apresentações de livros 68,6% e 37,1% em Workshops e raramente deslocam-se para participarem em exposições 42,9% e 22,9% raramente e algumas vezes vão ao cinema.

Tabela 3 - Frequência de participação nos eventos culturais fora do concelho promovidos para a população em geral

	Feiras	Concertos	Workshops	Teatro	Apresentações de Livros	Exposições	Cinema	Bailes e Festas Tradicionais
Nunca	5,7%	8,6%	37,1%	57,1%	68,6%	25,7%	28,6%	8,6%
Raramente	2,9%	8,6%	34,3%	28,6%	17,1%	42,9%	22,9%	14,3%
Algumas Vezes	28,6%	25,7%	25,7%	11,4%	11,4%	20,0%	22,9%	37,1%
Muitas Vezes	28,6%	31,4%	0,0%	0,0%	0,0%	5,7%	20,0%	14,3%
Sempre	34,3%	25,7%	2,9%	2,9%	2,9%	5,7%	5,7%	25,7%

Os dados indicam que os jovens estão dispostos a deslocar-se para participar em eventos culturais “claro toda a gente vai aos outros concelhos” (BSFG1) “Cá não há nada, nos outros sítios há sempre mais coisas. Nem se quer é preciso ir assim muito longe a Lisboa, não, vamos aqui ao pé” (WBFG2)., especialmente quando estes envolvem feiras, “nas outras feiras, em Santiago, fui praticamente todos os dias. Mas depois dos concertos, havia DJs”, concertos e bailes tradicionais, que continuam a ser as suas atividades culturais preferidas. No entanto, a sua baixa adesão a eventos formais e intelectuais, como teatro, apresentações de livros, workshops, e exposições, mantém-se, mesmo quando têm acesso a ofertas noutros concelhos.

Relativamente aos espaços culturais que existem no concelho, existem dois equipamentos que apresentam níveis de frequência mais altos que são o Cine Granadeiro com 35%, a Biblioteca Municipal 31,7%, o Cine Teatro Grandolense 11,7%, o Estúdio Jovem 8,3%, o Núcleo Museológico da Olaria de Melides 5%, o Centro Ciência Viva do Lousal e o Museu Municipal 3,3% e por último o Arquivo Municipal com 1,7%.

Os dados revelam uma concentração de frequência em poucos espaços culturais, nomeadamente o Cine Granadeiro e a Biblioteca Municipal, que são os equipamentos mais utilizados pelos jovens. Estes espaços oferecem atividades e recursos que parecem alinhar-se com os interesses culturais dos jovens.

O Estúdio Jovem não está a desempenhar o papel esperado como um centro de atividades para os jovens, como referem os entrevistados “Cá o Estúdio Jovem não fazem mesmo nada” (BBFG1), “Só nos levam à praia. Não há nada.” (BBFG1), “Então agora, praticamente ninguém da nossa idade vai para o estúdio jovem.” (BSFG1), a baixa utilização pode refletir uma falta de divulgação, uma programação desajustada ou falta de identificação dos jovens com o espaço. O que sugere a necessidade de uma

reavaliação das atividades e da gestão deste espaço, bem como um esforço de comunicação para aumentar o seu apelo junto dos jovens.

Os espaços museológicos e científicos são pouco utilizados, o que indica que os jovens não estão a encontrar nestes espaços uma oferta apelativa. Melhorar a experiência museológica e científica para que seja mais envolvente pode ajudar a aumentar a participação. O Arquivo Municipal é praticamente irrelevante para os jovens, o que é compreensível, dado o objetivo deste espaço. Embora este tipo de equipamento pode e deve explorar oportunidades para envolver os jovens em atividades educativas, culturais, artísticas e sociais relacionadas com a história e a preservação documental.

Quando questionados sobre que outros equipamentos gostavam que existissem no concelho, a maioria dos jovens tem dificuldades em exprimirem a sua opinião, 44,6% não sabem o que responder, o que pode indicar uma falta de envolvimento ou de visão clara sobre o que gostariam de ver implementado, 10,8% sugerem um cinema maior e com outro tipo de tecnologia (IMAX) e 10,8% a criação de auditórios com salas/estúdios de dança, teatro, 6,8 % dizem que não são necessários novos equipamentos, 5,4% sugerem uma Casa da Juventude, “Criar uma coisa parecida ao Estúdio Jovem.” (CSFG1) e museus diferentes, 4,1% um centro comercial e salão de jogos, 1,4% uma galeria de arte e as restantes sugestões não referem novos equipamentos, mas criticam a programação nos existentes, “Acho que deviam expandir mais...” (BSFG1), “ Mas só para... Para as idades certas.” (BBFG1).

Estes dados demonstram uma falta de clareza e envolvimento por parte da maioria dos jovens no que diz respeito às suas necessidades em termos de infraestruturas culturais e de lazer, com 44,6% a não saberem o que responder. Mais uma vez este resultado realça a importância de envolver os jovens de forma mais ativa nos processos de consulta e planeamento. Entre os jovens que expressaram preferências, existe um pedido por infraestruturas mais modernas, como um cinema maior e

auditórios para atividades artísticas, refletindo a necessidade de melhorar a qualidade da experiência cultural. Algumas sugestões mais específicas, como uma Casa da Juventude e museus diferentes, indicam que existem grupos menores com necessidades mais especializadas que também devem ser consideradas. A insatisfação com a programação atual sugere que, mais do que a criação de novos equipamentos, deve existir a preocupação de melhorar a oferta cultural e recreativa nos espaços já existentes, de forma a torná-los mais relevantes e atrativos para os jovens.

3.5. Programas direcionados para os jovens

Esta secção tem como principal objetivo identificar os hábitos e costumes dos inquiridos relativamente aos programas direcionados para a juventude.

Quando questionados se participaram em iniciativas ou programas para jovens, que tenham sido organizados pelo município de Grândola 63,5% responderam que não participaram, porque 59,6% não tem conhecimento dos programas e das iniciativas, 25,5% não tem interesse em participar, 12,8% não tem transporte e 2,1% afirmam não terem tempo. Dos inquiridos que responderam afirmativamente, 89% participa em mais de uma atividade ou programa, 35,3% participa no Programa Ocupacional Bora Lá Bulir, 33,3% nas iniciativas que são programadas no decorrer do Mês da Juventude, 7,8% nas Comemorações do Dia Internacional da Juventude, 5,9% no Programa Vivam as Férias e no Experimenta, 3,9% no Arte na Rua e 2% referem atividades como a praia, cartão jovem, campanhas, Comemorações do 25 de abril. De referir que nos FG quando questionados sobre os programas para jovens que conhecem também são referenciadas as mesmas atividades, “Bora Lá Bulir” (BBFG1; CBFG2), “Mês da Juventude” (CSFG1) e “Vivam as Férias” (MSFG2).

Os dados revelam uma baixa participação dos jovens nas iniciativas e programas juvenis organizados pelo município, com 63,5% dos inquiridos a não participarem devido à falta de conhecimento e ao desinteresse. Para aumentar a adesão aos programas é essencial melhorar a divulgação,

principalmente trabalhar com os jovens e adaptar os programas aos seus interesses, incluindo a oferta de soluções de transporte para aqueles que enfrentam barreiras de mobilidade.

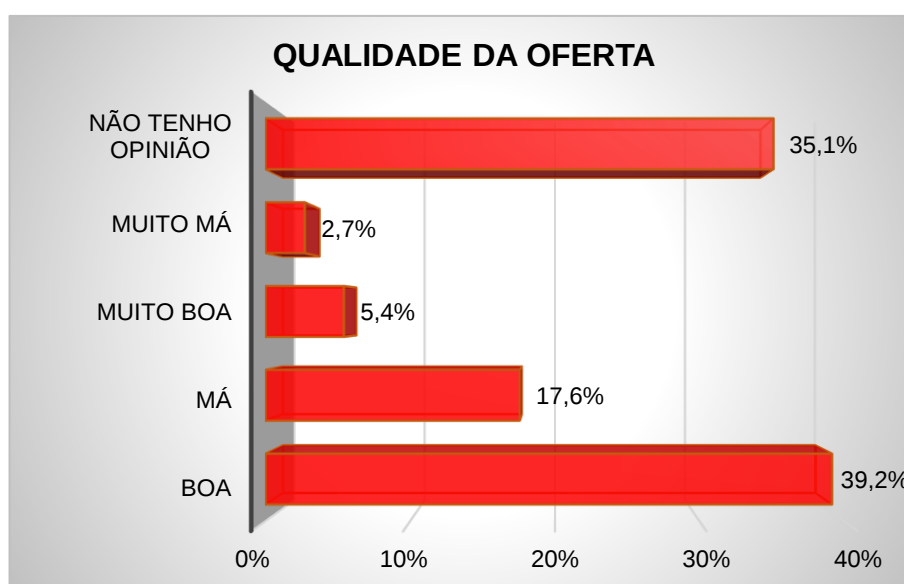
O Estúdio Jovem é o único espaço do concelho direcionado para os jovens, é neste espaço que os técnicos de juventude e o Setor de Juventude funciona. Relativamente a este espaço do total de inquiridos somente 9,5% afirmam desconhecer a existência deste espaço, quando questionamos os restantes 90,5% jovens que responderam que conhecem este equipamento, sobre a frequência com que o utilizam, 41,8% dos inquiridos raramente vai ao espaço, 34,3% afirma que nunca vai, 16,4% vai algumas vezes e somente 7,5% vai muitas vezes. Quando inquiridos sobre motivo de nunca irem a este espaço, 34,8% dizem que não têm interesse ou não têm tempo, 21,7% não gostam das atividades, 4,3% ou não vivem Grândola ou não se identificam com os funcionários que lá trabalham.

Estes dados demonstram que apesar de a maioria dos jovens estar ciente da sua existência “Porque antes havia o Estúdio Jovem” (CSFG1), a sua utilização é muito limitada, com uma grande parte dos jovens a não frequentar o espaço regularmente, o que sugere que o espaço, embora seja conhecido, não atrai os jovens ou não oferece atividades que os motivem a participar “Agora nós vamos para o estúdio jovem e estão lá miúdos de 9, 8 anos.” (CSFG1), “Aquilo é só crianças. Parece a ludoteca.” (BSFG1)

A falta de interesse e a insatisfação com as atividades são barreiras significativas à participação dos jovens no Estúdio Jovem. Isto indica que as atividades atuais não estão suficientemente alinhadas com os interesses e expectativas da maioria dos jovens. Uma menor percentagem de jovens assinala outros motivos para não frequentar o Estúdio Jovem, como o facto de não viverem em Grândola ou não se identificarem com os funcionários. Embora esta percentagem seja pequena, é um indicativo de que o ambiente e as relações interpessoais no espaço também podem influenciar a decisão dos jovens de participar.

Quanto à qualidade da oferta de atividades e programas juvenis direcionados para os jovens do concelho de Grândola, 39,2% diz ser boa, 35,1% afirma não ter opinião, 17,6% classifica as atividades como más, 5,4% como muito boas e 2,7% como muito más, como ilustrado na figura 8.

Figura 8 - Qualidade da oferta de Atividades direcionadas para jovens



A opinião sobre a qualidade das atividades é variada, com uma parte significativa dos inquiridos a classificar as atividades como boas, mas também com uma percentagem considerável que as considera más ou não tem opinião. De assinalar elevada percentagem de jovens que não tem opinião, que pode indicar desconhecimento ou desinteresse em relação às atividades e programas oferecidos. A avaliação negativa sugere que há espaço para melhorar a programação e torná-la mais apelativa e envolvente.

Quando são confrontados com a possibilidade de sugerirem novas atividades e programas direcionados para os jovens, as sugestões são diversificadas, 20,3% querem voleibol, mais uma vez o hábito de não serem chamados a participarem é evidente com 16,2% dos jovens a responderem que não sabem, 8,1% pretendem campeonatos de diversas modalidades e atividades, 6,8% criação de clubes específicos (teatro, cinema, ciência),

5,4% concertos, desportos radicais, workshops de artes e realização de visitas e intercâmbios, 2,7% realização de atividades artísticas ao ar livre e criação de um grupo de teatro, e com 1,4% surgem diversas atividades onde estão incluídas acampamentos, atividades interassociativas, convívios, atletismo, danças de salão, futsal, golf, matraquilhos, arte na rua, voluntariado e idas a discotecas.

Os jovens entrevistados através de focus group apresentam sugestões de atividades como “Acho que devia fazer... Não é uma fusão, mas às vezes fazer atividades com... as várias escolas aqui e Grândola, juntarem as várias escolas cá de Grândola.”(BSFG1), “A gente se habituou a ensinarem a fazer malabarismo, tipo circo, uma cena assim, era fixe.” (CSFG1), “Saídas. Todos os sítios têm. Até mesmo na escola, os de santiago vão a Londres, vão a Lisboa e agente só vai até Lisboa, nunca passamos de Lisboa.”(BBFG1), “Intercâmbios” (WBFG2), “ animação à noite, aos fins de semana, no jardim”(MSFG2), “um clubezito. Só para ir conhecer pessoas que tinham os mesmos gostos que nós” (CBFG2).

Os dados revelam que, embora exista um conjunto de interesses comuns entre os jovens, como a introdução de voleibol, competições desportivas, e atividades culturais e radicais, existe também uma diversidade significativa nas sugestões, com muitos jovens a expressarem interesse em atividades mais específicas como clubes temáticos ou visitas e intercâmbios. A dificuldade de 16,2% dos jovens em sugerirem atividades reflete mais uma vez, a falta de hábito de serem consultados ou uma falta de clareza sobre o que desejam. Isso reforça a importância de envolver os jovens de forma mais ativa, incentivando a participação através de canais de comunicação acessíveis e processos participativos. As sugestões para campeonatos, workshops de arte, concertos e atividades ao ar livre mostram que os jovens estão à procura de uma oferta mais dinâmica, diversificada, e que proporcione tanto entretenimento como enriquecimento pessoal.

3.6. Associações juvenis e participação social

Na área da participação social pretende-se conhecer as formas de participação formais ou informais e/ou da sociedade civil.

Quando questionados se colaboram com alguma associação juvenil ou grupo de jovens, 36,5% já colabora com associações juvenis ou grupo de jovens e 63,5% dos inquiridos não colabora, a sua não colaboração deve-se em 64,5% dos casos porque não tem tempo disponível, 19,4% não consideram que seja importante, 12,9% não conhecem nenhuma associação juvenil e 3,2% não têm vontade ou motivação, como ilustrado na figura 9.

Figura 9 - Causas da não participação em associações juvenis



A baixa taxa de participação em associações juvenis revela que grande parte dos jovens não está envolvida em atividades de associativismo ou em grupos de jovens. Este dado reflete a necessidade de incentivar o associativismo e promover as vantagens de participar em tais organizações para o desenvolvimento pessoal e comunitário dos jovens. Existem algumas referencias a projetos desenvolvidos por associações locais que tinham parcerias com escolas artísticas “Eu até gostei porque eles chamavam

peessoas de fora, tipo Chapitô”, “Sim eu sei fazer malabarismo à pala do Chapitô”(BSFG1), que eram do agrado dos jovens e terminaram.

A falta de tempo é a barreira mais significativa à participação dos jovens em associações, o que sugere que muitos estão a lidar com horários apertados ou outras prioridades. A percepção de que o associativismo não é importante reflete uma lacuna na sensibilização dos jovens para os benefícios de se envolverem em associações juvenis. O desconhecimento sobre a existência de associações juvenis indica que há um problema de divulgação e de acesso à informação e que a existência de apenas duas associações juvenis no concelho é insuficiente. A falta de motivação para participar sugere que existem jovens que, apesar de terem tempo ou conhecimento sobre associações juvenis, simplesmente não se sentem atraídos pela ideia de envolvimento, ou não se identificam com as associações existentes.

Relativamente ao conhecimento que os jovens grandolenses têm sobre os locais onde podem dirigir-se para apresentarem as suas ideias ou projetos, verifica-se que 47,3% não sabe onde deve dirigir-se, 29,7% sugere a Câmara Municipal, 4,1% a escola, professores ou afirma que não tem ideias, 2,7 % o Estúdio Jovem e a família e 1,4% os amigos, a Junta de Freguesia, a Comissão de Finalistas e o Só Explica.

Quase metade dos jovens não sabe onde deve dirigir-se para apresentar as suas ideias ou projetos. Este é um dado preocupante, pois demonstra uma lacuna significativa no acesso à informação e uma possível desconexão entre os jovens e as estruturas existentes que poderiam apoiar as suas iniciativas.

A Câmara Municipal é reconhecida como o principal ponto de contacto para os jovens apresentarem ideias, “Iam lá ao departamento falar ali com o chefe daquilo tudo e pediam” (WBFG2), o que é positivo. O Estúdio Jovem, que deveria ser um ponto de referência natural para os jovens, é mencionado por uma percentagem muito baixa de inquiridos. Outros locais, como “ir às escolas” (CSFG1) e as Juntas de Freguesia, também são pouco

considerados, indicando que as redes de apoio local à juventude precisam de ser mais visíveis e funcionais. A confiança dos jovens nas redes informais (família, amigos) para a apresentação de ideias reflete a necessidade de tornar as estruturas formais mais acolhedoras e transparentes.

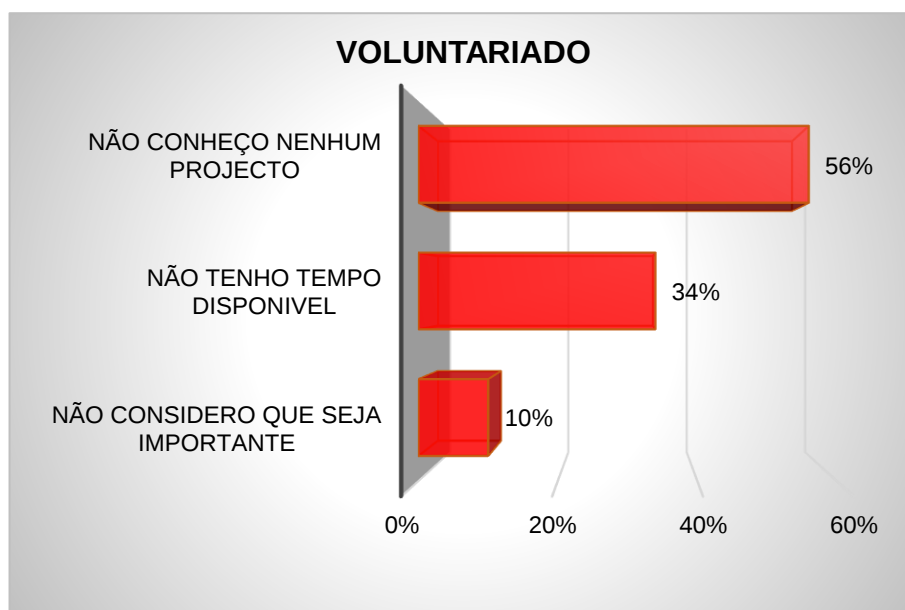
Em relação ao Conselho Municipal de Juventude, a lei 8/2009 tornou obrigatório para todos os municípios a criação dos Conselhos Municipais de Juventude, no entanto existem estudos realizados a nível nacional, que nos dizem que muitos municípios não têm este órgão ou o mesmo não funciona (Vieira & Ferreira, 2019).

O Município de Grândola criou o seu Conselho Municipal de Juventude em 2008, antes da implementação da lei acima referida, de referir que atualmente o mesmo não está a funcionar. Quando questionados sobre a existência de órgão, 77% desconhece a sua existência e apenas 23% admitem conhecer o Conselho Municipal de Juventude.

No decorrer dos FG existem referências que mostram que os jovens sentem alguma dificuldade em participarem ou em exprimirem as suas ideias, como podem ver pelas respostas “Não por cá ninguém quer saber disso (...) Querem que as coisas aconteçam, mas também não querem fazer nada (...) Porque marcar uma data para as pessoas lá irem, a metade não vai. Diz que vai, depois não vai” (BBFG1). No entanto, estes jovens fazem sugestões como “Fazerem debates, irem às turmas e darem ideias”, “Meter uma caixa de ideias que os adolescentes diziam, mas depois tinha que realizar, ou falarem nas escolas...”, (CSFG1), “como agora se usa tanto as redes sociais, meter por exemplo aquelas caixas de perguntas e assim no Insta” (MSFG2), ou “os call de perguntas” (CBFG2).

Relativamente à participação destes jovens em projetos de voluntariado 32,4% afirma que participa e 67,6% não participa em nenhum projeto desta natureza, quando questionados sobre as causas da não participação, 56% afirma que não conhece nenhum projeto de voluntariado, 34% não tem tempo disponível e 10% não considera que seja importante participar em projetos de voluntariado, como ilustrado na figura 10.

Figura 10 - Causas da não participação em projetos de voluntariado



Os dados demonstram que a maioria dos jovens não participa em projetos de voluntariado, as principais barreiras são o desconhecimento sobre os projetos e a falta de tempo. No entanto surgem referências a projetos que efetivamente são de voluntariado, mas os jovens não os identificam “Sim, eu praticamente estava a ajudar as crianças com deficiência que estavam lá.”(BSFG1) O facto de muitos jovens não estarem cientes das oportunidades de participarem em projetos de voluntariado aponta para uma falha de comunicação, ou para o facto de as associações não trabalharem em conjunto com as escolas, ou a não existência de locais de decisão, estes fatores necessitam de ser abordados para garantir que os jovens tenham acesso ao conhecimento necessário para se envolverem. A falta de tempo é outra barreira comum, o que sugere a necessidade de criar modelos de voluntariado mais flexíveis, adaptados aos horários e compromissos dos jovens. Por outro lado, 10% dos jovens não consideram o voluntariado importante, o que indica que é necessário fazer um esforço para sensibilizar os jovens para o valor e os benefícios do voluntariado, tanto para o seu desenvolvimento pessoal como para o bem-estar da comunidade.

CAPITULO 4

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo investigou a interação entre os jovens de Grândola e as políticas culturais e juvenis implementadas no concelho, tendo como base a pesquisa documental, inquéritos e entrevistas através de focus group dirigidos a jovens residentes. A pesquisa teve como ponto de partida a verificação de que, em contextos de baixa densidade populacional, como é o caso de Grândola, as oportunidades de participação cultural juvenil podem ser limitadas.

A dissertação abordou as práticas culturais e de lazer juvenil como uma dimensão essencial para a inclusão social e cívica dos jovens. Foi possível averiguar que, apesar de existir uma oferta cultural e juvenil relevante, a mesma não é suficientemente abrangente, o que limita a sua capacidade de mobilizar os jovens.

Além disso, verificou-se uma dissociação entre as práticas culturais juvenis informais, como atividades de sociabilidade e lazer espontâneo, e as iniciativas culturais formais promovidas pelo município, como festivais ou eventos artísticos. Esta lacuna reforça a importância de uma maior escuta ativa por parte dos decisores políticos, para que as políticas culturais e juvenis se tornem mais participativas e inclusivas, promovendo uma cidadania ativa entre os jovens.

Verificou-se que embora os jovens valorizem a cultura como um meio de expressão e socialização, existe um afastamento considerável em relação à sua participação ativa nas atividades promovidas pelas entidades públicas locais, em particular as atividades relacionadas com apresentações de livros, workshops, exposições e teatro. Este afastamento pode resultar, de uma oferta de atividades culturais pouco diversificada e não articulada entre as expectativas dos jovens, a promoção de conhecimento, do desenvolvimento de competências de aprendizagem, de criatividade, de cidadania e de respeito pela diversidade.

Neste contexto, importa responder às questões iniciais do estudo.

Primeira questão: De que forma os jovens de Grândola interagem com as políticas culturais e juvenis do município?

A análise dos dados demonstra que a interação dos jovens com as políticas culturais e juvenis locais é limitada. A falta de uma comunicação adaptada às plataformas digitais preferidas pelos jovens, aliada à ausência de parcerias com as escolas e associações, contribui para este distanciamento. Muitos dos inquiridos indicaram que não têm conhecimento suficiente das iniciativas culturais e juvenis promovidas pelo município ou que as consideram pouco atrativas. A escassa representatividade dos jovens em fóruns, ou o não funcionamento do Conselho Municipal da Juventude, também contribui para uma desarticulação entre os interesses juvenis e as políticas implementadas.

Teoricamente, esta questão articula-se com a perspetiva de Pais (1990), Maia (2010) e Rocha et al. (2022), que defendem a importância de compreender a juventude como uma categoria social plural e diversificada. Tal como sublinhado por estes autores, a juventude não deve ser vista como um grupo homogéneo, mas sim como um conjunto de indivíduos com necessidades distintas que exigem abordagens políticas específicas e inclusivas.

O estudo confirmou que muitos jovens não se sentem representados nas políticas culturais e juvenis oferecidas pelo município, o que reflete a falta de reconhecimento das suas realidades específicas, especialmente em contextos de baixa densidade populacional. A experiência de ser jovem em Grândola é, por isso, muito diferente da vivida em grandes centros urbanos, onde a diversidade de ofertas culturais e oportunidades de participação é maior (Lopes, 2000).

A interação limitada dos jovens com as políticas culturais e juvenis locais pode ser entendida como um reflexo de uma visão ainda paternalista, em que as políticas são desenhadas sem a participação ativa dos jovens,

uma questão frequentemente criticada na literatura sobre juventude e políticas públicas (Catani e Gilioli, 2004).

Segunda questão: Em que medida a oferta cultural e juvenil reflete as aspirações e interesses da população jovem?

A oferta cultural e juvenil, embora diversificada em alguns aspetos, não está totalmente alinhada com as expectativas e interesses da juventude. As práticas culturais juvenis são dinâmicas e frequentemente influenciadas pelas tendências digitais e pelas subculturas contemporâneas, o que não se reflete na programação cultural do concelho. Eventos tradicionais e festivais populares, embora importantes para a identidade local, não são suficientes para atrair a participação juvenil, especialmente dos jovens que procuram atividades inovadoras ou com maior componente digital. Iniciativas como a criação de espaços de colaboração com escolas para atividades extracurriculares focadas em práticas culturais contemporâneas poderiam melhorar essa adaptação (Carta Porto Santo, 2021). Enquanto a democratização da cultura se refere ao esforço de garantir o acesso à cultura para todos, a democracia cultural vai mais além, propondo que os indivíduos, inclusive os jovens, não sejam meramente consumidores passivos, mas sim criadores e agentes culturais. Em Grândola, a análise empírica demonstrou que a maioria dos jovens tem acesso limitado às ofertas culturais do concelho, e existe uma ausência de iniciativas que incentivem a criação e a participação ativa. Isso implica que o modelo de políticas culturais e juvenis vigente está mais próximo da democratização da cultura, e menos da democracia cultural, que exige a participação ativa dos jovens na criação e gestão de eventos culturais e juvenis.

Esse desalinhamento entre a oferta cultural e os interesses juvenis pode ser atribuído, à falta de uma estrutura adequada que permita aos jovens influenciar diretamente as decisões culturais. Lopes (2000) alerta para os riscos de se criar uma política cultural que não se apoia em uma participação efetiva da comunidade. A importância do trabalho alicerçado no facto de que muitas vezes os jovens não se sentem ouvidos e que as

atividades culturais são vistas como algo imposto "de cima para baixo", sem terem em consideração os seus interesses e necessidades.

A falha de inserir as aspirações juvenis na oferta cultural local indicia a necessidade de um maior diálogo entre os jovens e os responsáveis pelas políticas públicas, sugerindo a necessidade de desenvolver políticas "com" os jovens, em vez de "para" os jovens, como o proposto por Catani e Gilioli (2004), ressaltando a necessidade de incluir os jovens na co-criação das políticas que lhes são direcionadas (JOUE, 2018).

Terceira questão: Que ajustes podem ser feitos para promover uma maior inclusão e participação dos jovens?

É essencial melhorar os canais de comunicação, utilizando plataformas digitais que sejam populares entre os jovens. A criação de fóruns participativos, onde os jovens possam co-criar as atividades culturais, é importante para garantir que a oferta cultural e juvenil reflète os seus interesses e aspirações.

A implementação de práticas artísticas no contexto educativo e associativo, em parceria com as escolas e as associações culturais, como propõe a Carta de Porto Santo (2021), pode ser uma estratégia para fomentar essa inclusão. A Carta defende que a educação deve estar no centro das políticas culturais, e a cultura no centro das políticas educativas, promovendo um diálogo contínuo entre as instituições e a comunidade.

Neste contexto, a inclusão social através das práticas artísticas surge como um eixo estratégico para a reformulação das políticas culturais e juvenis. Matarasso (2019) e Cruz et al. (2017) argumentam que as práticas artísticas, quando desenvolvidas em contextos comunitários, proporcionam momentos de lazer e de expressão criativa, que atuam como ferramentas de transformação social e inclusão.

Assim, a introdução de mais práticas artísticas pode ser um caminho para incluir os jovens nas dinâmicas culturais locais. As artes, como sugerido pelos dados da investigação, são uma das áreas com potencial

para mobilizar os jovens e promover um maior envolvimento cívico. A partir de uma análise mais aprofundada das práticas juvenis de lazer e participação cultural, percebe-se que muitos jovens veem nas atividades artísticas uma oportunidade para expressar as suas identidades, desenvolver habilidades criativas e fortalecer o sentimento de pertença à comunidade. Como defendido, por Freire (1981), a arte pode ser um meio de libertação e empoderamento, permitindo que os jovens desenvolvam sua capacidade crítica e criativa.

Para tal, como já foi referido, as políticas culturais e juvenis devem adotar uma perspetiva de democracia cultural, onde os jovens não são apenas consumidores de cultura, mas também criadores ativos.

Desafios e limites do estudo

Este estudo trouxe desafios significativos, tanto a nível metodológico como na implementação da investigação. Um dos maiores desafios foi a alteração dos participantes do estudo, que inicialmente seriam os alunos do 9º, 10º, 11º e 12º ano de escolaridade do Agrupamento de Escolas de Grândola, e que após ser autorizado pela Direção Geral de Educação, foi recusado pela direção do Agrupamento de Escolas de Grândola, o que condicionou a captação de um número representativo de participantes, que poderia ter sido mais amplo, de modo a incluir jovens de diferentes faixas etárias e com diferentes níveis de envolvimento cultural.

O envolvimento dos jovens nos focus groups, também não foi fácil, refletindo uma tendência de apatia ou desinteresse, este facto sugere que é necessário trabalhar na construção de uma cultura de participação cívica entre os jovens de Grândola.

A investigação focou-se em grande parte na perceção dos jovens, sem incluir a perspetiva das entidades responsáveis pela criação e implementação das políticas públicas. Uma análise mais abrangente, que incluísse as vozes dos decisores políticos, teria contribuído para uma compreensão mais completa das barreiras e oportunidades no desenvolvimento de políticas culturais e juvenis inclusivas.

Contudo, os desafios metodológicos conduziram à combinação de inquéritos por questionário e de entrevista através de focus groups que se revelou eficaz para obter uma perspetiva abrangente sobre as práticas culturais juvenis e a sua relação com as políticas locais (Mattar & Ramos, 2021).

Contributo para o Campo de Estudos

A juventude é frequentemente vista como uma categoria homogénea nas políticas culturais, o que pode resultar em soluções que não atendem às suas necessidades e interesses diversos. A presente investigação reforça a ideia, fundamentada em autores como Rocha et al. (2022) e Pappamikail (2010), de que os jovens não podem ser tratados como um grupo uniforme, uma vez que as suas práticas culturais, formas de participação e interesses variam de acordo com o contexto social, económico e cultural.

A análise do caso de Grândola contribuiu para o campo das políticas públicas locais ao destacar o papel central que os municípios podem desempenhar na promoção de uma cidadania ativa entre os jovens. Embora existam diretrizes nacionais e europeias que incentivam a participação juvenil, o estudo demonstra que é a nível local que muitas destas políticas podem ser implementadas. O envolvimento direto dos jovens na criação e execução de políticas culturais e juvenis é fundamental para garantir que estas políticas sejam mais inclusivas.

Além disso, este estudo apresenta uma perspetiva sobre a democracia cultural e a forma como esta pode ser promovida em contextos locais. A noção de que as políticas culturais precisam de ir além da democratização do acesso à cultura, para incluir uma verdadeira participação dos jovens na co-criação e gestão das atividades culturais, é uma ideia central neste trabalho. Esta abordagem desafia a visão tradicional das políticas públicas e propõe uma transformação nas dinâmicas de poder, onde os jovens deixam de ser apenas consumidores de cultura e passam a ser também criadores ativos.

A pesquisa também contribui para o campo da educação não formal e práticas artísticas ao destacar como estas práticas podem ser ferramentas de inclusão social e cidadania ativa. Ao explorar as interações entre os jovens, as políticas culturais e as práticas artísticas, o estudo oferece uma visão sobre como a educação não formal pode promover o desenvolvimento pessoal e social dos jovens, oferecendo-lhes oportunidades de expressão e criação que complementam o sistema educativo formal.

Possibilidades de intervenções futuras

Os resultados deste estudo apontam para áreas diferenciadas que se podem situar em sete dimensões de intervenção centrais, que poderão ser exploradas no futuro, no âmbito dos contextos das políticas públicas locais, culturais e de juventude.

Participação dos Jovens no plano estratégico para a juventude

Uma das principais recomendações deste estudo é o desenvolvimento de um Plano estratégico para a juventude, que tenha como princípio a inclusão dos jovens na sua conceção, implementação e avaliação. Este plano deve ser desenhado de forma participativa, envolvendo os jovens desde o início do processo, de modo a garantir que as suas vozes e perspetivas sejam ouvidas e refletidas nas políticas implementadas (Ferreira, et al., 2019). A criação de fóruns juvenis ou de conselhos consultivos com participação direta dos jovens pode ser uma estratégia para promover este envolvimento (IPDJ, 2020). Esta proposta vai ao encontro das diretrizes da Estratégia da União Europeia para a Juventude (2019-2027), que sublinha a importância de envolver os jovens em todas as fases da formulação de políticas.

Melhoria da comunicação e divulgação das atividades culturais

Uma ação futura necessária é a melhoria dos canais de comunicação entre o município e os jovens. Uma vez que, existe um desconhecimento por parte dos jovens das iniciativas sejam elas culturais ou juvenis promovidas no concelho, o que limita a sua participação. Assim, a criação

de estratégias de comunicação digital, utilizando plataformas como redes sociais e newsletters, adaptadas às preferências e hábitos dos jovens, pode aumentar o envolvimento nas atividades culturais.

Criação de programas e projetos artísticos nas escolas

Atendendo a que os jovens passam uma parte substancial do tempo nas escolas, considera-se importante a criação de programas ou projetos artísticos nas escolas articulados com o território. Estes programas promovem não só o desenvolvimento de competências artísticas, mas também a reflexão crítica sobre o papel da cultura e da cidadania na sociedade. Através de parcerias entre as escolas e as associações culturais locais, como discutido por Lopes (1998) e reforçado pela Carta de Porto Santo, é possível criar atividades que envolvam os jovens em projetos culturais que transcendam o ambiente escolar e fomentem a sua participação ativa na comunidade.

Diversificação da oferta cultural

Atendendo que a oferta cultural nem sempre corresponde aos interesses e expectativas dos jovens, é fundamental que o município diversifique as suas atividades culturais, integrando novas formas de expressão artística, como as artes digitais, o design, a música urbana, grafittis e outros tipos de práticas culturais emergentes que fazem parte das subculturas juvenis contemporâneas. A criação de espaços culturais alternativos, como hubs criativos ou estúdios comunitários, onde os jovens possam desenvolver os seus próprios projetos artísticos, seria uma forma de atrair mais jovens para a vida cultural do concelho.

Parcerias com organizações locais e regionais, nacionais e internacionais

O desenvolvimento de parcerias com organizações regionais, nacionais e internacionais pode ajudar a fortalecer as políticas locais. Parcerias com outras autarquias, escolas, associações culturais e programas europeus, como o Erasmus+ ou a Estratégia Europeia para a

Juventude, podem trazer novos recursos, ideias e oportunidades para o concelho. Além disso, a criação de redes de cooperação cultural com municípios que enfrentam desafios semelhantes pode promover a troca de boas práticas e a implementação de estratégias inovadoras para aumentar a participação juvenil.

Promoção da formação contínua para técnicos que trabalham com jovens

A promoção de formação contínua para os técnicos que trabalham com a juventude e com a cultura é uma área importante de intervenção. A formação deve centrar-se nas melhores práticas de envolvimento juvenil, educação para a cidadania e métodos inovadores de dinamização cultural. Esta formação poderá incluir workshops sobre co-criação cultural, gestão de eventos juvenis, e estratégias de comunicação e marketing digital, capacitando assim os profissionais a responderem às necessidades emergentes da juventude.

Investigação e produção de conhecimento

Sob o ponto de vista da investigação e produção de conhecimento, revela-se importante a realização de um estudo comparativo entre diferentes concelhos com características semelhantes poderia fornecer uma visão mais abrangente sobre os desafios enfrentados pelas políticas culturais juvenis em contextos rurais e semiurbanos.

Além disso, a investigação sobre o impacto de práticas culturais específicas, como as artes digitais ou o voluntariado, no desenvolvimento de competências e no aumento da participação juvenil, poderia ajudar a melhorar as políticas públicas a nível local e nacional.

Em síntese, este estudo procurou contribuir para o entendimento das complexas relações entre juventude, cultura e políticas públicas em contextos de baixa densidade populacional. As ações futuras propostas baseiam-se na necessidade de fomentar a participação ativa dos jovens e de adaptar as políticas culturais e juvenis às suas realidades e expectativas

de modo a criar um ambiente mais inclusivo e dinâmico, onde os jovens se sintam parte integrante da vida cultural e cívica da sua comunidade.

BIBLIOGRAFIA

Aires, L. (2011). *Paradigma qualitativo e práticas de investigação educacional* (1ª ed.). Rodrigo Saturnino.

Alpizar, L., & Bernal, M. (2003). *La construcción social de las juventudes. Última Década*, (19), 1-20. Centro de Estudios Sociales.

<https://www.redalyc.org/pdf/195/19501907.pdf>

Alves, M. G., & Azevedo, N. R. (2010). *Investigar em educação: Desafios da construção de conhecimento e da formação de investigadores num campo multi-referenciado*. Edições Instituto de Educação.

Alves, J. L., & Varela, P. S. (2012). *Educação e comunidade: Interações e aprendizagens*. Porto Editora.

Alves, S. H., Sodré, S. S., & Monteiro, J. C. S. (2023). TikTok e a nova era da aprendizagem criativa. *Revista Prisma*, 7(13), 1-12.

<https://periodicos.educacaotransversal.com.br/index.php/rechso/article/view/50/43>

Amado, J. (2014). *Manual de Investigação Qualitativa em Educação*, (2ª edição). Imprensa da Universidade de Coimbra.

Amaral, I., Reis, B., Lopes, P., & Quintas, C. (2017). Práticas e consumos dos jovens portugueses em ambientes digitais. *Estudos em Comunicação*. 24, 107-131.

https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/45865/1/Amaral_Ines_et.al_2017_estudos-de-comunicacao.pdf

Ander-Egg, E. (1999). *O léxico do Animador*. Edições ANASC

Augusto, Nuno (2006), *Novos Atores Sobre Velhos Palcos: juventude, política e ideologias no Portugal democrático*, Universidade da Beira Interior.

Barbosa-Silva, L. H., Pereira, A. I. S., & Ribeiro, F. A. A. (2021). Reflexões sobre os conceitos de adolescência e juventude: Uma revisão integrativa. *Revista Prática Docente*. 6 (1), e026.

Belfiore, E. (2002). Art as a means of alleviating social exclusion: Does it really work? A critique of instrumental cultural policies and social impact studies in the UK. *International Journal of Cultural Policy*, 91-106.

https://www.researchgate.net/publication/233250319_Art_as_a_means_of_alleviating_social_exclusion_Does_it_really_work_A_critique_of_instrumental_cultural_policies_and_social_impact_studies_in_the_UK

Binder, A., Heiss, R., Matthes, J., & Sander, D. (2021). Dealigned but mobilized? Insights from a citizen science study on youth political engagement. *Journal of Youth Studies*, 24(2), 232-249.

<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13676261.2020.1714567#abstract>

Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação – Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto Editora.

Calvo, A. (2002). *La Animación Sociocultural – Una Estrategia educativa para la participación*. Alianza Editorial.

Cardoso, A., Brázia, A., & Araújo, M. (2022). *Estudo sociológico de caracterização da população jovem do concelho de Oeiras e suas dinâmicas*. Câmara Municipal de Oeiras; CESIS – Centro de Estudos para a Intervenção Social.

Carmo, H. & Ferreira, M. (2008). *Metodologia da Investigação – Guia para Auto - aprendizagem*. Universidade Aberta.

Carta do Porto Santo. (2021). *A Cultura e a Promoção da Democracia: Para uma Cidadania Cultural Europeia*.

<https://portosantocharter.eu/wpcontent/uploads/2021/05/CartaDoPortoSanto.pdf>

Catani, A. M., & Gilioli, R. (2004). *Juventude e políticas públicas: entre a proteção e a participação*. Cortez.

Constituição da República Portuguesa. (2005). *VII Revisão da Constituição da República Portuguesa*.

<https://www.ministeriopublico.pt/pagina/constituicao-da-republica-portuguesa>

Conselho da União Europeia, (2018). *Estratégia da União Europeia para a Juventude 2019-2027*. Resolução 2018/C 456/01, do Conselho da União Europeia, publicada em 18/12/2018

[https://eurlex.europa.eu/legalcontent/PT/TXT/PDF/?uri=CELEX:42018Y1218\(01\)&from=GA](https://eurlex.europa.eu/legalcontent/PT/TXT/PDF/?uri=CELEX:42018Y1218(01)&from=GA)

Clemente, I. C. (2024). Estado, território e políticas públicas: Uma análise integrada para o desenvolvimento sustentável. *Revista Gestão, Inovação e Empreendedorismo*, 7(1), 108-117.

Corrêa, A., de Oliveira, G., & de Oliveira, A. C. (2021). O grupo focal na pesquisa qualitativa: Princípios e fundamentos. *Revista Prisma*, 2(1), 34-47. <https://revistaprisma.emnuvens.com.br/prisma/article/view/41>

Coutinho, C. P. (2014). *Metodologia de investigação em ciências sociais e humanas*. Leya.

Creswell, J. W. (2012). *Educational research: Planning, conducting, and evaluating quantitative and qualitative research* (4th ed.). Pearson

Creswell, J. W. (2010). *Projeto de pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo, misto*. Artmed.

Cruz, H., Bezelga, I., & Rodrigues, P. S. (Coord.). (2017). *Práticas artísticas comunitárias. PELE – Espaço de Contacto Social e Cultural; CHAIA – Centro de História da Arte e Investigação Artística da Universidade de Évora*.

Cruz, H. (2023). Participação e cidadania: O caso das práticas artísticas participativas e comunitárias. *Cadernos do Instituto de Sociologia da Universidade do Porto*, 4, 12-19.

Doutor, C. (2016). Um olhar sociológico sobre os conceitos de juventude e de práticas culturais: Perspetivas e reflexões. *Ultima Década*, 24(45), 159 - 174.

Eça, T., et al. (2017). *Arte e comunidade: Práticas educativas transformadoras*. Fundação Calouste Gulbenkian

Ferreira, T., Marinho, L., Vieira, M. M., & Ferreira, V. S. (2019). *Políticas municipais de juventude: Governança, recursos e apoios* (Policy Brief). Observatório Permanente da Juventude, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. <https://www.opj.ics.ul.pt>

Ferreira, V. S., & Nunes, C. (2010). Transições para a idade adulta. Em J. M. Pais, & V. S. Ferreira, *Tempos e transições de vida: Portugal ao espelho da Europa* 39 - 68. ICS.

Figueiredo, C. C., Vasconcelos, A., Santos, F., Torres, J. V., & Alves, M. P. (2021). *A juventude do Seixal: Um contributo para a sua caracterização*. Instituto Politécnico de Setúbal.

Fischer, F. (2000). *Citizens, Experts, and the Environment: The Politics of Local Knowledge*. Duke University Press.

Fortuna, C. (2001) *Cidade, Cultura e Globalização – Ensaios de Sociologia*. Celta Editora

Freire, P. (1981). *Pedagogia do Oprimido*. Paz e Terra.

Gama, A. (2021). A Arte como ferramenta de inclusão social e desenvolvimento comunitário: alguns programas. In M. Falcão, T. Leite, & T. Pereira. *Educação Artística 2010-2020*. 151-155. Escola Superior de Educação de Lisboa. <https://doi.org/10.34629/ipl.eselx.cap.livros.144>

Garcia, V. A. (2007). Educação não-formal: um mosaico. In M. B. Park, R. S. Fernandes, & C. M. U. *Palavras-chave em educação não formal*. 31-52. Campinas.

Ghiglione, R. & Matalon, B. (2001). *O Inquérito*. Celta Editora.

Gonzalez, M. V. (1999). *Una Pedagogia de la Cultura – La Animación Sociocultural*. Librería Certeza.

Grosso, L. A. (2013). *Juventudes: categorias e conceitos*. Universidade Federal de Alfenas.

Grosso, L. A., & Goussain, E. M. F. C. dos S. (2016). Dimensões educativas não formais e informais das práticas culturais juvenis na cidade. *Inter-Ação*, 41(2), 265-286. <http://dx.doi.org/10.5216/ia.v41i2.40704>

Guimarães, V. O. S., & Grosso, L. A. (2022). Quando juventude não é apenas uma palavra: Uma releitura sociológica acerca da categoria juventude. *Cadernos de Pós-graduação*, 21(2), 5-18. <https://doi.org/10.5585/cpg.v21n2.22787>

Infante, P., Costa, R. P., Afonso, A., Jacinto, G., Conde, J., & Policarpo, M. L. (2018). *Diagnóstico Juvenil: Os alunos do ensino secundário*. Câmara Municipal de Évora; Centro de Investigação em Matemática e Aplicações da Universidade de Évora.

Infante, P., Costa, R. P., Afonso, A., Jacinto, G., Conde, J., & Policarpo, M. L. (2019). *Diagnóstico Juvenil: Os jovens em Évora dos 15 aos 29 anos*. Câmara Municipal de Évora; Centro de Investigação em Matemática e Aplicações da Universidade de Évora; Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Universidade de Évora.

Instituto Nacional de Estatística. (2021). *Censos 2021: Resultados definitivos*. Instituto Nacional de Estatística.

Instituto Português do Desporto e Juventude. (2020). *Lisboa+21 – Políticas e Programas de Juventude numa Perspetiva Global*. Centro de Juventude de Lisboa do IPDJ.

<https://www.lisboa21.gov.pt/pt/conteudo/declaration/declaracao.html>

Lei n.º 23/2006 da Assembleia da República (2006). Diário da República: I Série A, n.º120/2006. Disponível em:

<https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/lei/23-2006-359360>

Lei n.º 8/2009 da Assembleia da República (2009). Diário da República: I Série, n.º 34. Disponível em:

<https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/lei/8-2009-602018>

Lima, A. (2014). *Mestrado em Arte e Educação O Associativismo Cultural e o impacto na Educação Artística Contemporânea em Portugal: O caso da Associação Cultural d'Orfeu*. [https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/5374/1/TMAE_AnaCatari naLima.pdf](https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/5374/1/TMAE_AnaCatari%20naLima.pdf)

Lopes, J. T. (1998). *A cidade e a cultura: Um estudo sobre práticas culturais urbanas*. Universidade do Porto.

Lopes, J. T. (2000). Em busca de um lugar no mapa: reflexões sobre políticas culturais em cidades de pequena dimensão. *Revista sociologia, problemas e práticas*. 34. 81-116. <https://hdl.handle.net/10216/20059>

Maia, R. L. (Coord.) (2002). *Dicionário de Sociologia*. Porto Editora.

Maia, R. G. (2010). Juventude como valor: referencial e método para uma definição a partir do cotidiano. *Revista Brasileira De História & Ciências Sociais*, 2(4). <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10419>

Maia, C., & Maass, M. C. (2019). Escolas transformadas e transformadoras: O papel catalisador do design para as novas construções sociais de aprendizagem. *InVisibilidades* . 12. 28 - 40

Marandino, M. (2017). Faz sentido ainda propor a separação entre os termos educação formal, não formal e informal? *Ciência & Educação*, 23(4) <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/cmjvH7v4mFZMsdiV5bWLJfM/?format=pdf&lang=pt>

Matarasso, F. (2019). *Uma Arte Irrequieta. Reflexões sobre o triunfo e importância da prática participativa*. Fundação Calouste Gulbenkian.

Mattar, J., & Ramos, D. K. (2021). *Metodologia da pesquisa em educação: Abordagens qualitativas, quantitativas e mistas*. Almedina.

Medeiros, I. O., & Pacheco, R. T. B. (2017). Arte, lazer e juventude no contexto da educação social. *Saber & Educar*, (22), 92-103.

Ministério da Educação. (2017). *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*.

https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/perfil_dos_alunos.pdf

Mota, L. F. (2020). Estudos de implementação de políticas públicas: Uma revisão de literatura. *Sociologia, Problemas e Práticas*, (92), 133-150.

Pais, J. M. (1990). *Sociologia da Juventude*. Edições Afrontamento.

Pais, J. M. (1990). Lazer e sociabilidades juvenis – um ensaio de análise etnográfica. *Análise Social*, 25 (108-109), 591-644.

Pais, J. M. (2003). *Culturas Juvenis* (2ª ed.). Imprensa Nacional Casa da Moeda

Pais, J. M. (2005). Jovens e cidadania. *Sociologia: Problemas e Práticas*, 49, 53-70.

Pais, J. M., Magalhães, P., & Antunes, M. L. (2020). *Inquérito às práticas culturais dos portugueses 2020: Síntese dos resultados*. Fundação Calouste Gulbenkian.

Pappámikail, L. (2010). Juventude(s), autonomia e Sociologia. *Revista do Departamento de Sociologia da FLUP*, 20, 395-410. <https://ojs.letras.up.pt/index.php/Sociologia/article/view/2296>

Pappámikail, L. (2022). Futuro incerto e transição para a vida adulta: as novas gerações diante do projeto de vida. In Martha L. Gutiérrez

Bonilla & V. Araújo Correia (Ed). *Aproximações aos mundos juvenis. Diálogos Ibero-Americanos* .13-28. Universidad Javeriana

Park, M. B., Fernandes, R. S., & Carnicel, A. (Orgs.). (2007). *Palavras-chave em educação não-formal*. Centro de Memória da Unicamp.

Portal Nações Unidas – Centro Regional de Informação para a Europa Ocidental. Disponível em: <https://unric.org/pt/juventude/>

Pombo, O. (2000). *A crítica na ciência*. Edições Afrontamento.

Observatório Permanente da Juventude. Disponível em:
<https://www.opj.ics.ulisboa.pt/publicacoes/olhares-sobre-jovens/>

Quivy, R. & Campenhoudt, L. (1998): *Manual de investigação em ciências sociais*. Gradiva.

Raposo, O., & Aderaldo, G. (2019). Políticas públicas e produção artístico-cultural entre jovens das periferias de Lisboa e São Paulo. *Etnográfica*, 23(1), 109-132. <https://doi.org/10.4000/etnografica.6395>

Resolução do Conselho de Ministros n.º 77/2022, de 13 de setembro. II Plano Nacional para a Juventude (2022-2024). Assembleia da República, Portugal. <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/resolucao-conselho-ministros/77-2022-200907658>

Rocha, G. P. N., Gonçalves, R. L., & Medeiros, P. D. (Orgs.). (2022). *Juventude(s): Movimentos globais e desafios futuros*. Edições Húmus.

Sagnier, L., Morell, A., Mesa, M., García, I., Morcillo, R., Arenas, E., Yanguas, G., Ramos, A., & Álvarez, E. M. (2021). *Os jovens em Portugal, hoje: Quem são, que hábitos têm, o que pensam e o que sentem*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Sampaio, H., & Araújo, J. (2006). *Políticas Públicas e Desenvolvimento Social*. Editora FGV.

Santos, J. R., & Henriques, S. (2021). *Inquérito por questionário: Contributos de conceção e utilização em contextos educativos*. Universidade Aberta.

Sousa, M. J., & Baptista, C. S. (2011). *Como Fazer Investigação, Dissertações, Teses e Relatórios*. Pactor.

Sousa, J., & Mangas, C. (Coords.). (2022). *Inclusão sociocultural e intervenção comunitária*. Edições Almedina.

Souza, W. E. R. de. (2020). Por que ler os clássicos na escola? Observações a partir de um clube de leitura para adolescentes. *Revista Educação E Cultura Contemporânea*, 17(49), 127–150.

Thiry-Cherques, H. R. (2006). Pierre Bourdieu: A teoria na prática. *Revista de Administração Pública*, 40(1), 27-55.

Vieira, M. M., & Ferreira, V. S. (2019), *Juventude(s) do Local ao Nacional – Que Intervenção?*. Observatório Permanente da Juventude, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa e Instituto Português do Desporto e Juventude

Youth Wiki. (2020). Jovens cidadãos globais. https://www.juventude.pt/files/upload/documentos_de_apoio/wiki-t10.pdf

Vale, P. P. (2021). Plano Nacional das Artes: Uma estratégia, um manifesto. In M. Gama & P. R. Costa (Eds.), *Políticas culturais municipais: Análise de documentos estruturantes em torno da cultura*. 81–91. CECS.

Anexos

ANEXO A - CONVITE

As políticas culturais e juvenis no concelho de Grândola, e os desafios da participação juvenil

Serve a presente carta para convidar V. Ex.^a na participação na investigação “As Políticas culturais e juvenis no concelho de Grândola e os desafios da participação juvenil” a realizar no concelho de Grândola. Este estudo é aprovado cientificamente pela Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal, e orientado pelo Ex. Professor Doutor António Vasconcelos. Com esta investigação pretende-se: caracterizar os jovens do concelho de Grândola, com idades compreendidas entre os 13 e os 20 anos; realizar um levantamento de informação relativamente às suas áreas de interesse, hábitos culturais e de lazer, utilização de tecnologias e tipo de participação na sociedade civil; compreender se a oferta da programação e dinamização cultural juvenil, vai ao encontro das expectativas dos jovens do concelho de Grândola e analisar as políticas culturais e juvenis do Município, procurando averiguar, por um lado, o conhecimento que os jovens possuem das políticas culturais e juvenis, por outro lado, apelar ao seu sentido cívico e crítico, ao solicitar a sugestão de novas práticas e projetos.

Este convite destina-se aos jovens que frequentam o (nome da instituição) e que pretendam participar nesta investigação. Os dados recolhidos serão para realizar uma caracterização da população em estudo e relativos à utilização das tecnologias, hábitos de lazer e tempos livres, hábitos culturais, e formas de participação formais ou informais e/ou da sociedade civil, para avaliar se as atividades juvenis atuais estão alinhadas com as expectativas dos nossos jovens e propor melhorias nas políticas culturais e juvenis locais. A vossa participação envolverá o preenchimento de um questionário online, que estimamos levar aproximadamente 15 minutos, a vossa contribuição é crucial para o sucesso deste estudo.

A decisão de participar é totalmente voluntária, podendo desistir a qualquer momento sem obrigatoriedade de justificação. Caso decidam

aceitar, será assegurada a confidencialidade em todo o processo antes, durante e após a investigação. Caso não queiram aceitar ou pretendam desistir durante a realização do estudo, podem contactar a investigadora através dos contactos facultados no final desta carta. Em caso de desistência, não necessitam de justificar a razão e não haverá qualquer consequência para a vossa entidade. Os vossos dados serão apagados, se for essa a vossa intenção.

Ao participar, vão estar a contribuir para a criação de políticas públicas mais adequadas, refletindo as verdadeiras necessidades e desejos dos jovens de Grândola, além de promover um sentido de empoderamento juvenil.

A participação neste estudo não envolve riscos significativos, a não ser o tempo despendido para responder ao questionário.

Se pretenderem informação adicional da Instituição que suporta esta investigação ou se desejarem fazer uma reclamação, podem contactar a Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal, através do telefone (265 710 800), o responsável pela orientação deste estudo, através do seguinte e-mail: antonio.vasconcelos@ese.ips.pt ou um membro da CE-IPS, através do endereço: comissao.etica@ips.pt.

Contactos da investigadora Silvia Gomes para sugestões, reclamações, dúvidas e desistências.

Telemóvel – 96 2908773

E-mail institucional – 220168023@estudantes.ips.pt

E-mail pessoal: silviamrgomes@gmail.com

Assinatura: _____

ANEXO B - CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO PARA A PARTICIPAÇÃO EM INVESTIGAÇÃO



Consentimento Informado, Livre e Esclarecido para a Participação em Investigação

Título do Estudo: Políticas Culturais e Juvenis no Concelho de Grândola e os Desafios da Participação Juvenil
Enquadramento: Este questionário insere-se num estudo realizado no âmbito do Mestrado de Educação, Práticas Artísticas e Inclusão, da Escola Superior de Educação de Setúbal - Instituto Politécnico de Setúbal, e orientado pelo Ex. Professor Doutor António Vasconcelos. Esta investigação tem como objetivos: Caracterizar os jovens do concelho de Grândola, com idades compreendidas entre os 13 e os 20 anos; Realizar um levantamento de informação, relativamente à consciência artística e cultural dos jovens e, saber quais as suas áreas de interesse, hábitos culturais e de lazer; Compreender se a oferta da programação cultural e juvenil, vai ao encontro das expectativas dos jovens do concelho de Grândola; Analisar as políticas culturais e juvenis do Município de Grândola. Procurando averiguar, o conhecimento que os jovens possuem das políticas culturais e juvenis, e apelar ao seu sentido cívico e crítico, ao solicitar a sugestão de novas práticas e projetos que podem ser introduzidos a nível municipal.

Explicação do Estudo: Para a realização desta investigação é necessário a recolha de dados através de um questionário, que será preenchido pelos jovens que participem em associações culturais e recreativas, associações juvenis, clubes desportivos e outros atores que trabalhem como jovens. Os dados recolhidos serão para caracterização da população em estudo e relativos à utilização das tecnologias, hábitos de lazer e tempos livres, hábitos culturais, e formas de participação formais ou informais e/ou da sociedade civil. O preenchimento do questionário demorará cerca de 15 minutos. Estão elegíveis todos os jovens que frequentam atividades oferecidas pelo movimento associativo e outros atores locais, e que consentam participar no estudo.

Condições de Financiamento: A participação neste estudo é voluntária e gratuita, sem qualquer tipo de contrapartida financeira. Podes recusar participar sem qualquer tipo de consequências e podes abandonar o estudo a qualquer momento.

Confidencialidade e anonimato: A informação recolhida será totalmente confidencial e não será partilhada com ninguém, a sua utilização será apenas para o propósito da investigação. A divulgação dos resultados do estudo não permitirá a identificação dos participantes.

Obrigado por participares.

A investigadora: Sílvia Gomes

email: silviamrgomes@gmail.com ou 220168023@estudantes.ips.pt

Contacto telefónico: 962908773

Assinatura: _____

Declaro ter lido e compreendido este documento, bem como as informações que me foram transmitidas. Foi-me garantida a possibilidade de, em qualquer altura, recusar participar neste estudo sem qualquer tipo de consequência. Desta forma, aceito participar neste estudo e permito a utilização dos dados que de forma voluntária forneço, confiando em que apenas serão utilizados para esta investigação e nas garantias de confidencialidade e anonimato que me são dadas pela investigadora.

Nome: _____

Assinatura: _____ Data: _____

Assinatura do Encarregado de Educação: _____

ESTE DOCUMENTO É COMPOSTO DE 1 PÁGINA E FEITO EM DUPLICADO : UMA VIA PARA O /A INVESTIGADOR /A , OUTRA PARA A PESSOA QUE CONSENTE

ANEXO C - MATRIZ DO QUESTIONÁRIO

N.º	Objetivo Geral	Objetivo Específico	Dimensões	Tópicos	A incluir no questionário
1	Caracterizar os jovens do concelho de Grândola	1. Conhecer os inquiridos quanto ao seu perfil biográfico, residência e escolaridade.	1. Perfil Socio biográfico	1.1. Idade 1.2. Género 1.3. Nacionalidade 1.4. Freguesia de residência 1.5. Que ano de escolaridade frequenta	1 2 3 4 5
2	Caracterizar os jovens do concelho de Grândola	2. Conhecer os inquiridos quanto ao Agregado Familiar	2. Caracterização do Agregado Familiar	2.1. Relativamente ao Agregado Familiar com quem vives? 2.2. Quantos irmãos tens? 2.3. Habilitações literárias do Pai? 2.4. Habilitações literárias da mãe?	6 7 8 9
3	Conhecer o uso e as tecnologias que os jovens utilizam para aceder à informação	3.1. Identificar as principais tecnologias utilizadas pelos jovens. 3.2. Investigar os padrões de	3. Comunicação e Tecnologias	3.1.1 – Que equipamentos tecnológicos utilizas com maior frequência. Telemóvel Computador fixo Computador portátil Tablet Televisão	10 11 12

		comportamento dos jovens em relação ao consumo de informações nas plataformas digitais.		Coluna de som Consolas de jogos (playstation, XBox, Nintendo, etc) Outra 2.2.2. Que plataformas de comunicação utilizas com maior frequência. Facebook Instagram Discord Youtube Snapchat X (antigo Twitter) Reedit Email WhatsApp Messenger TikTok Outra 2.2.2. – Como tens acesso às notícias? Através de amigos e família Através da televisão Através dos jornais Através da rádio Através das redes sociais Outra	
--	--	---	--	--	--

3	Analisar os padrões e interações sociais relacionados com o lazer os tempos livre.	3. Identificar quais os hábitos e costumes dos inquiridos, nas áreas do desporto e das praticas artísticas	3. Tempos livres	3.1 – Com que frequência realizas as seguintes atividades de lazer.	13
				Ver televisão	14
				Ler um livro	15
				Ver conteúdos multimédia (netflix, Hbo, etc)	16
				Ouvir música	17
				Jogar (playstation, pc)	18
				Ir ao cinema	19
				Consultar redes sociais (TikTok, etc)	20
				3.2. – Como ocupas regularmente os teus tempos livres.	
				Estar com os amigos na via pública e/ou no jardim	
				Estar com a família	
				Conviver em casa de amigos	
				Jogar com outros jovens (jogos de mesa, sociais e tecnológico)	
				Ir a bares e discotecas	
				Praticar desporto	
				Praticar atividades artísticas (música, teatro, dança, pintura, etc)	
				Estudar	
				Namorar	
				Estar sozinho	
				Outra	
				3.3 – Praticas alguma atividade artística ou desportiva na tua escola?	
				Sim	

				Não 3.4 -Se respondeste sim indica quais? 3.5- Praticas alguma atividade artística ou desportiva fora da escola? Sim Não 3.6. – Se respondeste sim indica quais as atividades Danças tradicionais - Folclore Street Dance Danças de Salão Dança Contemporânea Pintura Teatro Musica Fotografia Escrita Triatlo Artes Marciais Surf Skate Futebol Basquetebol Hóquei em Patins Patinagem Artística	
--	--	--	--	--	--

				Natação Ginástica Ciclismo Outra 3.7. - Com que frequência utilizas os seguintes equipamentos desportivos Piscina Municipal Campo Relvado Campo Basquetebol 3X3 Skate Park Ginásio Campo Ténis Polidesportivo Zeca Afonso (junto ao Cemitério) 3.8. – Que equipamentos desportivos gostavas que existissem no concelho de Grândola?	
4	Compreender os hábitos culturais	4.1. Identificar os hábitos e as práticas nas áreas relacionadas com a Cultura	4. Cultura	4.1.1. - Com que frequência participastes nos seguintes eventos culturais. Feiras Concertos Workshops Teatro Apresentações de livros Exposições	29 30 31 32 33 34

		4.2. identificar os espaços culturais municipais utilizados pelos jovens	Cinema Bailes e Festas tradicionais 4.1.2. – Quando não participas nos eventos culturais, assinala o motivo Não tenho interesse Não conheço Não tenho transporte O preço é elevado Outro 4.1.3. - Tens por hábito participar em eventos culturais fora do concelho de Grândola Sim Não 4.1.4.- Se respondeste sim, indica com que frequência participastes nos seguintes eventos Feiras Concertos Workshops Teatro Apresentações de livros Exposições Cinema Bailes e Festas tradicionais	
--	--	--	---	--

				4.2.1. –Com que frequência utilizas os seguintes equipamentos culturais Biblioteca Municipal Arquivo Municipal Estúdio Jovem Museu Municipal Núcleo Museológico da Olaria de Melides Cine Granadeiro Cine Teatro Grandolense Centro Ciência Viva do Lousal 4.2.2. - Que outros equipamentos culturais gostavas que existissem no concelho de Grândola?	
5	Compreender os comportamentos sociais de lazer e tempos livres.	5. Identificar quais os hábitos e costumes dos inquiridos, nos programas concebidos na área da Juventude	5. Juventude	5.1. No ultimo ano, participaste em iniciativas programadas para os jovens, que tenham sido organizadas pelo município de Grândola? Sim Não 5.2. – Se respondeste sim, com que frequência participaste nas seguintes iniciativas Mês da Juventude Bora Lá Bulir Campanhas de sensibilização Arte na Rua Experimenta – Workshops e Oficinas	35 36 37 38 39 40 41 42

				Comemorações do Dia Internacional da Juventude Cartão Jovem Municipal Vivam as Férias 5.3. - Se respondestes não, diz porquê. Não tenho interesse Não conheço Não tenho transporte O preço é elevado Outra 5.4. - Conheces o Estúdio Jovem? Sim Não 5.5. - Se respondeste sim, com que frequência utilizas este espaço. 5.6. – Se respondeste nunca, diz porquê? Não tenho interesse Não tenho tempo Não tenho transporte Não gosto das atividades Outro 5.7. – Na tua opinião como classificas a oferta de atividades direcionadas para os jovens no concelho de Grândola Muito má Má	
--	--	--	--	--	--

				Não tenho opinião Boa Muito Boa 5.8. – Diz que atividades gostarias que existissem no concelho de Grândola?	
6	Compreender os comportamentos sociais de lazer e tempos livres.	6. Conhecer as formas de participação formais ou informais e/ou da sociedade civil	6. Participação Social	6.1. Colaboras com alguma associação juvenil e/ou estudantil, ou grupo de jovens? Sim Não 6.2. Se respondeste sim, indica quais 6.3. Se não participas, gostavas de participar? 6.4. Se respondeste não diz porquê? Não considero que seja interessante Não tenho tempo disponível Não conheço nenhuma associação juvenil outra 6.5. Sabes se em Grândola existe o Conselho Municipal de Juventude? Sim Não 6.6. Se quiseres sugerir alguma opinião / ideia, onde te diriges 6.7. Já participaste em algum projeto de voluntariado? Sim	21 22 23 24 25 26 27 28

				Não 6.8. Se respondeste não, diz porquê? Não considero que seja interessante Não tenho tempo disponível Não conheço nenhum projeto outra	
--	--	--	--	--	--

ANEXO D - QUESTIONÁRIO

Políticas Culturais e Juvenis no concelho de Grândola

Este questionário insere-se num estudo realizado no âmbito do Mestrado de Educação, Práticas Artísticas e Inclusão, da Escola Superior de Educação de Setúbal - Instituto Politécnico de Setúbal.

Esta investigação tem como objetivos:

- Caracterizar os jovens do concelho de Grândola, entre os 13 e os 20 anos;
- Realizar um levantamento de informação, relativamente à consciência artística e cultural dos jovens e, saber quais as suas áreas de interesse, hábitos culturais e de lazer;
- Compreender se a oferta da programação cultural e juvenil, vai ao encontro das expectativas dos jovens do concelho de Grândola;
- Analisar as políticas culturais e juvenis do Município de Grândola

Procurando averiguar, o conhecimento que os jovens possuem das políticas culturais e juvenis, e apelar ao seu sentido cívico e crítico, ao solicitar a sugestão de novas práticas e projetos que podem ser introduzidos no teu concelho.

Solicitamos a tua colaboração no preenchimento deste questionário, que demorará cerca de 15 minutos, a tua participação não acarreta qualquer risco para ti, responde com a maior sinceridade, todas as respostas ao questionário são anónimas e confidenciais e serão usadas apenas para efeito de tratamento de dados no contexto deste estudo.

A tua participação é importante.

Obrigada.

** Indica uma pergunta obrigatória*

DADOS DE CARACTERIZAÇÃO

1. Idade *

2. Género *

Marcar apenas uma oval.

☐

Masculino

☐

Feminino

☐

Prefiro não dizer

6. Em que freguesia do concelho de Grândola resides *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Grândola e Santa Margarida da Serra
- ☐ Azinheira dos Barros
- ☐ Carvalhal
- ☐ Melides
- ☐ Não resido no concelho de Grândola

AGREGADO FAMILIAR

7. Relativamente ao teu agregado familiar, com quem vives. *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Pai e Mãe
- ☐ Só com o pai ou mãe
- ☐ Avós e outros familiares
- ☐ Com o pai ou a mãe em casas separadas
- ☐ Com amigos
- ☐ Outra: _____

8. Quantos irmãos tens? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Nenhum
- ☐ 1
- ☐ 2
- ☐ 3
- ☐ Mais de 4

9. Quais são as habilitações literárias do teu pai *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Não sabe ler nem escrever
- ☐ 1.º ciclo
- ☐ 2.º ciclo
- ☐ 3.º ciclo
- ☐ Ensino secundário
- ☐ Bacharelato
- ☐ Licenciatura
- ☐ Mestrado ou Doutoramento

10. Quais são as habilitações literárias da tua mãe *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Não sabe ler nem escrever
- ☐ 1.º ciclo
- ☐ 2.º ciclo
- ☐ 3.º ciclo
- ☐ Ensino secundário
- ☐ Bacharelato
- ☐ Licenciatura
- ☐ Mestrado ou Doutoramento

COMUNICAÇÃO E TECNOLOGIAS

11. Que equipamentos tecnológicos utilizas com maior frequência. *
- Escolhe no máximo 5 opções

Marcar tudo o que for aplicável.

- ☐ Telemovel
- ☐ Computador fixo
- ☐ Computador portátil
- ☐ Tablet
- ☐ Televisão
- ☐ Consola de Jogos
- ☐ Aparelhagem sonora
- ☐ Outra: _____

12. Que plataformas de comunicação utilizas com maior frequência *
- Escolhe no máximo 5 opções

Marcar tudo o que for aplicável.

- ☐ Facebook
- ☐ Instagram
- ☐ Discord
- ☐ YouTube
- ☐ Snapchat
- ☐ X (antigo twitter)
- ☐ Reedit
- ☐ Email
- ☐ WhatsApp
- ☐ Messenger
- ☐ TikTok
- ☐ Outra: _____

13. Como é que tens acesso às notícias do país e do mundo? *

Marcar tudo o que for aplicável.

☐ Através de amigos e família

☐ Através da televisão

☐ Através dos jornais

☐ Através da rádio

☐ Através das redes sociais

☐ Outra: _____

TEMPOS LIVRES

14. Com que frequência realizas as seguintes atividades de lazer. *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Nunca	Raramente	Alguma vezes	Muitas vezes	Sempre
Ver televisão	☐	☐	☐	☐	☐
Ler um livro	☐	☐	☐	☐	☐
Ver conteúdos multimédia (netflix, Hbo, etc)	☐	☐	☐	☐	☐
Ouvir música	☐	☐	☐	☐	☐
Jogar (playstation, pc)	☐	☐	☐	☐	☐
Ir ao cinema	☐	☐	☐	☐	☐
Consultar redes sociais (TikTok, etc)	☐	☐	☐	☐	☐
Ver vídeos no youTube	☐	☐	☐	☐	☐

15. Como ocupas regularmente os teus tempos livres. *
- Escolhe as que consideras mais importantes

Marcar tudo o que for aplicável.

- ☐ Estar com os amigos na via pública e /ou no jardim
- ☐ Estar com a família
- ☐ Conviver em casa de amigos
- ☐ Jogar com outros jovens (jogos de mesa, sociais e tecnológico)
- ☐ Ir a bares e discotecas
- ☐ Praticar desporto
- ☐ Praticar atividades artísticas (música, teatro, dança, pintura, etc)
- ☐ Estudar
- ☐ Namorar
- ☐ Sozinho
- ☐ Outra: _____

16. Praticas alguma atividade artística ou desportiva na tua escola *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim Avançar para a pergunta 17
- ☐ Não Avançar para a pergunta 18

17. Se respondeste **Sim** indica quais as atividades *

18. Praticas alguma atividade artística ou desportiva fora da escola? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim Avançar para a pergunta 19
- ☐ Não Avançar para a pergunta 20

19. Se respondeste, **Sim**, indica quais *

Marcar tudo o que for aplicável.

- ☐ Danças tradicionais - Folclore
- ☐ Street Dance
- ☐ Danças de salão
- ☐ Dança Contemporânea
- ☐ Pintura
- ☐ Teatro
- ☐ Música
- ☐ Fotografia
- ☐ Escrita
- ☐ Triatlo
- ☐ Artes Marciais
- ☐ Surf
- ☐ Skate
- ☐ Futebol
- ☐ Basquetebol
- ☐ Hóquei em Patins
- ☐ Patinagem Artística
- ☐ Natação
- ☐ Ginástica
- ☐ Ciclismo
- ☐ Outra: _____

20. Com que frequência utilizas os seguintes equipamentos desportivos *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Nunca	Raramente	Algumas vezes	Muitas vezes	Sempre
Piscina Municipal	☐	☐	☐	☐	☐
Campo Relvado	☐	☐	☐	☐	☐
Campo de basquetebol 3X3	☐	☐	☐	☐	☐
Skate Park	☐	☐	☐	☐	☐
Ginásio	☐	☐	☐	☐	☐
Campo de ténis	☐	☐	☐	☐	☐
Polidesportivo Zeca Afonso (junto ao cemitério)	☐	☐	☐	☐	☐

21. Que outros equipamentos desportivos gostavas que existissem no concelho de Grândola *

PARTICIPAÇÃO SOCIAL

22. Colaboras com alguma associação juvenil /estudantil, ou grupo de jovens? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim Avançar para a pergunta 23
☐ Não Avançar para a pergunta 24

23. Se respondeste, **sim**, indica quais.

Avançar para a pergunta 26

24. Se não participas, gostavas de participar? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim Avançar para a pergunta 26
☐ Não Avançar para a pergunta 25

25. Se respondeste **não** diz porquê? *

Marcar tudo o que for aplicável.

- ☐ Não considero que seja interessante
☐ Não tenho tempo disponível
☐ Não conheço nenhuma associação juvenil
☐ Outra: _____

26. Se quiseres sugerir alguma opinião / ideia onde te diriges? *

27. Sabes se em Grândola existe o Conselho Municipal de Juventude. *

Marcar apenas uma oval.

☐ Sim

☐ Não

28. Já participaste em algum projeto de voluntariado? *

Marcar apenas uma oval.

☐ Sim *Avançar para a pergunta 30*

☐ Não *Avançar para a pergunta 29*

29. Se respondeste **Não** diz porquê? *

Marcar tudo o que for aplicável.

☐ Não considero que seja interessante

☐ Não tenho tempo disponível

☐ Não conheço nenhum projeto

☐ Outra: _____

PRÁTICAS CULTURAIS

30. Com que frequência participaste nos seguintes eventos culturais. *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Nunca	Raramente	Algumas vezes	Muitas vezes	Sempre
Feiras	☐	☐	☐	☐	☐
Concertos	☐	☐	☐	☐	☐
Workshops	☐	☐	☐	☐	☐
Teatro	☐	☐	☐	☐	☐
Apresentações de Livros	☐	☐	☐	☐	☐
Exposições	☐	☐	☐	☐	☐
Cinema	☐	☐	☐	☐	☐
Bailes e Festas Tradicionais	☐	☐	☐	☐	☐

31. Quando não participas nos eventos culturais, assinala o motivo. *

Marcar tudo o que for aplicável.

- ☐ Não tenho interesse
- ☐ Não conheço
- ☐ Não tenho transporte
- ☐ O preço é elevado
- ☐ Outra: _____

32. Tens por hábito participar em eventos culturais **fora do concelho de Grândola** *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim Avançar para a pergunta 33
- ☐ Não Avançar para a pergunta 34

33. Se respondeste **Sim**, indica com que frequência participaste nos seguintes eventos *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Nunca	Raramente	Algumas vezes	Muitas vezes	Sempre
Feiras	☐	☐	☐	☐	☐
Concertos	☐	☐	☐	☐	☐
Workshops	☐	☐	☐	☐	☐
Teatro	☐	☐	☐	☐	☐
Apresentações de Livros	☐	☐	☐	☐	☐
Exposições	☐	☐	☐	☐	☐
Cinema	☐	☐	☐	☐	☐
Bailes e Festas Tradicionais	☐	☐	☐	☐	☐

ANEXO E - MATRIZ FOCUS GROUP

Matriz

FOCUS GROUP

MATRIZ COMUM	
1. Perfil Socio biográfico	1.1. Género 1.2. Idade 1.3. Nacionalidade 1.4. Freguesia de residência 1.5. Habilitações literárias
2. Viver em Grândola	2.1. Como é viver em Grândola? 2.2. Quais os pontos fortes e pontos frágeis de viver em Grândola? Porquê?
3. Os jovens, as iniciativas e a participação	3.1. Quais são as principais dificuldades na participação das iniciativas culturais, desportivas e de lazer que consideram mais importantes no concelho? 3.2. Que soluções poderiam existir para esses problemas? 3.3. Consideras que os jovens podiam participar na resolução dos problemas? Como? 3.4. Deveria existir algum local onde os jovens pudessem debater as suas ideias? Que tipo de locais? 3.5. E qual o papel da Escolas? E das Associações?
4. Programas culturais e juvenis	4.1. Onde se encontram os jovens da tua freguesia? 4.2. Consideras que é importante o Município ter programas específicos para jovens? 4.3. Consideras que as atividades culturais são pensadas para os jovens ou só para os adultos? 4.4. Consideras que os jovens deviam participar na escolha das atividades e programas?

ANEXO F - DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO INFORMADO PARA A PARTICIPAÇÃO EM ENTREVISTA ÁUDIO



DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO INFORMADO PARA PARTICIPAÇÃO EM ENTREVISTA ÁUDIO

Título do Estudo

“Políticas Culturais e Juvenis no Concelho de Grândola e os Desafios da Participação Juvenil”

Esta entrevista insere-se num estudo realizado no âmbito do Mestrado de Educação, Práticas Artísticas e Inclusão, da Escola Superior de Educação de Setúbal - Instituto Politécnico de Setúbal. Este estudo tem como objetivos: caracterizar os jovens do concelho de Grândola, com idades compreendidas entre os 13 e os 20 anos; Realizar um levantamento de informação, relativamente à consciência artística e cultural dos jovens e, saber quais as suas áreas de interesse, hábitos culturais e de lazer; Compreender se a oferta da programação cultural e juvenil, vai ao encontro das expectativas dos jovens do concelho de Grândola; Analisar as políticas culturais e juvenis do Município de Grândola. Procurando averiguar, o conhecimento que os jovens possuem das políticas culturais e juvenis, e apelar ao seu sentido cívico e crítico, ao solicitar a sugestão de novas práticas e projetos que podem ser introduzidos a nível municipal.

- Aceito participar no estudo sobre as Políticas culturais e juvenis no concelho de Grândola, e os desafios da participação juvenil.
- Declaro ter lido e compreendido este documento, bem como as informações que me foram transmitidas.
- A participação neste estudo é voluntária e gratuita, sem qualquer tipo de contrapartida financeira.
- Posso recusar participar sem qualquer tipo de consequências e posso abandonar o estudo a qualquer momento, sem necessidade de justificação.
- Confirmo o meu consentimento informado, esclarecido e livre para participar neste estudo, através de entrevista gravada em registo de áudio.
- Permito a utilização dos dados que de forma voluntária forneço, confiando em que apenas serão utilizados para esta investigação e nas garantias de confidencialidade e anonimato que me são dadas pela investigadora.
- Autorizo a transcrição da entrevista, abrangida pelo Código dos Direitos Conexos, no que respeita aos direitos autorais e às formas de utilização nela previstas.

Obrigado por participares.

A investigadora: Sílvia Gomes

email: silviamrgomes@gmail.com ou 220168023@estudantes.ips.pt

Contacto telefónico: 962908773

Assinatura: _____

Nome: _____

Assinatura: _____ Data: _____

Assinatura do Encarregado de Educação: _____

ANEXO G - TRANSCRIÇÃO DO FOCUS GROUP 1

Antes de iniciar a entrevista a investigadora fez uma breve introdução, onde agradeceu a disponibilidade dos jovens, deu a conhecer o uso do gravador, garantiu a confidencialidade dos dados pessoais e explicitou o tema e os objetivos do Focus Group e do estudo.

Informações:

Na transcrição mantiveram-se as marcas de oralidade dos participantes.

Os momentos em que a transcrição integral permite identificação estão assinalados da seguinte forma: (permite identificação)

FOCUS GRUPO 1	PARTICIPANTES
1.1. Género	BS– Feminino, 16 anos, portuguesa,
1.2. Idade	Grândola, 9º ano de escolaridade
1.3. Nacionalidade	CS – Feminino, 16 anos, portuguesa,
1.4. Freguesia de residência	Grândola, 9 º ano de escolaridade
1.5. Habilitações literárias	BB – Feminino, 15 anos, portuguesa,
	Grândola, 9º ano de escolaridade

MODERADOR - Já se apresentaram. Vamos falar de como é que é viver em Grândola. Para vocês, na vossa opinião, como é que é viver em Grândola?

BB - É horrível.

CS - É a mesma coisa, mais ou menos. Depende da situação.

BS - Depende das situações. Acho...

MODERADOR - Por exemplo, diz lá.

BS - A mentalidade de Grândola é muito pequenina. É muito pequenina.

MODERADOR - Sim...

BS- Por isso, eu acho que as pessoas só se limitam...

CS - A coisas pequenas.

BB - Risos

MODERADOR - Muito bem. E o que existe cá, acham que é suficiente?

CS - Não.

BB -Não.

BS – Não. É por isso que toda a gente está a ir embora de Grândola.

MODERADOR - Porquê?

BS- Porque os trabalhos que há, é mais quê restauração e mesmo assim pagam pouco, ou é nas obras ou não é? E depois, também tens o quê? Para sair não tens nada.

BB – Tipo... Não há nada para fazer.

CS – Não há nada para fazer

MODERADOR - Não há nada para fazer. E algo que seja bom aqui, pontos frágeis vocês já disseram muitos, não é? Não há nada que seja bom, pensem lá um pouco.

BB - Aqueles autocarros que agora há para ir para a praia.

CS – Hã, hã.

MODERADOR - Mais.

CS- E as feiras.

BB - As feiras.

CS - E as festas.

MODERADOR - As feiras e as festas?

BB – Depende da festa que aquela de ontem, não tinha lá ninguém.

MODERADOR – A de ontem não tinha lá ninguém?

BS – Grândola tem que começar a saber as datas. Porque quando fazem uma festa cá perto, em Sines, em Alcácer...

BB - Lá nos outros concelhos.

BS – Yah. Lá nos outros concelhos e claro que toda a gente vai aos outros concelhos

MODERADOR - Vão aos outros concelhos e não ficam cá?

BB - Porque os outros são melhores.

CS – São melhores.

MODERADOR - O que é que é melhor? É a programação?

CS- E a música.

MODERADOR - É a música que escolhem. Está bem. Então, o que é que faz com que os jovens não participem nas atividades culturais, desportivas e de lazer aqui no concelho?

BB - Não sabem que há.

MODERADOR - Não sabem que há? É a divulgação, é isso? Vocês nunca sabem o que há cá em Grândola?

CS - Falta de interesse.

MODERADOR - Falta de interesse?

BS - Porque nem toda a gente segue a página do município de Grândola no Insta, né?

BB - E no Insta normalmente dá depois só as fotos do que aconteceu antes de eu saber o que é que há.

MODERADOR – Ou seja, a divulgação faz com que não participem nos eventos

CS- Fazem mais atividades mais para as crianças pequeninas.

MODERADOR – Do que para os jovens?

CS– Tipo ou que estão na básica, ou que estão na primária, os da secundária ... (foi interrompida)

BS - Por exemplo, eu, neste momento, não é que eu queira ir para o cortamato porque a última vez fui expulsa, mas eu não posso participar no cortamato porque não consegui fazer o vai e vem. Isso é bué mau.

MODERADOR - Vocês acham que é isso, não sabem o que é que acontece, as iniciativas não são divulgadas e as que fazem são para os miúdos mais pequenos, não são para a vossa faixa etária. E que soluções é que vocês acham que podiam resolver este problema da falta de divulgação e do tipo de atividades?

CS - Meter uma caixa de ideias que os adolescentes diziam, mas depois tinham que realizar, ou falarem nas escolas, tipo a secundária ou a agrícola, comunicarem não só na básica, na primária, na creche. E é fácil.

BB - É isso.

MODERADOR - É isso, concordas?

BS - Só tens de concordar.

MODERADOR - Está bem. E se existisse um sistema, tirando a caixa de ideias, um local, um espaço, onde os jovens pudessem debater essas ideias? Falar sobre essas ideias? Que tipo de local é que vocês acham que devia existir?

CS – O cine Granadeiro.

BB - Eu duvido que fosse lá alguém.

MODERADOR - Achas que não ia? Porquê?

BB - Não, porque cá, ninguém quer saber disso.

CS – Yah.

BB -Querem que as coisas aconteçam, mas também não querem fazer nada.

CS – Yah.

MODERADOR - Então a caixa de sugestões seria uma boa ideia. É isso?

BB – Porque para estar a marcar uma data para as pessoas irem lá, a metade não vai. Diz que vai, depois não vai.

MODERADOR - E não vão porquê?

CS - Fazerem muitos debate, irem às turmas e darem ideias.

BB - Também dava. Porem lá no Insta, tipo (interrompida).

CP e BP – Yah.

BB - Quem é que podia vir cá às coisas e depois porem para a gente escolher. E aquilo dá para pôr as votações. O que ganhasse essa era o que vinha.

MODERADOR – Então pensam que a escola e as associações que existem e os clubes podiam ajudar nisso?

BS - Sim.

MODERADOR - Sim? Pensam que era importante ajudarem nisso? E a escola?

BB - É que as associações não possam ser só para certas pessoas e não sei o quê, eu agora não posso ir ao golfe que eu gosto, porque há a coisinha de...

BS - Verdade.

BB - As coisas é só para os riquinhos de lá.

BS - E eu não posso ir para o Golfe porque sou da (permite a identificação).

BB - Não, mas há o mesmo sem ser da escola. Há uma associação que é do Golfe, mas eles não me deixam a gente ir.

CS- Porquê?

BB – Agora é só para os riquinhos?

BS - É.

BB - Vou morar no bairro das piscinas, já podia.

(Risos)

MODERADOR – E a escola podia ter um papel importante a falar com os jovens, a debater as ideias dos jovens?

BB - E a divulgar também.

MODERADOR - E a divulgar também? Acham que era importante?

BB – Pois se a escola falasse...

MODERADOR - E as associações divulgavam como? E os clubes?

CS - Nas páginas dos clubes.

BS - Yah, nas páginas .E nos atletas? Sim.

BB - Podiam fazer mais tipo torneozinhos assim. Como às vezes quando há as finalistas, há aqueles torneios de futebol e isso. Podiam fazer isso sem ser com os finalistas.

BS – Hum, hum

BB - Qualquer um poder fazer assim as suas equipas, é isso?

CS - Yah

BS - Porque os adolescentes aqui de Grândola só fazem mais coisas quando os finalistas vêm. Porquê eles pensam logo em festas e aquilo. Por isso dão mais atenção aos finalistas do que propriamente às outras pessoas.

BB - Porque é mais da mesma idade, há de escolher uma coisinha assim melhor.

MODERADOR - Ou seja, vocês pensam que as atividades que são feitas, organizadas pelos jovens, como é o caso dos finalistas, são melhores do que aquelas que são organizadas por exemplo pela Câmara?

CS - Depende. As da Câmara pensam em toda a gente. Mais ou menos. E os finalistas mais para a nossa idade.

MODERADOR - Sim, mas vocês gostam mais dessas porque é para a vossa idade. É isso, conhecem os vossos gostos.

BS - Mais ou menos.

MODERADOR – Aqui em Grândola, onde é que os jovens se encontram?

CS - No bar da Malta.

BS - É só nos bares.

CS - Porque antes havia o Estúdio Jovem.

BS– Mas agora só vais para lá... Quando a gente era mais novas, não podíamos ir ao estúdio jovem, porque supostamente era a partir de uma idade.

MODERADOR - A partir dos 10 anos?

BS - Sim.

CS - Agora nós vamos para o estúdio jovem.

BP – Aquilo é só crianças. Estão lá miúdos de 9, 8 anos.

BS – Aquilo é só crianças. Parece a ludoteca.

MODERADOR - Estão lá miúdos mais novos do que os 10 anos?

BB – Muito mais

BS- Então agora, praticamente ninguém da nossa idade vai para o estúdio jovem.

CS – É o que eu penso, eu não consigo entender.

BB - É infantil.

MODERADOR - Consideram que os programas só para jovens que a Câmara tem são importantes? Vocês conhecem esses programas?

BB - Ah, isso sim.

MODERADOR - Quais é que vocês conhecem?

BB - O Bora Lá Bulir.

CS- E o Mês da Juventude.

MODERADOR - O Mês da Juventude, mais?

BS - O Mês da Juventude também é bom.

BB -Também.

MODERADOR - Que outros programas é que vocês conhecem? Que são só para jovens. Só isso. Só conhecem o Bora Lá Bulir e o Mês da Juventude.

CS – Só isso

BS - Ah, e Grândola devia ter mais desportos. É que eu não me dou bem com coisas de correr. Tipo, podiam... Gol, golfe.

MODERADOR- E já agora, as atividades culturais que fazem aqui em Grândola, os eventos que fazem aqui em Grândola, vocês acham que eles são pensados para os jovens ou são pensados para os adultos?

TODOS- Adultos.

CS - Porque a maior parte das coisas que a gente vê no Insta desses eventos, ou são ali na Casa Mostra, mas é só malta mais, mais.

MODERADOR - Estás a falar no quê?

BS- Nos sunsets?

CS - Sim, e esse tipo de coisas.

MODERADOR - E os teatros ?

BS – Ninguém se interessa por isso.

BB – Não

MODERADOR - Não. E se fossem teatros diferentes? Para jovens

BS - Pois.

BB - Depende.

MODERADOR - E com a escola? Não vão aos teatros com a escola?

CS - Não. Também isso é uma discriminação. Discriminam bué a (permite identificação). Quando todas as outras escolas vão aos teatros e cinemas, nós estamos sempre na escola.

MODERADOR – E se os jovens participassem na escolha das atividades direcionadas para jovens? Imaginem que os jovens podiam dizer aquilo que gostavam que existisse. Acham que isso seria importante?

CS - Importante.

BB – É importante, mas também não é estarem a dizer que têm... às seis horas a gente vai para lá, vamos decidir, podem ir lá. Toda a gente participa. Não, ninguém vai.

MODERADOR - E não vão porquê?

BB - Porque as pessoas aborrecem-se de irem. Não estão habituadas a dizer aborrecem-se.

CS- É mesmo é ir às escolas.

MODERADOR - Mas pensam que era importante os jovens poderem decidir ou não?

CS- Sim.

BS - Sim.

MODERADOR - E o que é que vocês gostavam que existisse?

(Silêncio) (Risos)

BS - Desportos diferentes, não só... Porque aqui em Grândola focam-se muito no Grandolense, porque é a realidade.

CS- Tudo tem grandolense, tudo! Grandolense e os javalis.

BS - Acho que deviam expandir mais...

CS - Criar uma coisa parecida ao Estúdio Jovem.

BB - Mas só para... Para as idades certas.

MODERADOR - A Casa da Juventude, é isso?

CS – Tipo com graffiti, essas coisas.

MODERADOR - Gostavam de graffitis?

CS - Sim.

BB - Aquelas placas que às vezes metem, dá.

MODERADOR - Para... E atividades artísticas como o graffiti e mais coisas desse género, era isso?

BS - Tipo aulas de skate.

BB - E ali o parque de skate devia estar sempre aberto.

CS - O skate parque sempre aberto, sim. Porque ele tem um horário e há malta que não vai, não é? Não vai andar de skate aquela hora.

BS - E há a moda que... Uma piscina aberta.

CS- Há malta mais velha aqui em Grândola, eu conheço, tenho amigos meus que são mais velhos e não vão, não vai por causa do trabalho e essas cenas assim, não vão para um parque de skate às oito da noite para ir andar de skate.

MODERADORA – Mais ideias

BB – Saídas. Todos os sítios têm. Até mesmo na escola, os de Santiago vão a Londres, vão a Lisboa e a gente só vai até Lisboa, nunca passamos de Lisboa.

CS - O (permite identificação) o ano passado foi a Itália.

BB Foi onde?

CS – Era Itália

MODERADOR – No Intercâmbio?

CS - Não. Intercâmbios? Não, foi mesmo uma visita de estudo.

BB - Visita de estudo. Toda a gente vai a sítios bué fixes. E a gente está cá em Grândola, não vamos.

MODERADOR - E se existissem intercâmbios aqui em Grândola, vocês participavam?

Irem a outros países, conhecer outros jovens. Os jovens virem cá.

BB – Yah.

BS - Acho que deviam fazer... Não é uma fusão, mas às vezes fazer atividades com... as várias escolas aqui de Grândola, juntarem as várias escolas cá de Grândola

BB – Yah.

CS – Também o CEFIM, esquecem-se do CENFIM.

BS - Também os convívios. E o que cada escola faz, porque aqui em.

CS - Grândola... Uma amostra, quase, do que cada um faz e estarem todos juntos, é isso.

BB - E quem sabe, também, dos sítios aqui ao pé, Sines Santiago.

MODERADOR - Um intercâmbio com as escolas dos concelhos aqui vizinhos?

BB - Exatamente. Para se conhecerem melhor, é isso? Profissionais e sem ser profissionais.

(Risos)

BB - Por exemplo, no meu caso, estou na (permite identificação). Ninguém sabe, ninguém quase cá em Grândola sabe ou conhece a (permite identificação) depois nunca ninguém vai para lá.

BS - Ali nos pavilhões, agora dei um flashback, ali nos pavilhões juntarem, fazerem como às vezes os alunos da secundária vão ver a agrícola.

MODERADOR - Ah, já sei, uma mostra de ensino.

BS - Juntar... juntar as escolas, estar ali várias escolas para perceber o que é que existe. O que é que podem escolher, é isso?

CS - Sim

(Risos)

BB - Assim se calhar ia mais gente.

MODERADOR - Muito obrigada.

BS - Mais uma coisa.

MODERADOR - Ah, claro. Siga.

BS - Na feira de Grândola, este ano, não foi assim tão fixe porque... Acabou os concertos. E não houve mais nada.

MODERADOR - Não havia um...

BS - DJ!

MODERADOR - Não existiram eventos para jovens?

BS - Eventos para jovens, acabava... Eu só fui ao primeiro dia, porque foi o Super Squad.

MODERADOR - E gostaram dos Super Squad?

BS e CS – Yah.

BS - Foi sim. E o T-Rex. Eu estava lá à frente. E o T-Rex foi um rico fixe. Toda a gente estava... E imagine, nas outras feiras em Santiago, fui praticamente todos os dias. Mas depois dos concertos, havia DJs.

MODERADOR - E aqui não há?

BS - Aqui não há.

BS - Depois eu não ia e ficava até às 4, 5 da manhã.

CS - E depois DJs, com musica boa.

BS- É por isso que quando há eventos no mesmo dia que cá em Grândola, toda a gente vai para fora e não fica cá.

CS - Em Alcácer também.

BS - É a mesma coisa.

CS - É a mesma coisa também e depois, olha, que Alcácer é pequenina... Quer dizer que só aqui em Grândola é que é assim, há um concerto e acabou...

BB - Ai, é verdade.

BB - Cá o Estúdio Jovem não fazem mesmo nada, porque lá em (permite identificação) vão lá a pistas de Karts sem pagar nada e a gente está aqui quietinho, não faz nada. Eles meteram-me inveja, meteram-me bué inveja, tipo (risos) nunca tinha ido ali à pista de Karts e eu não fui a lado nada nenhum, cá não há nada.

BS - Claro, cá não há nada.

BB - Só nos levam à praia. Não há nada. E ninguém vai à praia. Eu à praia tenho um autocarro e vou.

CS - E depois vamos com o estúdio jovem para a praia e depois temos de ter um tempo de estar na água.

BS – Não!

BB - Eu não sabia disso.

CS- E cuidar das crianças que estão lá.

MODERADOR – Mais opiniões

BB – Olha eu andei nos (permite identificação).

CP e BS – Também andei.

BS - É verdade. Eu até gostei porque eles chamavam pessoas de fora, tipo do Chapitô.

BB – Yah.

MODERADOR - Sim, e gostavam das artes circenses

BS - Sim, eu sei fazer o malabarismo à pala do Chapitô, não é?

MODERADOR . É porque andaste nessa associação que aprendeste com o Chapitô? BS - Sim, eu praticamente estava a ajudar as crianças com deficiência que estavam lá. Mas só que aquilo agora está um bocado diferente, não está lá quase ninguém e já não se fala tanto dos (permite identificação), e então é isso.

MODERADOR - Já não existe essa parceria com o Chapitô?

BS- Se calhar já não.

BS – Quando a gente esteve lá foi o último ano.

MODERADOR - E se existissem artes circenses, essas coisas assim, vocês gostavam, era?

BB – Yah.

CS - A gente se habituou a ensinarem a fazer malabarismo, tipo circo, uma cena assim, era fixe. Está bem.

BS - O (permite identificação) é só falado quando vão aqui fazer espetáculos.

BB - E paga-se, não é?

CS -Pois... E paga-se. E de resto não.

MODERADOR - Está bem. Mais alguma coisa que queiram dizer?

BB - Pera, eu estava me lembrando de uma coisa.

CS – Bora BB tu consegues.

BB - Mas não me lembro só isso.

BS - Pera. Já estou... Mas é a pensar demais

CS– Já que é para dar informação toda. A gente dá informação toda.

ANEXO H - TRANSCRIÇÃO DO FOCUS GROUP 2

Antes de iniciar a entrevista a investigadora fez uma breve introdução, onde agradeceu a disponibilidade dos jovens, deu a conhecer o uso do gravador, garantiu a confidencialidade dos dados pessoais e explicitou o tema e os objetivos do Focus Group e do estudo.

Informações:

Na transcrição mantiveram-se as marcas de oralidade dos participantes.

Os momentos em que a transcrição integral permite identificação estão assinalados da seguinte forma: (permite identificação)

FOCUS GRUPO 2	PARTICIPANTES
1.1. Género	CB – Feminino, 18 anos, portuguesa,
1.2. Idade	Grândola, 12º ano de escolaridade
1.3. Nacionalidade	MS – Feminino, 16 anos, portuguesa,
1.4. Freguesia de residência	Grândola, 10 º ano de escolaridade
1.5. Habilitações literárias	WB – Masculino, 15 anos, brasileira,
	Grândola, 9º ano de escolaridade

MODERADOR -Para vocês, como é que é viver em Grândola?

WB -É um sítio seguro.

CB - Parece o fim do mundo.

MS - Não há muita coisa para fazer.

MODERADOR – Em Grândola o que identificam como seja bom e algo que seja mau? Um ponto forte e um ponto fraco de viver aqui em Grândola?

WB- Um ponto fraco é que não há nada.

MODERADOR - E um ponto forte?

CB -Epá, é ter cinema.

MODERADOR – Certo, é bom ter cinema.

MS -Dá para sair com os meus amigos e não há muita confusão na rua. É sossegado.

(silencio)

MODERADOR - Mais coisas. E agora pontos fracos?

MS - A escola.

CB- A escola não é lá grande coisa, está a cair.

WB - As atividades.

MODERADOR - As atividades?

CB- Não há campo de vólei.

WB - Nem de golfe.

MODERADOR - Mas existem 5 campos de golfe aqui no Concelho.

WB - Mas não é qualquer um que pode ir lá sem pagar.

MODERADOR – Ok, que dificuldades é que vocês identificam para participarem nas atividades, sejam elas culturais, desportivas ou de lazer aqui no Concelho?

WB - Nunca sei quando é que é.

CB - Pode repetir a pergunta.

MODERADOR - Quais são as principais dificuldades que vocês identificam na participação dos eventos culturais e desportivos aqui no Concelho? E de lazer também?

CB – Nunca se ouve falar nada disso.

MS - Só está publicado nas redes sociais, mas não chama muita a atenção.

CB - Sim, não me parece serem lá grande coisa.

WB - Os carros eu queria ir ver, mas só vi depois a foto dos carros

MS - Ah, aqueles carros antigos.

CB - Sim, mas aqueles ecrãs que...

WB - Ah, os ecrãs?

CB – Não são nada bons.

MODERADOR - Os ecrãs luminosos?

WB - Sim, é que tem uma luminosidade que.

CB - Um carro passa lá e ainda se espeta contra aquilo.

WB - Não, aquilo não dá para perceber nada.

CB - Talvez não. E a claridade daquela coisa, fogo!

MODERADOR – Pensam que é um problema de divulgação, não é da qualidade das atividades, é da divulgação.

MS - Sim, como há aqueles cartazes do circo, ou assim, podia haver também.

WB - Ah, mas também é das atividades, que aqui isto só faz coisas pra velhos.

MODERADOR - Para adultos, é isso?

MS - Sim, há mais atividades para os idosos.

WB - Não pensam na gente.

MODERADOR - E quais são as soluções que vocês acham que podiam existir para não haver este tipo de problemas? O que é que vocês sugerem?

CB - A MS já sugeriu o cartaz tipo os do circo.

WB - A gente poder participar em escolher o que é que é as atividades.

CB - Exatamente, porque as atividades que há são, são...

WB - Escolher os filmes lá no cinema

CB - Exatamente, porque às vezes os filmes são o que são.

MS -Pois, às vezes não é assim tão apelativo para nós.

CB- Yah. Portanto.

MODERADOR - Então vocês acham que os jovens podiam participar na resolução desses problemas que existem?

MS - Sim.

MODERADOR - E como? Já falaram aqui de escolher os filmes. Como é que faziam isso? Como é que os jovens podiam escolher aquilo que gostavam?

WB- Iam lá ao departamento falar ali com o chefe daquilo tudo e pediam.

MS - Eu acho que era mais fácil, como agora se usa tantas redes sociais, meter por exemplo aquelas caixas de perguntas e assim no Insta ou Instagram ou no Facebook para responder-se o que é que gostava de ter.

MODERADOR - E achas que os jovens vão ao Facebook?

MS - Não. Só há alguns, mas muito poucos. Mas tem até mais no Instagram.

WB - Muito mais.

CB -Então era isso, os call de perguntas.

MODERADOR - E se existisse um local onde pudessem debater as ideias, acham que isso seria importante?

(Silêncio)

MODERADOR - Mesmo um local?

CB - Presencial?

MODERADOR - Sim.

MS - Se calhar... Presencial.

WB- Eu e os meus tropas não íamos lá.

MODERADOR - Online era melhor, é isso?

CB - Online era melhor, agora é tudo online.

MODERADOR - E o papel das escolas e das associações?

(silêncio)

MODERADOR - No meio disto tudo, destes problemas que existem...(interrupção)

WB – Não fazem nada.

MODERADOR - Como é que vocês acham que as escolas e as associações eram importantes para resolver estes problemas?

CB - Epá, a escola podia ter um ou dois clubes assim mais diversificados.

WB -Tipo avisar também das cenas.

CB - Só há coisas do desporto. Não há nada

MODERADOR - Na divulgação também?

MS - Sim, a escola também não tem assim muita coisa. Tem algumas coisas do desporto escolar, mas.

CB - Yah.

MS - Também é um bocado fraco.

CB - E onde é que está o teatro? Onde é que está o clube robótico? Onde é que está o clube de ciência?

MODERADOR - Isso não existe?

CB - Não existe, só existe o desporto.

WB - Existe.

MS - Abriu o vólei este ano.

CB - Quando eu andava na escola não havia.

WB – Na básica havia.

CB -O quê? Xadrez? É a única coisa que tem na Básica.

WB - Não, mas havia o outro que o professor até me convidou para ir lá.

CB - O da Robótica?

WB – Yah.

MODERADOR – E tu fostes?

WB – Não.

MODERADOR - Porquê?

WB - Porque não me apeteceu. Olha lá, mas aquilo era a horas que eu depois chegava muito tarde.

CB - Quando eu estava na básica não havia.

WB - Está bem, mas estou a falar dos tempos de agora não tenho culpa que sejas velha.

CB - Pronto.

MODERADOR - Aqui em Grândola, onde é que os jovens se encontram?

WB - No jardim.

MS - Na casa uns dos outros.

CS - Em casa.

MODERADOR - No jardim, na casa uns dos outros, mais?

WB – No Lidl, no Coviran.

MODERADOR - Achas que é importante a Câmara Municipal ter programas só para jovens?

MS - Sim.

MODERADOR - Sim?

CB - Sim, pois.

WB -Sim.

MODERADOR - Consideras que as atividades culturais são pensadas para os jovens ou só para os adultos aqui em Grândola, quando fazem eventos culturais?

WB – Aquilo são velhos a tentarem ser jovens e não fazem nada de jeito.

MS - Só acho que só pensam nos adultos.

CB -Eu acho que tentam pensar como jovens. Não chegam lá. Não alcançam. E é mais uma satisfação própria.

MODERADOR - Que programas é que vocês conhecem? Que iniciativas é que conhecem aqui da Câmara só para jovens?

WB- Bora lá bulir.

CB - Ah, é o Bora Lá Bulir.

MODERADOR - Mais.

MS – O vivam as férias.

MODERADOR - E vocês já participaram em alguma dessas iniciativas?

WB - Népia não tenho idade?

MS - Já no Bora Lá Bulir duas vezes.

CB - No Bora Lá Bulir uma vez.

WB - Não tenho idade.

MODERADOR - E pensam que é importante para os jovens participarem na escolha das atividades e dos programas? Tal como podiam participar na escolha dos filmes, participavam na escolha das atividades culturais, em programas próprios para jovens?

MS - Sim, porque assim nós podemos dar a nossa opinião do que é que nós gostaríamos que houvesse aqui.

MODERADOR - O que é que gostavam que existisse aqui em Grândola?

(longo silencio)

MODERADOR - Não sabem o que é que gostavam que existisse aqui em Grândola para jovens?

CB - É pá, não eram tantas iniciativas. Era mais, imagina, um clubezito. Só para ir a conhecer pessoas que tinham os mesmos gostos que nós.

WB - Intercâmbios. E, tipo, a gente estar mais junto ali com a malta que é daqui de ao pé. Santiago, Alcácer...

MODERADOR - E os intercâmbios eram com outros países, é isso?

MS - Também, também, sim.

MODERADOR - Se houvesse, vocês participavam?

MS - Acho que sim.

WB – Yah.

MODERADOR - E o que é que gostavam mais que existisse cá?

MS - Podemos mais, se calhar, animação à noite, aos fins de semana, no jardim.

WB- Cá não há nada, nos outros sítios há sempre mais coisas. Não se quer ir assim muito longe a Lisboa, não, vamos aqui ao pé.